

in-fân-cia *lat noamer cana*



**Pensando
com Irene Balaguer**

Editorial >>**Jornada Internacional de educação infantil. Pensando com Irene**
Mercedes Blasi**História da revista** >>**Revista Infancia Latinoamericana**
Eulalia Mangado**Trajectoria de Irene Balaguer** >>**Irene incansável**Assumpta Baig, Mercedes Blasi, Montse Jubete, Sílvia Morón, Montserrat Ramos, Clara Salido, M^a Josepa Udina, Josep M^a Villena, Pepa Òdena y Rosa Securun**De que infância estamos falando?** >>Mercedes Blasi (Granada)
Ana Lia Galardini (Pistoia)
M^a Carmen Silveira Barbosa (Brasil)
Eva Jansa (Barcelona)**Que professores precisamos?** >>Jennifer Haza (Mexico)
Jaqueline Moll (Brasil)
M. Carme Bernal Creus (Barcelona)
Sergio Díez (Cantabria)**Que escola queremos?** >>Claus Jensen (Dinamarca)
Mara Davoli (Reggio Emilia, Italia)
Agnès Szanto (Loczy, Hungria)**Das políticas à escola** >>Peter Moss (Londres)
Carmen Ferrero (Madrid)
Sonia Larrubia (Brasil)**Palavras para Irene** >>Assumpta Baig (Fundació Marta Mata)
Francina Martí (Associació de Mestres Rosa Sensat)
Sara Blasi (Fundació Artur Martorell)
Mercedes Blasi
Miquel Àngel Essomba (Exdirector de la revista Perspectiva Escolar)
Diari de l'Educació (Catalunya)
Philippe Meirieu (França)
Colectivo revista Infancia (Latinoamerica)
Enric Batiste "Poemas Para Irene". (Barcelona)
Anna Casanova (Danza), Montserrat Soldevila (Cantata) y Marinao Dolci (Titeres)**Palavras de Irene** >>**Intervenção de Irene no encontro internacional "Educazione e / è politica".** (Itália).**Bibliografia Irene** >>**Publicações de Irene Balaguer**

in-fân-cia

Editorial

lat noamer cana

Jornada de Educação Infantil: Infância, Professores e Escola. Pensando com Irene Balaguer



— MERCEDES BLASI

Infancia latinoamericana dedica este número monográfico à Jornada Internacional da Educação Infantil: infância, professoras e escola, realizado em 6 de julho de 2019, promovido e organizado pela Associação de Professoras Rosa Sensat, a Fundação Artur Martorell e a Fundação Marta Mata. Trata-se de documentar e compartilhar a riqueza das reflexões, análises e emoções que surgiram naquele dia em torno da figura pedagógica e pessoal de Irene Balaguer, professora de educação infantil e pedagoga.

O dia foi organizado em quatro blocos que buscaram recolher alguns dos temas que caracterizaram muitas das conversas e encontros que Irene promoveu ao longo dos anos com os diferentes grupos e pessoas que se reuniram em torno de sua figura:

De que infância estamos falando?
De que professores precisamos?
Que escola queremos?
Das políticas à escola.

Nas diferentes intervenções que encontraremos neste número, há fios profundos que Irene espalhou e teceu em sua incansável dedicação à infância:

Meninos e meninas são cidadãos com direitos, e a “Convenção sobre os Direitos da Criança” é o grande instrumento, uma ferramenta magnífica para todos aqueles que reconhecem a criança como uma “pessoa” desde o nascimento, obrigando força jurídica e política em todos os lugares, e dando aos adultos a obrigação de manter uma relação de respeito com as crianças.

Fazer da democracia o nosso estilo. O modo de viver e relacionar-se com os outros em contextos sociais implica manter e aumentar a participação, a tomada de decisões e a responsabilidade coletiva. Irene, uma mulher profundamente generosa com o conhecimento, gostava de compartilhar e dar a conhecer realidades, autores, experiências ... estimulando-nos a pensar, argumentar, propor, questionar e criticar o nosso fazer... refletir por nós mesmos, ter uma opinião própria, diferente e

in-fân-cia *lat noamer cana* Editorial

Jornada de Educação Infantil: Infância, Professores e Escola. Pensando com Irene Balaguer



Jornada de Educação Infantil: Infância, Professores e Escola. Pensando com Irene Balaguer

Editorial

História da revista

Trajectoria de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

até conflitante com a dos outros, a ser pessoas livres, solidárias e felizes.

Fazer relações com a nossa força. Era comum que novos projetos e propostas surgissem nos diálogos com ela, embora a realidade às vezes tenha pesado com as vicissitudes políticas sempre havia espaço para um novo desafio, para esperança..., incansável, imbatível ao abandono. O seu espírito combativo e os vastos conhecimentos adquiridos ao longo dos seus anos de experiência levaram a sua ação de articulação de redes de pessoas comprometidas com a infância,

“Trata-se de tecer, tecer uma tapeçaria tão grande e vasta quanto a gente consegue, uma tapeçaria que será diferente, como diferente é a realidade educacional do mundo. A espessura da urdidura

será diferente, a cor e o material serão diferentes ... será diferente, porque a diversidade é a sua força. Uma tapeçaria, porém, que compartilha uma trama, a de respeitar as crianças, de buscar o melhor para acompanhá-las em seu processo de emancipação e descoberta do mundo”.

Companheiras, temos a tarefa de continuar a construir e fortalecer essas redes, a infância merece e nossa amiga e companheira nos mostrou o valor de nos sentirmos membros de um projeto em que não estamos sós e somos muitos. Uma rede densa, como as que as revistas criaram, é a vontade coletiva que a desenvolve, é a afinidade, é a vontade de mudar, é a vontade de aprender.

■ **MERCEDES BLASI**

Conselho de Redação da Espanha.

in-fân-cia *lat noamer cana* História da revista

Revista Infancia Latinoamericana

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

— EULALIA MANGADO

Agradecimento: Fundação Marta Mata, Fundação Arthur Martorell e Associação de Professores Rosa Sensat e todas as pessoas que trabalharam na organização deste Congresso Internacional para o qual estamos aqui hoje.

IRENE

“Quem quer que nomeie, chama. E alguém vai, sem hora marcada, sem explicações, para o lugar onde o seu nome, dito ou pensado, o está chamando.

Quando isso acontece, tem-se o direito de acreditar que ninguém vai embora até que morra a palavra que esse chamado, ardente, lhe traz.”

Janela na memória (III). As palavras ambulantes. Eduardo Galeano. 1993.

Irene, hoje te nomeamos, hoje te chamamos, hoje te trazemos. E acima de tudo hoje “nos fazemos ardentes” em seu nome. Estamos aqui para pensar e sentir com você e com tantos que vieram de todas as partes do mundo.

Conselho Editorial da Infância da América Latina, 2011



Conhecemos Irene em 1994, há 25 anos, quando ela administrava o Instituto Municipal de Educação, IMEB, na Prefeitura de Barcelona.

Desde o primeiro momento fomos impactados por sua personalidade, sua integridade, dedicação e comprometimento, assim como por suas convicções pelas quais lutou incansavelmente. Aquela Mulher aparentemente séria e resistente escondia uma ternura, uma doçura e sabedoria que se manifestava logo depois com as suas palavras e gestos, sempre precisos e justos.

Naquela época trabalhamos em uma proposta de intercâmbio e irmandade entre as Escolas Bressol¹ e os

in-fân-cia *lat noamer cana* História da revista

Revista Infancia Latinoamericana



Centros do Programa “Nossas Crianças” da Prefeitura de Montevideu, proposta promovida por ela, Silvia Morón, Tere Majem e tantas outras que compunham uma equipe técnico-docente muito sólida.

Em seguida, um grupo de dez profissionais, professoras e educadoras, teve a oportunidade de viajar e conhecer as escolas e o trabalho realizado em Barcelona. Também tivemos o privilégio de conhecer Marta Mata, que nos acolheu em sua casa. Nos alimentamos com conhecimentos, trocas, experiências e também compartilhamos uma deliciosa paella!

Essas instâncias contribuíram muito para o nosso projeto político de educação infantil, iniciado pelo primeiro governo estadual de esquerda no Uruguai.

Posteriormente, e no âmbito das viagens de estudo organizadas pela Associação de Professores Rosa Sensat, recebemos um grupo de 30 Professores em Montevideu, com Irene à frente. Nossos Centros Comunitários de Educação Infantil estavam começando a funcionar em uma realidade complexa, onde 6 em cada 10 meninos e meninas nasciam e eram criados na pobreza. Nesse ambiente, Irene sempre demonstrou entusiasmo contagiante, apontando os pontos fortes das equipes, a participação das famílias e comunidades, aspectos que motivaram e promoveram a continuidade do trabalho.

Também fomos convidados a fazer parte do grupo de estudos que viajou a Reggio Emilia em 1999, experiências e vivências inesquecíveis pelo aprendizado e compartilhado graças à sua enorme generosidade.

Irene olhava para o mundo, mas Irene sempre olhava para o sul. Entre seus sonhos tornou-se importante poder editar uma revista que reunisse experiências, conhecimentos e também estreitasse os laços entre os países latino-americanos. Mas Irene não era uma mulher que guardava sonhos: lutou por eles, trabalhou para torná-los realidade, procurou, perguntou, lutou, fez ... Depois de várias tentativas, em 2010, fomos convocadas a pensar em como tornar essa ideia realidade. Por isso estivemos na Associação Rosa Sensat representantes do Brasil, Venezuela, Chile e Uruguai.

Concordamos que o ponto de desenvolvimento e evolução das tecnologias de comunicação naquela época nos permitiria trazer à realidade este projeto de que falamos há pelo menos 12 anos. Decidimos que o nome da revista seria Infancia Latinoamericana e fizemos acordos explícitos sobre critérios de organização, funcionamento e participação. Definimos que os principais destinatários seriam professores e professoras em exercício, também estudantes da educação infantil e pessoas do meio universitário ou com responsabilidades nas políticas educacionais que afetam a infância.

n°28

REVISTA DIGITAL DA ASOCIACIÓN DE MAESTROS ROSA SENSAT
ABRIL 2020

Editores Redação Coordenação Conselhos Apoios

in-fân-cia *lat noamer cana* História da revista

Revista Infancia Latinoamericana

Editorial

História
da revista

Trajetória
de Irene Balaguer

De que infância
estamos falando?

Que
professores
precisamos?

Que escola
queremos?

Das políticas
à escola

Palavras
para Irene

Palavras
de Irene

Bibliografia
Irene



50 Rosa Sensat Summer School, 2015

in-fân-cia *lat noamer cana* História da revista

Revista Infancia Latinoamericana



Os meios tecnológicos proporcionam-nos o indispensável trabalho cooperativo na rede e o trabalho de materialização, distribuição e divulgação da revista, bem como o acesso à internet necessário para ler a revista em formato digital, descarregá-la e compartilhá-la, sem excluir a possibilidade de impressão, como foi feito com alguns números.

As equipes que integraram o grupo inicial se empenharam em formar os Conselhos Editoriais em nossos países e também em expandir a rede, sempre a partir da postura político-ideológica e da renovação pedagógica que a Associação apoia.

No site da Associação Rosa Sensat, foi criado um espaço virtual denominado Comitê Coordenador da Infância Latino-Americana para a troca de documentos e mensagens entre os membros dos Conselhos Editoriais dos países participantes.

A revista está estruturada em seções, com três edições anuais que saem nos meses de abril, agosto e dezembro e um esquema de resumos que foi desenhado no início e é mantido até hoje. Fazemos um rodízio e cada país é responsável por um número sempre visando a participação de todos, contribuindo com artigos de acordo com suas possibilidades.

Todos os anos nos reunimos em diferentes lugares: Barcelona, Paraguai, Brasil, Equador, Chile, para participar

de Encontros com temas relacionados à Educação Infantil e também para propor sessões de trabalho da LATI, como a chamamos, em sua revisão, avaliação e planejamento.

Vale ressaltar que a Revista n° 28 está para sair e que todos os números estão sendo traduzidos para o português com o esforço e trabalho das companheiras do Conselho do Brasil e da rede.

O trabalho daqui e de cada um dos grupos tem sido árduo, mas também rico e agradável. A presença permanente e sustentada de Irene esteve sempre presente, abrindo as portas de sua casa com grande generosidade. Assim tivemos o privilégio de conhecer seu dia a dia e compartilhar momentos com seu companheiro de vida, suas filhas, sua neta e seus afetos.

■ EULALIA MANGADO

in-fân-cia *lat noamer cana* Trajetória de Irene Balaguer

Irene incansável



- ASSUMPTA BAIG
- MERCEDES BLASI
- MONTSE JUBETE
- SÍLVIA MORÓN
- MONTSERRAT RAMOS
- CLARA SALIDO
- M^a JOSEPA UDINA
- JOSEP M^a VILLENA
- PEPA ÒDNA
- ROSA SECURUN



Irene Balaguer Felip, Professora, professora de professoras e professores, lutadora, defensora dos Direitos da Criança; sempre trabalhou pela Pequena Infância, escola pública e democracia. Sua voz ressoou em diferentes instituições e países.

Iniciou a sua carreira como professora de creche (a partir de agora escola bressol) em Barcelona e dedicou grande parte da sua vida à Associação de Professores Rosa Sensat. Ao ingressar, no final dos anos 60, Marta Mata ofereceu-lhe a direção da secção “escola bressol” do Departamento de Pedagogia da Associação, onde iniciou o seu compromisso com a Associação dos Professores.

Durante a sua trajetória na Associação, fundou a revista Infancia, em catalão, elaborada pelo conselho editorial da Catalunha, Valência e Ilhas Baleares, e a revista Infancia, em espanhol, elaborada pelos conselhos editoriais criados em cada uma das outras autonomias do Estado espanhol.

Promoveu a criação da revista Infancia em Europa, produzida por um conselho editorial europeu e publicada em doze línguas: inglês, croata, flamenco, francês, italiano, alemão, português, polonês, francês, grego, espanhol e catalão; e também a revista digital latino-americana Infancia Latinoamericana, da qual participam na redação professores de vários países latino-americanos.

Com tudo isso, criou uma extensa rede de relações internacionais, promovendo viagens para conhecer diferentes

in-fân-cia *lat noamer cana* Trajetória de Irene Balaguer

Irene incansável



realidades aqui e no exterior, organizando cursos e workshops (verão e inverno) com diversos profissionais de diferentes disciplinas de primeira ordem desde a infância, convencida de que as pessoas que deveriam educar e cuidar das crianças deveriam estar muito bem preparadas para isso.

No final dos anos 70, início dos 80, da Associação de Professores Rosa Sensat, também integrou a “coordenadoria de Movimentos de Renovação Pedagógica”, de onde lutou para mudar o conceito de creche para o de escola infantil a nível estatal.

Posteriormente, obteve formação específica para pessoas que trabalhavam nas “escolas bressol” e pretendiam ser professoras, fazendo um Plano Especial elaborado entre a Associação de Professores Rosa Sensat e a Universidade Autônoma de Barcelona.

Voltou às “escolas bressol” de Barcelona e foi diretora do “Patronat Municipal d’escoles bressol” onde promoveu uma educação infantil de qualidade, defendendo uma organização horizontal das escolas, por meio da dupla educativa, dois professores por cada turma de meninas e meninos, garantindo que todo o pessoal fosse contratado pela administração, incluindo o pessoal da cozinha e da limpeza. Quando esteve no Instituto Municipal de Educação de Barcelona (IMEB) promoveu projetos como o “Contexto Infância” que originou a criação de novos serviços para crianças e suas famílias (Espaços Familiares).

in-fân-cia *lat noamer cana* Trajetória de Irene Balaguer

Irene incansável

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

Em meados da década de 1980, foi criado o Conselho Curador da Fundação Àngels Garriga, atual Fundação Marta Mata, à qual Irene Balaguer esteve vinculada desde a sua criação até os dias atuais. Ela era atualmente a vice-presidente e foi ela quem organizou a Conferência anual Marta Mata.

Grande conhecedora e especialista em Direitos da Criança, nos anos 90 foi membro do primeiro Conselho de Administração da “Taula per a la Infància i Adolescència de Catalunya” (TIAC), integrando a equipe promotora do Pacto pela Criança e Adolescência de Catalunha. E sendo membro do Observatório dos Direitos da Criança da Generalitat da



European Childhood Magazine, 1990

Catalunha, criado em 2006 do qual tem sido membro até hoje.

Paralelamente, integrou a Comissão Europeia para a Infância selecionada pela Espanha para a preparação do documento “Critérios de Qualidade para a Educação Infantil (1996)”.

Entrando no segundo milênio, Irene Balaguer foi diretora da revista Infancia da Associação de Professores Rosa Sensat ao se tornar presidente da Associação (2006-2015), de onde obteve um segundo Plano Especial para se tornar professora. Desta vez, da mão da Universidade de Vic, onde também foi professora de ciências da educação.

Ela organizou o “Primeiro Congresso Internacional de Educação Infantil”, bem como os dias anuais de Educação Infantil, os “Dias Estaduais de Educação Infantil” que acontecem semestralmente desde 2006. Durante sua presidência também foi fundado a ConCrit (Crítica Construtiva), da qual a Associação de Professores Rosa Sensat foi um dos membros fundadores. Uma rede de educadores, pedagogos, alunos e outras figuras profissionais vinculadas ou interessadas na educação que oferece espaços de reflexão para fortalecer o diálogo democrático, numa perspectiva internacional, suscitando debates que convidam à reflexão e análise sobre aspectos pedagógicos relevantes.

in-fân-cia *lat noamer cana* Trajetória de Irene Balaguer

Irene incansável

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

Foi também membro da Fundação Artur Martorell (FAM) desde a sua criação e assumiu recentemente a direção, em junho de 2018, pela segunda vez.

Da Fundação Marta Mata Garriga, participou na iniciativa europeia, na Fundação Heloïse, para conseguir o reconhecimento de pedagogos renovadores e novas escolas europeias, também de catalães e catalãs, pelo Conselho da Europa.

Palestrante, conferencista, professora de professores e autora de inúmeros artigos e documentos em defesa da infância, nacional e internacionalmente, ela criou uma escola entre nós.

Toda a sua trajetória profissional tem se pautado pela vontade de Irene de deixar claro que para garantir o direito à educação de meninas e meninos de 0 a 6 anos é necessária uma oferta educacional que se baseie no respeito e na dignidade per da infância. E o fez com a convicção de que é necessário garantir que as políticas educacionais avancem para fortalecer os direitos das crianças e dos jovens em nível nacional e internacional.

Ela sempre foi tão ativa e comprometida que é difícil capturá-la. Vale destacar sua capacidade de gerar iniciativas e promissoras em torno dos temas que considerou mais importantes.

Irene foi uma ótima professora e pedagoga que nos deixou uma marca profunda. Lutadora incansável pela defesa dos direitos da criança, pela justiça social e pela democracia. Ela não se cansava de tecer redes de cumplicidade porque estava convencida de que união é força.



Participação na assembleia do movimento 15M em Barcelona 2011

in-fân-cia *lat noamer cana* Trajetória de Irene Balaguer

Irene incansável

Editorial

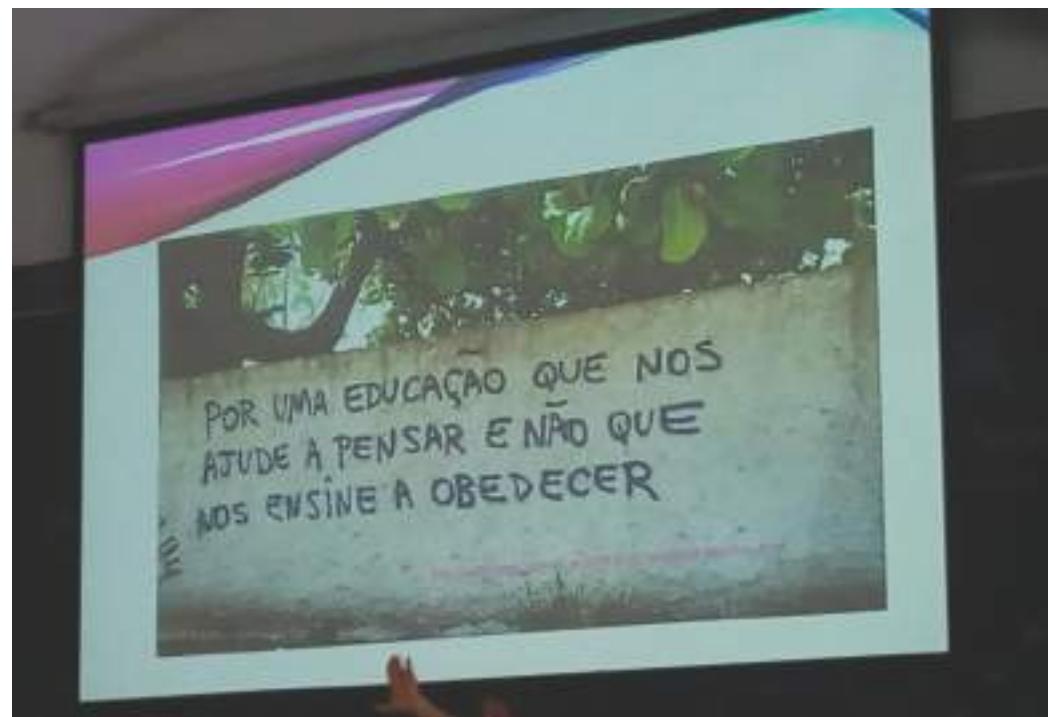
História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

Sua coerência a conduziu a uma solidariedade inusitada e seu olhar estendeu-se a toda a humanidade.

Isso nos deixa um caminho aberto, onde podemos caminhar juntos para alcançar os ideais que nos uniram.

Como disse Irene “A utopia nos faz avançar na realidade”.

Para se aproximar de Irene você pode ler a matéria de Pepa Òdena no número 200 da revista Infancia.



- ASSUMPTA BAIG
- MERCEDES BLASI
- MONTSE JUBETE
- SÍLVIA MORÓN
- MONTSERRAT RAMOS
- CLARA SALIDO
- M^a JOSEPA UDINA
- JOSEP M^a VILLENA
- PEPA ÒDENÀ
- ROSA SECURUN

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Pensando com Irene Balaguer

— MERCEDES BLASI



Vamos começar esta mesa num dia que será muito intenso na reflexão pedagógica, no aprofundamento do pensamento político, social e pedagógico de Irene, que é o que nos une e hoje nos convoca. Discutir com ela tudo isso nos “vincula”, então vamos ver se somos capazes de nos “vincularmos” neste debate.

Ao pensar nesse início, nesse dia, tive um sentimento que me emocionou muito, quando fui a Montevideu no 10º aniversário do projeto Nossos Filhos, vi muita gente e todos ali com muita energia e perguntei: Como é possível que haja tanta emoção e tanto envolvimento neste projeto? E a resposta foi...: Ahh olha, somos todos convocantes e convocados!, queridas colegas, hoje aqui, todos e todas somos convocantes e convocados para pensar com Irene sobre pedagogia, sobre política, sobre contextos sociais ... o desafio fica lançado.

Há uma intervenção de Irene no Conselho Escolar do Estado, que lembrou Janusz Korczak, o pedagogo polonês que tanto respeitou meninas e meninos e disse:

“Todos nós, crescemos, fomos formados pela ideia de que ‘o que é grande vale mais do que o que é pequeno’ e esta mesma ideia parece aplicar-se também às crianças, mas depois de aprovada a Convenção sobre os Direitos da Criança: pequeno é igual a maior. As crianças têm a mesma consideração enquanto pessoa como os adultos. As crianças são iguais como pessoas, devem ser consideradas e respeitadas pelas características da sua idade ”.

Mais uma vez, colocar a Convenção sobre os Direitos da Criança sobre a mesa é uma referência para tudo o que envolve refletir sobre a infância.

A partir dos direitos das crianças de 0 a 6 anos tidas como pessoas com direitos sociais, e que os poderes públicos devem garanti-los e com direitos civis que devem ser respeitados por todos, nada pode ser como antes de sua aprovação.

in-fân-cia *lat noamer cana* De que infância estamos falando?

Pensando com Irene Balaguer

Editorial

História da revista

Trajetória de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

Como afirma Carla Rinaldi: “os direitos das crianças, mesmo com as suas diferenças culturais e históricas de raça ou religião, têm algo transversal e constante que os une e que nos une”. Esperamos poder refletir sobre essa ideia.

Outra segunda ideia, sobre a infância, surge no Congresso da In-fan-cia de 1995, que celebramos muito perto daqui, Irene nos indicou: a etimologia da palavra infância “aquele que não fala” isso não reflete a nossa realidade e nós sabemos disso. Aprendemos a ouvir as crianças, maravilhamo-nos com

as suas várias formas de falar, dizer, fazer, agir, descobrir ... Está muito claro que a criança é uma pessoa capaz, criativa, competente, imaginativa, ... que é o motor e dá sentido à nossa ação ... hoje, 25 anos depois, ainda é preciso sustentar aquela visão de uma infância capaz.

E a terceira ideia que recupero é do documento “A educação infantil é um direito” elaborado pelos Conselhos Autônomos da Infância e Revistas da Infância e dirigido ao Ministério da Educação em 2004. “... garantir o desenvolvimento das extraordinárias potencialidades de meninas e meninos

nesses primeiros anos que envolve contemplar a complexa rede de interações entre os aspectos biológicos, sociais e emocionais. Um saber que exige que os adultos olhem para meninas e meninos de 0 a 6 anos, não como projetos pessoais, que devem ser formados, ensinados, moldados, preenchidos, ... mas como pessoas ativas e protagonistas dos seus próprios desenvolvimento, que devemos ouvir para maximizar suas potencialidades e sua forma de descobrir e se relacionar com o mundo.” Em que levantamos a



in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Pensando com Irene Balaguer

Reunião Estadual, 2005



necessidade de olhar para eles/elas no aqui e agora, não como projetos futuros, mas pelo que são hoje.

Reúno estas três ideias:

- Pequeno é igual a maior, as crianças são cidadãos com direitos
- Meninos e meninas são seres capazes e competentes
- Pensar a infância não como um projeto, mas do aqui e agora.

Isso nos permite avançar na reflexão da infância, mas são muitas as questões que ainda se escondem sob o termo infância ...

O que é menino ou menina?

Existe um menino ou menina normal?

Quem determina o que queremos dizer com infância?

Qual é o conceito de infância que norteia nossas práticas

educativas?

Existe uma infância universal?

Como variáveis como gênero, diferenças étnicas, variáveis



in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Pensando com Irene Balaguer



socioeconômicas e culturais influenciam quando se pensa na infância?

*Existem períodos homogêneos?
O desenvolvimento infantil é natural?*

Temos consciência de que as respostas que cada um dá a essas questões influenciam não só o nosso trabalho cotidiano, mas também a forma como nos relacionamos com os meninos e as meninas.

A partir desta mesa queremos refletir sobre algumas destas questões, procuraremos oferecer uma visão caleidoscópica e complementar, a partir das diferentes intervenções.



— MERCEDES BLASI

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Algumas contribuições de Paulo Freire para pensar a infância e a educação

— MARIA CARMEN SILVEIRA BARBOSA



Introdução

Escrever sobre Paulo Freire é o melhor modo de fazer uma homenagem à Irene Balaguer. Nossa amizade nasceu da partilha de um duplo desejo: oferecer uma educação infantil, com qualidade/cualidade, e possibilitar um outro mundo para as crianças viverem. Mais de uma vez Irene expressou sua admiração por Paulo Freire e sobre a possibilidade de a América Latina revitalizar o pensamento europeu. A revista *Infância - Latinoamericana* significava a oportunidade de construir uma história de colaboração, de discussão, de transformação. Partindo do pressuposto comum de defesa dos direitos da infância, porém reafirmando as diferenças de território, tradição, cultura e valores.

Crianças e Infâncias

A situação de vida das crianças no mundo segue sendo muito difícil, 10 milhões de crianças morrem por ano em decorrência de doenças, subnutrição ou violência. Cerca

de 1,2 bilhão de pessoas em todo o mundo vivem com menos de um dólar por dia, o que representa um quinto da população do planeta. Metade destas pessoas são menores de idade (UNICEF, 2017). Na América Latina essas crianças pobres, que tem poucas oportunidades, não são quaisquer pessoas, os eixos estruturantes da pobreza são demarcados por raça e etnia (indígenas e afrodescendentes), local de residência, gênero, e até mesmo a idade. Fúlvia Rosenberg (2014) estudando as estatísticas sobre a infância no Brasil advertia: os bebês são o grupo social mais discriminado do país, com menor acesso às políticas públicas. Por exemplo, quando se trata de acesso à educação, dos 0 a 3 anos, a frequência é de 23,5%, enquanto é de 80,1% para a faixa entre 4 e 5 anos e de 95% para os 6 anos. A pobreza é a principal adversária das crianças na luta pela sobrevivência.

Paulo Freire nasceu de uma família de classe popular, seu pai era um oficial de polícia e a mãe dona de casa. Várias

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Algumas contribuições de Paulo Freire para pensar a infância e a educação



vezes em sua obra remete ao quintal da casa, no bairro Casa Amarela, na cidade do Recife, a relação familiar, as brincadeiras. Era uma “(...) casa mediana, a mesma em que nasci, rodeada de árvores, algumas das quais eram para mim como se fossem gente, tal a minha intimidade com elas” (FREIRE, 2015, p. 57). Em muitos relatos ele contava como fora alfabetizado, a sombra das mangueiras, desenhando as letras com gravetos no chão. Porém, com a crise de 1929, seu pai recentemente aposentado por problemas de saúde, ficou sem salário, apenas com “bicos” e a família teve que mudar-se para um bairro distante. Nesse bairro, vivíamos de uma nova maneira

Éramos ‘meninos conectivos’. Participando do mundo dos que comiam, mesmo que comêssemos pouco, participávamos também do mundo dos que não comiam, mesmo que comêssemos mais do que eles – o mundo dos meninos e das meninas dos córregos, dos mocambos, dos morros. (P. Freire, 2015, p. 51)

Essa dupla experiência de infância fez com que o menino Paulo Freire pudesse compreender a estrutura da sociedade brasileira, observando a dificuldade de comer e estudar de muitos amigos. Se ele chegou ao final dos seus estudos foi porque sua mãe recorria as escolas privadas solicitando “bolsa de estudos” em troca de um aluno com boas notas. Esta necessidade de ser um bom aluno o deixou com

uma formação sólida em diversas áreas de conhecimento, especialmente na língua portuguesa. Comentando a vida de menino de subúrbio, um tanto mais livre que a de menino da cidade, mas também cheia de ambiguidades afirmava

“O mundo do brinquedo em que, meninos, jogávamos futebol, nadávamos em rio, empinávamos papagaio e o mundo em que, enquanto meninos, éramos, porém, homens antecipados, às voltas com nossa fome e a fome dos nossos. {...} No fundo, vivíamos, como já salientei, uma radical ambiguidade: éramos meninos antecipados em gente grande. A nossa meninice ficava espremida entre o brinquedo e o ‘trabalho’, entre a liberdade e a necessidade. P. Freire, 2015, p. 49-50

Apesar da dureza da vida a brincadeira como experiência cultural, contribuiu para consolidar seu poder de imaginar mundos. As brincadeiras favoreciam as relações entre as crianças e possibilitavam modos de interpretar a realidade, representar e agir sobre o mundo. Jogos e brincadeiras são ações sociais transmitidas geracionalmente, mas continuamente reelaboradas a partir das condições históricas e estruturais que definem as gerações em cada momento da história. Um menino que ao brincar, criava e transformava a cultura, ao mesmo tempo em que era criado e transformado por ela. As crianças subvertem a ordem pois com seus questionamentos, incompreensões, curiosidades

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Algumas contribuições de Paulo Freire para pensar a infância e a educação

Editorial

História da revista

Trajetória de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

estabelecem uma relação crítica com a tradição, criando possibilidades de novas histórias. Talvez uma das mais importantes lições de Paulo Freire foi o seguinte conselho/comentário:

“Jamais me senti inclinado, mesmo quando me era ainda impossível compreender a origem de nossas dificuldades, a pensar que a vida era assim mesma, que o melhor a fazer diante dos obstáculos seria simplesmente aceitá-los como eram. Pelo contrário, em tenra idade, já pensava que o mundo teria de ser mudado. Que havia algo errado no mundo que não podia nem devia continuar. (Freire, 2015, p. 41)

Muitos anos depois, em uma carta a sua sobrinha comentou: “Às vezes eu me sinto como se fosse um menino também. Tenho vontade de correr. De brincar. De cantar. De dizer a todo mundo que gosto de viver” (LACERDA, 2016, 54-5). Manter viva sua experiência de infância, seu olhar de menino novo olhando e compreendendo o mundo:

“Eu acho que uma das coisas melhores que eu tenho feito na minha vida, melhor do que os livros que eu escrevi, foi não deixar morrer o menino que eu não pude ser e o menino que eu fui, em mim.” (FREIRE, 2001, p. 101).

Fazer história, Fazer educação

Quanto maior era a sua experiência profissional e



Conselho da Revista Infancia da América Latina, 2011

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Algumas contribuições de Paulo Freire para pensar a infância e a educação



humana, mais compreendia a necessidade de mudar, de transformar o país. Começou sua carreira como professor, depois foi para educação de trabalhadores da indústria onde seguiu aprendendo sobre a realidade da vida dos trabalhadores brasileiros. Esta experiência com adultos analfabetos o levou a pensar sobre a educação de adultos, a necessidade de alfabetizá-los pois para ele a linguagem não era apenas um veículo de comunicação, mas uma importante forma de expressão da existência. A partir da experiência dos Círculos de Cultura, de sua ação como católico ligado a Ação Católica, Paulo Freire vai organizar um processo de educação comunitária, que pretendia preparar a população despossuída para a participação ativa e consciente da vida nacional. No início dos anos 60, participando de um governo de esquerda no estado de Pernambuco iniciou um grande movimento de cultura popular (MCP), que teve muita ênfase nos processos de alfabetização de adultos.

A ideia de que todos, não apenas as crianças precisavam participar de atividades educativas leva-o a pensar a educação como uma face da humanidade dos seres humanos.

“Aqui chegamos ao ponto de que devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou a sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há

inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente. (Freire, 1996, p.50)

Saber-se inacabado gera a necessidade da educação, da autoeducação, e da educação em movimentos coletivos. É também essa condição de ser inacabado que remete os seres humanos na busca de realizações, de participar da história, de fazer história. É essa condição de inacabamento que nos enche de esperança em relação ao futuro, pois sabemos que sempre podemos ser mais humanos do que já somos (TROMBETA E TROMBETA, 2015, p. 222). Porém este não é um projeto individual, ele somente se faz no coletivo.

A pura percepção da inconclusão, da limitação, da possibilidade, não basta. É preciso juntar a ela a luta política pela transformação do mundo. A libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade (Freire, 2014, p. 138).

A educação como um processo, um processo de contínua indagação, uma educação que despertasse a curiosidade, a capacidade de pensar, de duvidar, de experimentar. O tema da infância sempre esteve correlato ao tema da educação: infância - linguagem - curiosidade - pergunta - diálogo - conscientização - docência. Assim ele se lançou a construir uma pedagogia da conscientização, do diálogo, da pergunta e da esperança.

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Algumas contribuições de Paulo Freire para pensar a infância e a educação

Editorial

História da revista

Trajetória de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

As primeiras experiências de alfabetização de adultos de Freire o levaram a construir o conceito de *conscientização*. Os Círculos de Cultura, eram espaços educativos para a apropriação da língua escrita. Mas, como toda a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Estudar a palavra, teoria, e o mundo, prática, eram movimentos complementares. Assim o processo de alfabetização dos adultos era também de tomada de consciência. No grupo a participação gerava relações e compromissos, construindo o sonho de um mundo que pode mudar pela ação prática.

A educação não é apenas transmissão de saberes e conhecimentos - educação bancária – mas as relações propiciam o diálogo, o encontro entre interlocutores. A dialogicidade é a matriz de uma educação libertadora. Ensinar a liberdade é criar possibilidades de produção ou reconstrução de saberes, conhecimentos, afetos. O educando aprende o que ainda não conhece e o educador,

Paraguay, 2013



(re)conhece o que já era sabido. O diálogo só acontece no encontro, na relação.

Na educação o fundamental é aprender a perguntar. Pois são as perguntas que fazem o movimento da história.

uma pedagogia da pergunta, aquela que aprende e ensina a perguntar... perguntando e perguntando-se, ela se pergunta “o que é perguntar?”, qual é o seu sentido, por que e para que fazê-lo? É uma pedagogia que se coloca a si mesma, permanentemente, em estado de pergunta, que vive intensamente a pergunta e o perguntar. (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 48)

Por fim, Paulo freire vai apontar a uma pedagogia que se dirige ao futuro.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo... É preciso reinventar o mundo, buscar sua boniteza.

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Algumas contribuições de Paulo Freire para pensar a infância e a educação



Conselho Editorial da Revista Infancia Latinoamericana, 2016

Boniteza que passa pela nossa capacidade de imaginar, de criar, de agir, de transgredir... de nos comprometer com a existência humana, alimentados aqui pela esperança.

Sobre uma docência infantil

Paulo Freire defendia para o professor uma postura infantil, juvenil. Isto é que o educador não apagasse em si, sua experiência de infância, e mantivesse uma postura de curiosidade, aprendizagem e abertura ao mundo. A manutenção de uma posição infantil, de um dedo verde, significa manter-se sensível, inquieto, criativo, inventivo, isto é, em diálogo e processo de transformação pessoal.

Para ser professor é necessário a construção de uma ética. Uma ética de encontro, do diálogo, do engajamento e da responsabilidade com o outro. Uma ética crítica e humanista onde todos os sujeitos sociais, adultos ou crianças, são vistos como pessoas com direitos inalienáveis. A escola pode vitalizar essa ética ao possibilitar a construção de relações humanas democráticas, de autonomia de pensamento, da construção do pertencimento, de estratégias de participação, de exigência de colaboração, fundando, desse modo, a possibilidade de liberdade e emancipação humana.

Finalizando

Irene não apenas foi uma leitora de Paulo Freire mas em sua prática na Associação Rosa Sensat nos acolheu em sua vida, sua casa e seu potente trabalho educacional. Compartilhou conosco sua leitura de mundo onde todos ensinam e aprendem, nada mais freiriano, e nos propôs a elaboração de uma revista após muitos encontros. Ao propor a Revista queria apoiar naquele processo que Freire denominou a superação da consciência ingênua, que tantos de nossos professores que carregam em si. Lutar contra o dominador ou colonizador que habita nós, a partir da conscientização, da relação entre conhecimento prático e o conhecimento teórico. A revista Infância Latinoamericana é, como diria Freire, um inédito viável, isto é, uma possibilidade de transformação no agora, no aqui, nesse momento.

■ MARIA CARMEN SILVEIRA BARBOSA

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Pensando com Irene Balaguer



— ANNA LIA GALARDINI

Estamos aqui para prestar homenagem a Irene Balaguer e sua extraordinária trajetória profissional e humana. É uma grande honra para mim estar com vocês para lembrá-la e compartilhar alguns pensamentos, ciente de que não posso retribuir tudo o que recebi dela, mas grata pela oportunidade que tive de compartilhar reflexões e projetos com Irene sobre a realidade educacional de nossos países. Seu compromisso não foi apenas pedagógico, mas também ético e político, dedicado a afirmar uma nova forma de compreender a educação.

Desejo começar por recordar três aspectos do seu pensamento, a que ela mesma se referiu numa das suas últimas intervenções na Itália, como importantes para ultrapassar a incerteza que caracteriza o nosso presente.

Primeiro: faça da Convenção sobre os Direitos da Criança nossa grande ferramenta.

Segundo: fazer da democracia nosso estilo, nossa maneira de viver com o outro e com os outros.

Terceiro: faça das relações nossa força.

Paro no primeiro aspecto, que se refere às conquistas que podemos reconhecer hoje em relação ao valor da infância e que Irene, com o seu pensamento, encorajou-nos a fazer emergir nos serviços, na família, na comunidade adulta.

Podemos falar de uma criança cujos direitos reconhecemos, de uma criança que, acima de tudo, tem o direito de ser criança e de viver sua infância.

Do ponto de vista dos serviços educacionais, isso significa reconhecer seu valor estratégico e o papel que podem desempenhar no favorecimento ou na limitação do potencial evolutivo de cada um.

in-fân-cia *lat noamer cana* De que infância estamos falando?

Pensando com Irene Balaguer

Editorial

História da revista

Trajectoria de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

Cuidado e aprendizagem tornaram-se duas palavras-chave para expressar a identidade de um projeto educativo voltado para a primeira infância.

De fato, podemos considerar o cuidado dirigido à criança como gerador de possibilidades, entendido como uma atitude de atenção e sensibilidade às necessidades de cada criança, atitude que contém uma mensagem de reconhecimento e afirmação da identidade de cada um.

Os meninos e as meninas nos demandam um cuidado que se refere tanto à nossa capacidade de ler e responder às suas necessidades com respeito, empatia e afirmação, como ao compromisso de criar contextos nos quais possam encontrar oportunidades concretas de crescimento.

O cuidado é, portanto, uma “prática de cuidar”, ou seja, uma ação feita de gestos, palavras, sentimentos positivos e olhares que confirmam que nos preocupamos com o bem-estar da criança. Portanto,

nos serviços infantis devemos ter comportamentos de proximidade física, afetiva e empática e controle emocional positivo. Falar de cuidado não é reforçar a dependência da criança ao adulto, mas estar disposta a acolher e dar atenção a cada criança, para sustentar seu crescimento. As crianças pedem aos adultos proximidade e relacionamento, a capacidade de prestar atenção aos seus sinais, precisam se sentir seguros e crescer em pequenos passos.



Todo menino e toda menina crescem de acordo com seu próprio ritmo, que deve ser reconhecido e aceito. Cultivar a escuta e a observação cotidiana coloca o adulto na posição de captar os sinais que o levam a reconhecer a singularidade de cada criança e a ter comportamentos não padronizados, apressados e superficiais.

A mensagem que a criança recebe por meio do bom atendimento representa o primeiro passo na construção de uma ideia de si e do seu valor. É isso que abre caminho para uma competência fundamental: a capacidade de tomar iniciativas, de enfrentar as relações sociais e de resolver problemas e, portanto, de sair para o mundo com a confiança do sucesso.

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Pensando com Irene Balaguer

Editorial

História da revista

Trajectoria de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

O cuidado é uma atitude que deve ser estendida também ao meio ambiente e às coisas que cercam a criança nos serviços educacionais para criar lugares bonitos e ricos de possibilidades, onde crianças e adultos podem voltar com prazer todos os dias.

Reconhecer cada criança, seus pensamentos, suas emoções, mas também suas ações e seu desejo de saber, significa acolhê-la em um lugar onde possa ser protagonista de suas experiências.



Cada contexto de experiência oferece um conjunto de objetos, situações, imagens e linguagens

Estamos falando, então, de uma criança que quer ser protagonista do seu crescimento, que quer ser “aprendiz do pensamento”, e de um adulto que deve promover a sua vontade de experimentar o mundo, propondo um contexto adequado à exploração e ao conhecimento.

A palavra “contexto”, não escolhida ao acaso, sublinha a virtuosa inter-relação ecológica que surgiu nos últimos anos no pensamento pedagógico entre os espaços, as relações e as opções culturais e pedagógicas que definem a identidade educativa de cada serviço para crianças.

O espaço não é o contentor de propostas pré-fabricadas, mas representa um elemento de relação que valoriza as inter-relações entre os vários sujeitos que o habitam (crianças, famílias e educadores) na perspectiva de uma comunidade educativa: o serviço educativo como lugar de encontro entre pensamentos, ideias, histórias pessoais, dúvidas, conhecimentos e oportunidades de ser e fazer.

Devemos colocar à disposição das crianças espaços adequados que promovam a multiplicidade de suas necessidades, combinando a demanda de afeto e cuidado com o desejo de exploração e conhecimento, o sentimento de intimidade com o prazer de estar com os outros. Espaços que comunicam a atenção que lhes damos, espaços acolhedores que reconhecem para cada criança

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Pensando com Irene Balaguer

Editorial

História da revista

Trajectoria de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

a possibilidade de ser verdadeiramente ativa, capaz de construir objetos, brincar com a imaginação, imaginar e desenvolver pensamentos originais e únicos.

Além disso, são imprescindíveis as condições que estimulam as crianças a serem observadoras de objetos interessantes, materiais frágeis, belos livros, que promovam a aprendizagem de forma implícita e não por exigência de realização. É necessário ter condições onde seja possível educar na beleza, no respeito ao próximo e ao mundo, através de um ambiente cuidadosamente preparado.

As reflexões dos últimos anos nos levaram à conclusão de que, se queremos afirmar o papel ativo das crianças na aprendizagem, devemos lembrar que elas não precisam de uma aprendizagem fabricada, mas sim de condições favoráveis para a aprendizagem e, portanto, espaços organizados para fazer e agir. Tem sido um desafio pedagógico que ao longo dos anos tem levado a repensar a organização das propostas educativas para que sejam cada vez mais coerentes com uma ideia de infância, que inclui uma criança com inúmeras competências cognitivas e sociais, com uma predisposição favorável ao relacionamento com outras crianças e adultos.



*Descubra juntos, cresça junto com os outros.
Sentindo-se parte do espaço sideral*

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Pensando com Irene Balaguer

Editorial

História
da revista

Trajectoria
de Irene Balaguer

De que infância
estamos falando?

Que
professores
precisamos?

Que escola
queremos?

Das políticas
à escola

Palavras
para Irene

Palavras
de Irene

Bibliografia
Irene



Dê voz às crianças. A infância é a hora de ser, de crescer e dar sentido ao mundo. (ECEC 2014)

Partindo do pressuposto de que as crianças são motivadas a se tornarem competentes por meio da experiência espontânea e autônoma, estamos convencidos de que são necessários adultos que se preocupem antes de tudo em criar condições favoráveis para seu desenvolvimento.

Nesse contexto, a criança é vista como uma pessoa que cresce interagindo com o meio em um processo recíproco em que nenhuma dos dois está parado; cada um depende do outro. Assim, os educadores são chamados a ajudar as crianças a desenvolver o seu próprio ser, são chamados a concentrar-se menos na concretização de objetivos predefinidos, a dedicar-se a projetar um contexto que seja por si mesmo o conjunto de elementos que a criança pode utilizar livremente.

A criança nos pede espaços que possam sustentar as tramas da brincadeira e da experiência cognitiva, capazes de gerar novos caminhos de crescimento evolutivo, sempre individualizados e diversificados. As crianças querem ambientes organizados, mas não muito estruturados, que possam deixar espaço para cultivar seu próprio mundo interior, querem uma brincadeira que nasça espontaneamente e que aconteça principalmente ao ar livre.

Isso parece confirmar a ideia de uma criança que aprende livremente e que pode inventar situações, experimentar, ter a oportunidade de medir seus limites numa verdadeira aceitação da infância.

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Pensando com Irene Balaguer



Os esforços das crianças para aprender estão ligados a oportunidades de aprendizagem oferecidas por contextos educacionais

Nos últimos anos, muitas questões foram levantadas sobre os espaços exteriores dos serviços educativos e também, neste sentido, o direito de brincar na natureza foi reconhecido como uma das necessidades inalienáveis das crianças de hoje. Ao ar livre é onde as crianças podem experimentar e são protagonistas indiscutíveis, sujeitos ativos que exploram e buscam interpretações pessoais através de seus corpos.

A criança em que pensamos é uma criança completa, feita de corpo e mente e ávida por brincar, por conhecer o que a rodeia, que não se esquia do prazer da exploração, mas o busca, vive, exercita.

Obrigado, Irene, pelas oportunidades que ofereceu a muitos educadores para afirmar esta nova ideia da infância e dos seus direitos e pela energia que dedicou a encorajar os adultos cujo trabalho é ajudar as crianças a crescerem a assumir responsabilidades.

■ ANNA LIA GALARDINI

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Jornada de Educação Infantil: Infância, Professores e Escola. Pensando com Irene Balaguer

Editorial

História da revista

Trajetória de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

EVA JANSA

Antes de mais nada gostaria de agradecer à Associação de Professores Rosa Sensat pela oportunidade de poder sentar aqui com Lica, Ana Lia e Mercedes, pessoas que, sem Irene e a Associação, eu nunca teria conhecido. Por isso e por muitas outras coisas que se extraem deste dia, Irene certamente me diria meio sorrindo: - Ja t'ho vaig dir (eu já te disse). E isso me acompanha nesta manhã de sábado. E também quero agradecer ao "petit grup" (pequeno grupo) de Eva e Noemí, que estiveram do outro lado do telefone e do mundo, por me ajudar a organizar as ideias. Obrigada!



Não vou negar que esta atribuição também me aflige e tentarei com humildade, e dentro do que a timidez me permita, apontar alguns aspectos sobre os conceitos de competência e capacidade, de uma criança sujeito de direitos, com o intuito de abrir algumas rotas de reflexão. Gostaria também de frisar que a minha contribuição está pautada no contexto escolar, com seus projetos em construção, seus constantes debates, e também,

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Jornada de Educação Infantil: Infância, Professores e Escola. Pensando com Irene Balaguer

Editorial

História da revista

Trajectoria de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene



não ocultemos, suas incoerências pedagógicas. Mas ser professora já é isso, não?

“Meninos e meninas têm o direito de serem reconhecidos como sujeitos de direitos individuais, jurídicos, civis, sociais: são portadores e construtores de suas próprias culturas e, portanto, participantes ativos na organização de sua identidade, de sua autonomia, por meio de relacionamentos e interações com pares, adultos e ideias, coisas e acontecimentos reais e imaginários de mundos em comunicação”. (Loris Malaguzzi. “Uma carta por i 3 diritti”).

Phillippe Meireiu afirma que “os direitos das crianças têm um único significado: manifestam o compromisso dos adultos com a possibilidade de que cada menino e cada menina, possa, um dia, assinar sua própria vida”.

Como professores, temos então que assumir esse compromisso em nossas escolas, em todos e em cada um dos momentos do dia.

Na escola, quando falamos de um sujeito de direitos, falamos também de um menino ou menina competente e capaz. São palavras que compõem todos e cada um dos projetos educativos das escolas, e certamente ocupam o mesmo lugar nos textos. De fato, hoje em dia você pode copiar e colar com muita facilidade.

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Jornada de Educação Infantil: Infância, Professores e Escola. Pensando com Irene Balaguer

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene



Pensar e acreditar em uma criança competente, com um potencial que desconhecemos porque sabemos que as crianças nos surpreendem constantemente em seus processos únicos e diferentes, requer uma escola e um educador competentes. Uma criança competente é aquela capaz de modificar gradativamente seus modelos estratégicos de descoberta por meio da autocorreção das modalidades de interação com o contexto (como dizia Walter Fornasa). Isso significa que nos deparamos com um sistema complexo regulado por mecanismos de feedback. Bruner, diz que: de certo modo falar de competência é falar de inteligência e no sentido mais amplo, da inteligência operacional de saber como, em vez de saber o quê. Competência implica, com efeito, a ação, a modificação do ambiente como uma adaptação a esse ambiente. A competência implica em que o menino e a menina façam uso de suas capacidades e aptidões e, portanto, precisam de um educador que esteja ciente dessa complexidade cotidiana e que modifique seu estilo educativo a partir das demandas que emergem aos poucos. Uma criança competente é uma criança que sabe como, que tem iniciativas. Do que precisa? Poder realizá-las. De quem depende? De nós, os professores.

Mas, competente para quê? Qual é o nosso papel em relação a essa competência?

Sim, como diz Carla Rinaldi em “Os Pensamentos que sustentam a ação educativa”, o menino e a menina são

in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Jornada de Educação Infantil: Infância, Professores e Escola. Pensando com Irene Balaguer



portadores de teorias, interpretações, questionamentos, são co-protagonistas dos processos de construção de seus conhecimentos ; o verbo mais “importante que orienta a ação educativa não é mais “falar”, “explicar”, “transmitir”, mas sim ouvir (l’ascolto).

Se eu acompanhasse uma equipe educativa em suas reflexões, certamente essas imagens que estou trazendo gerariam um diálogo que iria abrindo diferentes portas. Oxalá pudéssemos fazer isso agora. Porque por trás dessas imagens existem muitos conceitos e valores, e também muito trabalho a fazer. Tenho a sensação de que reduzimos o conceito de capacidade e competência às situações de jogo, movimento, propostas, ambientes ou espaços de livre circulação. A criança é capaz de, é protagonista de, é competente para... costumamos dizer. E estamos esquecendo do que é essencial, das atividades da vida diária. Estamos esquecendo do valor do inesperado e estamos perdendo uma oportunidade única de observar e acompanhar as crianças. Temos passado dos registros, ao pequeno grupo, às oficinas de luz, experimentação, ambientes... e todos acabam passando pela mesma coisa em um momento ou outro. Não sei como vocês veem, mas me parece o mesmo de sempre com outra maquiagem.

De repente, pedimos ao menino ou menina que seja autônomo para decidir onde quer ir brincar (e também



in-fân-cia *lat noamer cana*

De que infância estamos falando?

Jornada de Educação Infantil: Infância, Professores e Escola. Pensando com Irene Balaguer



poderíamos discutir sobre essa “autonomia”), mas naquilo que é deles, não aplicamos o “l’ascolto” proposto por Carla Rinaldi. E vou um pouco mais longe, como nós adultos nos posicionamos quando a criança não responde ao que esperamos, não segue o caminho que abrimos? Porque sejamos honestos, falamos de competência, mas, na maioria das vezes, dizemos que uma criança é competente porque fez o que esperávamos dela, ou aquilo que lhe pedimos. (Existe um artigo de Aidé Tremoleda sobre o assunto).

Como os professores se posicionam para ouvir esse menino e essa menina em toda a sua globalidade? Qual é o nosso papel e, principalmente, qual é o papel da equipe no que tange a reflexões, debates, construção de hipóteses, observação de meninos e meninas em relação ao ambiente, com outros colegas e conosco adultos.

E, sobretudo, como o cotidiano escolar é estruturado para possibilitar observar, acompanhar e dar tempo ao menino e à menina?

O valor que atribuímos à vida cotidiana é inerente ao conceito de infância que temos. Se acreditamos e confiamos na criança de Malaguzzi, com suas cem línguas, a escola deve mudar. E nós, adultos, mudarmos nosso olhar.



As crianças nas fotos são Biel e Guim

Para finalizar, somente dizer que é a partir da singeleza desses momentos que o menino e a menina vão se construindo como pessoa. Momentos de qualidade educativa, relacional, humana,... porque aprendemos com o que vivemos e como vivemos. E tal como estão os tempos na sociedade e na educação, é preciso revalorizar a singeleza da vida cotidiana, dos momentos de relação de você com você mesmo.

■ EVA JANSA

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

A formação de professoras e professores e a democracia nos cenários de perplexidades das primeiras décadas do século XXI: algumas palavras

Editorial

História da revista

Trajetória de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

■ JAQUELINE MOLL

O tema da formação de professores é relevante para quem pensa a educação tendo como premissas tanto a ideia do direito inalienável de todas e todos a percursos formativos significativos para viver com dignidade, quanto a perspectiva do papel inarredável do estado neste processo.

A Asociación de Maestros Rosa Sensat resulta O Instituto Rosa Sensat, constitui-se espaço especial para este debate. Sua história está entrelaçada a luta pelo direito a educação pública e a própria história da visibilização das infâncias espalhadas nos diferentes continentes e nos mais variados contextos sociais. Infâncias que precisam ser vistas, ouvidas e compreendidas e direito educativo que precisa ser conquistado e garantido.

Homenageando a inesquecível Irene Balaguer(1943-2018), remonta-se a história do Instituto que através da vida de Irene, de Marta



in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

A formação de professoras e professores e a democracia nos cenários de perplexidades das primeiras décadas do século XXI: algumas palavras



Mata(1926-2006) e de Rosa Sensat(1873-1961), percorre parte do século XX, colaborando para a construção e a consolidação da democracia através da afirmação da escola pública e da formação de professores.

Sob este cenário o tema deste breve ensaio ganha sentidos e contornos próprios, abrangendo e, ao mesmo tempo, conectando sua compreensão técnica (seus conteúdos nas diferentes áreas de conhecimento, suas modalidades, formatos didáticos e cargas horárias) a projetos educacionais e societários.

Neste sentido abordaremos aspectos do contexto que nos envolve para pensar o sentido da formação de professores e seus desafios políticos e pedagógicos, tendo como horizonte a construção de sociedades democráticas.

Un mundo perturbado

Vivemos um momento histórico de erupções e erosões em todos os temas relativos ao nosso destino comum como humanidade.

Nossa casa coletiva, o planeta terra, sofre distúrbios e

desequilíbrios em função da exploração, orientada pelo lucro e pela acumulação desmedida, de seus recursos minerais, hídricos e vegetais. As descompensações do clima e a poluição são tão sérias que colocam em risco, em distintos lugares do planeta, a continuidade e a manutenção da vida.

Nesta perspectiva, a organização de um sistema econômico, baseado em um modelo de exploração do planeta e na subjugação das economias locais a interesses de oligopólios internacionais e a acumulação de riquezas, tem gerado um ciclo interminável de desequilíbrios ambientais e sociais que afetam a saúde do planeta como um todo.

A desigualdade entre países e entre grupos sociais nunca foi tão profunda e revela um tipo de modelo social-econômico que gera riqueza para poucos e miséria para a maioria.

Somam-se e complexificam-se conflitos étnicos, raciais e religiosos que implodem em guerras internas, em massacres genocidas, em migrações forçadas que aumentam a fome, a sede, a violência, as doenças e o mal-estar das populações.

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

A formação de professoras e professores e a democracia nos cenários de perplexidades das primeiras décadas do século XXI: algumas palavras

Editorial

História da revista

Trajetória de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

No contexto político das cidades e países há sinais claros de falência do modelo democrático praticado desde o princípio da republicanização do mundo ocidental. As democracias representativas estão cada vez mais distanciadas dos anseios da vida coletiva e do seu objetivo maior que é gerar bem-estar para toda coletividade.

“As desigualdades entre países e entre grupos sociais nunca foram tão profundas e revelam uma espécie de modelo socioeconômico que gera riqueza para poucos e miséria para a maioria”.



Um mundo convulsionado pelo medo dos diferentes, das violências, da finitude dos recursos, das polícias e pelos comportamentos fascistas que espalham ódios religiosos, étnicos, raciais, culturais, geracionais, de gênero e exclusões físicas e simbólicas de tudo e todos que não se enquadram em esquemas controlados, estreitos e autoritários de compreensão do mundo.

O boom causado pelo acentuado desenvolvimento tecnológico tem gerado maior e mais potente possibilidade de comunicação entre pessoas, grupos e países, porém ondas de notícias falsas, disseminadas pelos meios virtuais, tem acirrado posições, esvaziado a esfera pública e construído confusões deliberadas que sabotam o bem viver.

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

A formação de professoras e professores e a democracia nos cenários de perplexidades das primeiras décadas do século XXI: algumas palavras



Os marcos de convivialidade e de possibilidade da paz, representados por documentos de chancela coletiva como a Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), os Pactos pelo Clima, os Acordos de Proteção aos Direitos Humanos e as Constituições Democráticas, tem sido atropelados por interesses político-econômicos que desconsideram a diversidade dos povos e dos territórios e o direito de todos a dignidade e a auto-determinação.

Que perguntas, então, para nossas professoras e professores?

Em que mundo estamos vivendo e em que mundo queremos viver? Que horizontes colocamos como perspectiva para o mundo em que desejamos viver? Que concepção de ser humano, de trabalho, de relações interpessoais construímos? Que utopias estão no nosso horizonte? Temos coragem de projetar utopias que dialoguem com um mundo mais feliz e mais equilibrado?

Se estas perguntas não são feitas somos engolidos por cotidianos nos quais as exigências de consumo, de todos os tipos de produtos e de informações



e relativizar os problemas estruturais que nos rodeiam e que determinam o modus operandi da contemporaneidade.

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

A formação de professoras e professores e a democracia nos cenários de perplexidades das primeiras décadas do século XXI: algumas palavras



Compreendendo o papel das professoras e professores para o desencadeamento destas e de outras perguntas que interpelem o cotidiano e estimulem projetos solidários de vida e de sociedade no horizonte simbólico de milhões de meninos e meninas, uma primeira tarefa que se impõe aos processos de sua formação, é a de alargamento da visão de mundo como resultado de abordagens plurais que desenvolvam sensibilidades para as questões humanas, sociais e ambientais.

A redução da tarefa formativa da escola ao desenvolvimento de competências para a realização de exames de conteúdos apartados do mundo da vida, tem tido efeitos deletérios sobre a formação de professoras e professores. Do mesmo modo tem atravessado os projetos educativos e dilacerado sua responsabilidade em relação a construção da cidadania ativa, importante amálgama das democracias.

Este estreitamento vincula-se as exigências de preparação para o mercado e não para as vivências cidadãs confinando, pouco a pouco, a tarefa educativa das novas gerações aos interesses econômicos que

hierarquizam os países, em uma lógica planetária de novos colonialismos. Do topo à base, na hierarquia dos melhores aos piores, a seleção dos poucos incluídos e dos muitos que continuarão de fora, tanto na esfera dos países, como no âmbito das trajetórias dos indivíduos.

Diante deste quadro impõe-se que a tarefa de educar seja desafiada por perguntas fundamentais: para que mundo estamos formando nossas crianças e jovens? Que tipo de pessoas vislumbramos que sejam? Como pensar os conteúdos curriculares, sem abdicar da sua profundidade e transversalidade, mas conectando-os as questões éticas que nos interligam e nos definem como humanidade? Como possibilitar uma leitura de mundo que contextualize e fertilize a leitura da palavra, no dizer de Paulo Freire?

“A hierarquia do melhor ao pior, uma seleção dos poucos incluídos e dos muitos que continuarão a ser excluídos”

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

A formação de professoras e professores e a democracia nos cenários de perplexidades das primeiras décadas do século XXI: algumas palavras



O desafio de pensar esta formação

A natureza breve desta reflexão não permite uma digressão histórica que recupere a significativa contribuição de diferentes escolas pedagógicas que contribuíram para pensar uma escola que formasse com, através e para a vida.

Importa dizer que, com especificidades que os diferenciam, de Jean Piaget a Paulo Freire, de José Martí a Francesc Ferrer i Guardia, de Maria Montessori a Anísio Teixeira, de Celestin Freinet a Marta Mata, para citar alguns nomes, a centralidade dos sujeitos e seus contextos proporcionou um importante giro epistemológico no modo de pensar os processos educativos com importantes implicações para a formação de professoras e professores

Os currículos dos cursos acadêmicos de formação de professores, com exceções honrosas, caracterizam-se pelo esquecimento destas contribuições e pelos vazios em relação a concretude dos sujeitos-educandos e de seus territórios com suas vozes, demandas, sonhos e saberes.

No Brasil sequer chegamos a Pedagogia Moderna, apesar dos esforços empreendidos nos períodos

de liberdade e afirmação identitária dos intervalos democráticos nos séculos XX e XXI. Aliás, pode-se afirmar que o banimento das pedagogias libertárias e democráticas caracterizou as rupturas autoritárias que adentram a contemporaneidade, abaixo da linha do Equador.

“Como pensar os conteúdos curriculares, sem renunciar à sua profundidade e transversalidade, mas ligando-os às questões éticas que nos interligam e nos definem como humanidade?”

Na contemporaneidade brasileira a perseguição a obra e ao pensamento de Paulo Freire tem sido recorrente.

Recuperar estas memórias e as sensibilidades que elas provocam constitui-se importante caminho para pedagogias que colaborem na urgente tarefa de humanizar o mundo.

Construir, desde esta base, olhares sensíveis que aproximem as diferentes áreas de conhecimento

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

A formação de professoras e professores e a democracia nos cenários de perplexidades das primeiras décadas do século XXI: algumas palavras



dos contextos vividos por nossas meninas e meninos, considerando a pluralidade de infâncias e juventudes, desenhadas nos distintos territórios, compõe os desafios políticos e pedagógicos desta formação.

Neste caminho, garantindo a voz dos professoras e professores, podemos construir novos desenhos curriculares e pedagógicos que coloquem em diálogo o saber docente, o saber das meninas e meninos e os saberes de um mundo que precisa ser compreendido e reinventado.

Se “a criança é o pai do homem”, nas palavras do poeta inglês William Wordsworth (1770-1850), a força das experiências vividas no cotidiano de nossas escolas são determinantes para avançarmos em direção a um mundo em que todas e todos caibam, com a dignidade que confere a humanidade seus patamares mais elevados.

E, nesta perspectiva, a escola pública segue sendo locus privilegiado para que berço e sobrenome não determinem trajetórias e destinos e oportunidades formativas desenhem possibilidades de permanentes de refazimentos do mundo na direção da afirmação

das liberdades, do bem-viver e das utopias. E as professoras e professores são os principais artífices destas tarefas.

Então, redesenhar os processos de sua formação, conectados aos avanços do mundo na contemporaneidade e aos desafios que se colocam, desde que nos pensamos como sociedades humanas, constitui-se uma chave para seguirmos reafirmando o direito inalienável de todas e todos a educação e o papel inarredável do estado neste processo.

— JAQUELINE MOLL

in-fân-cia *lat noamer cana*

Que professores precisamos?

Quais professoras e professores para quais meninas e meninos?



■ JENNIFER HAZA GUTIÉRREZ

Trabalho em San Cristóbal de las Casas, em Chiapas, dirigindo uma organização social chamada Melel Xojobal em uma pequena cidade de quase 200 mil habitantes. Em Melel, há 22 anos, acompanhamos meninas, meninos e adolescentes indígenas e suas famílias na promoção e defesa de seus direitos de bem viver. Com as meninas e meninos pequenos trabalhamos com 15 famílias no centro infantil “Arrumacos” e também levamos processos educativos para as ruas com meninas e meninos que acompanham suas famílias ao trabalho ou são trabalhadoras de feiras e espaços públicos.

É a partir dessa experiência que quero compartilhar algumas reflexões coletivas que construí com as educadoras e educadores de Melel, e também com meus colegas do Conselho Editorial da Revista Infância Latinoamericana no México, sobre as professoras e os professores que necessitamos e para que crianças.

Começo com a segunda parte da pergunta ... quem são as crianças que nos interpelam em nosso trabalho como educadoras e educadores?

Em Chiapas, no México e em muitos lugares de nossa região latino-americana, vemos que meninas e meninos estão vivendo sob condições de estresse em suas famílias e comunidades, devido à violência estrutural e social e às políticas sociais falidas, que pretendem consertar com estratégias de militarização nos territórios e de criminalização da infância empobrecida.

No México, 4 meninas, meninos ou adolescentes desaparecem diariamente, e 3 são assassinados. Em Chiapas, de 2013 até hoje, mais de 50 meninas e adolescentes têm sido vítimas de feminicídio; 80% da população infantil vive na pobreza, e na cidade onde moro o percentual chega a 66%, em sua maioria meninas

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

Quais professoras e professores para quais meninas e meninos?



e meninos indígenas. Estima-se que nos últimos dois anos, em Chiapas, mais de 4 mil meninas e meninos foram retirados à força de suas comunidades por grupos paramilitares armados. Ninguém duvida, mesmo que nossos presidentes digam o contrário, que estamos em uma crise de direitos humanos e agora também em uma crise humanitária com milhares de pessoas que precisam cruzar nosso país para chegar aos Estados Unidos.

Nesse sistema capitalista e em sua cultura de morte, meninas e meninos não importam, seus pais e mães não têm tempo, não ganham bem, não têm trabalho, nem têm redes de apoio, são discriminados por sua cor de pele e sua cultura, o tecido comunitário está quebrado, as assistentes educativas que trabalham com as meninas e meninos mais pequenos nas estadias infantis ganham menos e trabalham mais horas do que qualquer outro docente, as pessoas estão cada vez mais separadas tornando-se mais fáceis de explorar.

Quero mostrar-lhes algumas palavras que as mães e pais de “Arrumacos” partilharam conosco há poucos dias no quadro de um processo de diagnóstico coparticipativo a partir de uma abordagem baseada nos direitos humanos que estamos a fazer em Melel e que me parecem ilustrar bem estas realidades concretas.

Quando as meninas e os meninos adoecem ...

Mulher: Falta tempo para levá-lo ao médico. Os remédios são caros.

Homem: Os patrões não entendem e lhes custa darem licença porque perdem dinheiro.

As meninas e meninos de 0 a 4 anos vivenciam injustiças como ..

Mulher: maltrato, discriminação, porque vem de outra comunidade, cor da pele, situação econômica.

Principais problemas na educação e criação de meninas e meninos pequenos...

Homem: Paciência e tempo, não nos damos tempo para sentar com as crianças, não conscientizamos as crianças para brincar e queremos que aprendam coisas. Não nos concentramos em tempo ou paciência, as crianças destroem as cores e às vezes os adultos ficam com raiva, mas é assim que as crianças se expressam quando pintam paredes. Ou também compramos qualquer brinquedo para eles.

Homem: Tempo, trabalho o dia todo, às vezes saio três dias, chego à noite e já está dormindo Duas vezes por semana, tenho tempo disponível para minha filha.

Mulher: Existem poucos lugares para o pré-escolar. Para obter ficha, precisamos dormir (fora das escolas) ao ar livre e levar as crianças.

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

Quais professoras e professores para quais meninas e meninos?

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene



As filhas e filhos dessas famílias são uma mostra das meninas e meninos de que estamos falando. Os resultados dos últimos levantamentos sobre a infância no México mostram que meninas e meninos estão sendo fortemente atacados, explorados e violentados em suas casas, nas escolas e na comunidade.

E ao mesmo tempo que as políticas de estado reduzem as possibilidades de acesso aos espaços educativos, também há um descrédito em relação às práticas de educação tradicionais. Nesse sentido, observamos que meninas e meninos não são vistos, pois esse sistema faz com que deixemos de nos ver como pessoas.

Em um mundo onde a solidariedade se tornou um crime, enquanto preparava esta apresentação me deparei com um artigo sobre a capitã Carola Rackete, detida na Itália por salvar vidas de migrantes, que dizia:

“Precisamos de mais Carolas Rackete, porque sem elas essas vidas exauridas pelo cansaço de empregos cada vez mais precários e insatisfatórios, e entristecidas pela falta de laços comunitários a partir dos quais se constroem os afetos sociais, a impotência acabaria se cristalizando em cinismo, apatia e egoísmo.”

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

Quais professoras e professores para quais meninas e meninos?

Editorial

História da revista

Trajetória de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

E quando o li pensava nas muitas capitãs como ela, que já temos e queremos como educadoras e educadores que estejam presentes para acolher com empatia, compaixão e solidariedade as famílias e as meninas e meninos que diariamente resistem ao ataque deste sistema desumanizante.



Necessitamos de professoras e professores que estejam presentes, que vejam com os olhos e com o coração as meninas, os meninos e as famílias.

Necessitamos de educadoras e educadores que reconheçam a educação como um processo mediado pelo afeto; necessitamos que a formação de professoras e professores que queremos, se centre no que Alejandro Cussianovich chama de pedagogia da ternura, o que significa conceber a ação pedagógica amorosa como um ato político, em que meninas e meninos são protagonistas desse outro mundo possível.

No México, pensar nos centros de educação inicial é pensar no lugar para onde levar as meninas e meninos enquanto os adultos trabalham. Atualmente, estamos enfrentando um retrocesso em nosso país, onde a educação infantil é pensada apenas como um assunto escolar, como algo que retira das famílias e comunidades a autoria em relação à educação das crianças

Nesse sentido, como educadoras e educadores, precisamos nos afastar um pouco do discurso escolarizante e reivindicar as experiências de educação (ou: coletiva e comunitária) que têm sido bem sucedidas. Precisamos recuperar os espaços para meninas e meninos (de que Francesco Tonucci já nos falou muitas vezes), e pensar que o que

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

Quais professoras e professores para quais meninas e meninos?



elas e eles necessitam são espaços, não necessariamente escolas. Escolarizar meninas e meninos não significa necessariamente vê-los.

Recentemente, um colega me lembrava da experiência educativa do movimento cooperativo indígena “Tosepan” na Sierra de Puebla, que possui 40 anos de existência e tem mais de 30.000 membros... lá eles decidiram, muitos anos atrás, abrir um centro Montessori onde os membros da cooperativa e a comunidade podem ir, eles não rompem com a comunidade, os educadores pertencem à comunidade, quem frequenta é da comunidade.

Outro exemplo de educação coletiva ocorre nas feiras onde trabalhamos, onde as meninas e meninos pequenos não estão na escola, mas estão tranquilos, se relacionam e aprendem com o entorno, com a presença e atenção das pessoas adultas de suas famílias, e de outros comerciantes. Agora, em geral, as escolas e professoras e professores estão divorciados das comunidades.

Vemos com preocupação os discursos de profissionalização que vêm formando educadoras e educadores com competências técnicas, mas não necessariamente com habilidades pessoais para estar e acompanhar as infâncias. Não queremos professoras e professores que só saibam fazer planos e tenham um perfil especializado em pesquisa,



mas educadoras e educadores que estejam presentes, próximos, em uma relação afetiva com as meninas, meninos e suas famílias.

Necessitamos de educadoras e educadores que pensem e concebam meninas e meninos, desde bebês, como pessoas e sujeitos políticos que pensam e agem, que tomam decisões em seu dia a dia, que influenciam e transformam

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

Quais professoras e professores para quais meninas e meninos?



o ambiente, que se relacionam com a comunidade. Pensar em meninos e meninas como sujeitos políticos é pensar em uma relação de igualdade, é gerar as condições para que desenvolvam seu protagonismo e atuação política e exerçam sua cidadania desde que são pequenos.

Necessitamos reafirmar todos os dias que a educação é um assunto político e público, uma responsabilidade coletiva, que passa pelas escolas, pelas famílias, pela comunidade e pelo Estado. Precisamos de professoras e professores que reivindiquem a educação como um ato coletivo que nos inspira ao bem viver, como um ato político de transformação, no qual eduquemos e formemos de maneira distinta àquela como nos criaram, e a como este sistema nos quer, para ensaiar novas formas de nos relacionarmos.

As meninas e meninos necessitam de educadoras e educadores com práticas estimulantes, libertárias, críticas, feministas.

Diante da ruptura dos tecidos sociais e comunitários e frente às violências cotidianas, necessitamos de professoras e professores que estejam presentes e disponíveis às meninas e aos meninos, atentos aos seus sentires, desejos e necessidades, onde a ternura e o afeto sejam uma qualidade dessa presença. Queremos educadoras e educadores (como Irene) que defendam e promovam com

meninas, meninos e suas famílias a alegria, a justiça, a dignidade e a solidariedade como ações transformadoras imprescindíveis para tecer outros mundos possíveis

Por fim, quero compartilhar que quando eu e meus colegas do Conselho de Redação do México da Revista Infância Latinoamericana nos reunimos para conversar sobre este Encontro, pensamos em como Irene estava presente, sempre nos lembrando que os espaços coletivos de reflexão, como a própria revista Infância Latinoamericana, não são um fim em si mesmo, mas um meio de conectarmos para fazer, para construir ideias diferentes, para inventar, para mobilizarmos acerca da primeira infância e para continuar lutando pelo justo, público, ético e bem viver de todos os cantos. A ela nosso agradecimento por estes encontros e nosso abraço onde ela estiver.

Barcelona, 6 de julho 2019

— JENNIFER HAZA GUTIÉRREZ

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?



■ SERGIO DIEZ

Começo compartilhando a transcendência da questão, expondo-a ao público. Silêncios e sorrisos em igual medida como a melhor resposta à difícil aventura de aceitar tal pergunta.

Uma educadora é uma construção que se define e se desenvolve com sua própria comunidade. Cada território e cada escola têm sua realidade inter-relacionada graças a profissionais que possibilitam canais de participação com famílias, agentes sociais e instituições. Porém, é preciso levar a questão às escolas para falar de uma vez por todas com rigor de educação, e a questões como que infância, que educadores, que escola e que políticas, respostas se tecem em contínua adaptação às circunstâncias.

O profissional da educação carrega uma carga vital que o define, e sua história de vida embriaga o que projeta na infância, com a formação e a transformação essenciais advindas de seus referentes ... e dos referentes. Como



são importantes e cada vez que aqueles que se referem ao nosso curso ganham destaque nas reuniões escolares, o nervosismo é notável, e as redes sociais e o exercício de copiar + colar da tela é cada vez mais difundido e preocupante.

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene

Agora, Irene ocupa parte desse foco de referência. E no eu profissional de cada indivíduo coexistem experiências e pessoas que nos deixaram rastros em qualquer momento de nossa vida, em nosso modo particular de olhar a infância e de nos definirmos como educadores.

Costumo convidar meus colegas a reler nossas vidas e descobrir quem nos marcou por suas palavras, por seus atos. Em minha vida aparece meu avô, Guillermo, com quem pude compartilhar a vida até recentemente. Ele mal conseguiu ir à escola, mas sua humanidade, humildade e sua formidável capacidade de ouvir e acompanhar com silêncio, acho que sempre continuarão a me mover.

Devo contar uma história de quando eu era pequeno? - Frequentemente, na escola, aproveito a história oral para encantar com a palavra, com o gesto que a acompanha,



algo que pretende assemelhar-se ao clima que surgia com aquelas histórias que os mais velhos nos contavam com o calor da sua voz.

Meu irmão e eu passamos as férias escolares e fins de semana em um humilde povoado de uma pequena cidade na encosta de uma montanha no País Basco. Depois do café da manhã, continuando com o que estava pendente ontem, reiniciávamos as brincadeiras, a construção de cabanas nas árvores, as expedições por aqueles pinhais, mas não antes de passarmos por um pequeno e velho depósito de carvão transformado em um pequeno armário para guardar ferramentas. Lá nos esperavam nossos martelos e uma velha lata de aspargos enferrujada e cheia de pregos. Um punhado para cada um carregar os bolsos e prontos para a tarefa de pregar madeira, paus e qualquer plano que pudéssemos imaginar.

Quantas vezes meu avô se queixou de ter acabado com as pontas que deixava na lata de aspargos, precisando delas para qualquer serviço e tendo distribuído eu e meu irmão para aquelas casinhas que mal resistiam apesar de milhares e milhares de marteladas.

E com o ponto e a continuidade que todas as noites traziam, acordávamos para traçar nosso continuum com o reencontro matinal com aquele armário, com aquela lata

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene

enferrujada ... e encontrá-la novamente cheia de nossos valiosos pregos. E assim todos os dias. Estou emocionado por lembrar o que experimentei, o que aprendi. A semente valiosa deixada para trás por atos inocentes como manter aquela lata inocente cheia de nossos pregos valiosos para continuar a materializar aqueles projetos elevados às alturas dos desejos que descem à terra; os das brincadeiras ao ar livre protegidos pela confiança de quem nos deixa fazer e nos nutre com os materiais necessários para o seu desenvolver.

Meu avô pôs em prática o que Malaguzzi defendia: O bom professor deve fazer seu trabalho e se retirar. Para mim, quem melhor do que meu avô Guillermo, que, sem estar consciente de sua tarefa, era capaz de ver e ouvir sem exigir uma demanda explícita. Uma companhia ideal, uma posição de respeito, também modelo e às vezes lúdica, em equilíbrio constante, não invasiva, humilde, discreta, otimista, corajosa.

Porque somos o professor que somos, em parte pelo que vivemos, pelas relações humanas que nos permitem olhar e descobrir as nossas paixões e o acompanhamento que os adultos delas fizeram. Nos referenciarmos com nossas vidas para fazer e desfazer o que queremos ser vividos, sem esquecer que um professor antes de tudo se constrói a cada dia pela motivação de

oferecer um clima educativo requintado que une afeto, cognição e relacionamentos a partir de uma formação constante e profunda do referencial psicopedagógico.



Um processo de definição profissional que não se concretiza isoladamente ou que tem data limite de realização, assumindo a aventura humanista no seu sentido mais amplo, e continuando a trabalhar pela concretização da sociedade que defendemos com uma escola que não interrompe a vida.

Aceitar esta aventura significa aceitar a complexidade do trabalho em grupo, com relações profissionais que promovam a tecelagem de redes que vão além da escola e assentam na cooperação, no debate e na

discussão entendida como um trabalho de compromisso, transparência e abertura.

Para finalizar, precisamos de professores que gastem as calças nos joelhos, por estarem ao nível do solo, com um

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene

olhar que acolha a vertigem construtiva da responsabilidade, que respeite e promova uma infância capaz e plena em uma escola pronta para um exercício permanente de ressignificação, de acordo com as questões que foram abertas por cada uma das mesas redondas. Como educadores, colocam-se como pessoas de confiança, que por sua vez propõem, investigam, estudam, duvidam e questionam. Assim seremos capazes de montar locais como aquele vilarejo, com uma infinidade de latas de aspargos à disposição das crianças que confiam nos adultos para fazer e ser o que desejam.

Para terminar, um momento de desfrutar do silêncio na leitura de encerramento. Linhas que compartilhamos em Barcelona e agora aqui para que possamos continuar escrevendo a história que emana de nossa profissão.

De que professores precisamos ...

Aqueles que nos permitem sentir, pensar e fazer.

Que saibam ser sem ser invasivos, que confiem no outro, seja aluno, companheiro ou família.

Que eles são inconformistas, humildes e generosos.

Isso gera conflito, que provoca e regenera seu conhecimento.

Precisamos de profissionais que sintam que cada pequeno gesto é enorme, por mais inocente que pareça.

Irene, obrigado por ter entrelaçado em minha trajetória de vida relações que impregnam meu trabalho e me fazem crescer, lembrar, almejar e nunca perder a confiança em alcançar a educação que sempre defendeu.

Estamos empenhados em continuar. Muito obrigado por tudo.



— SERGIO DIEZ

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

Quem educa? Quem educamos? O “lugar” do educador

— M. CARME BERNAL CREUS



Mestre é aquele que nos liberta voltando-nos para a realidade de nós mesmos e das coisas.

Carles Riba (1951)

Quem educa?

Educa quem o faz desde sua própria educação sentimental, desde a íntima conexão com sua própria bagagem cultural; uma bagagem cultural vivida, antes de tudo, como uma experiência estética pessoal. Educa quem permite que essa experiência o acompanhe inevitavelmente na sua vida profissional num belo exercício de tradução; como um impulso da própria maneira de viver a escola. “A arte - diz a professora Maite Pujol no prólogo do livro *Arte e jogo* (2009) - facilita o estabelecimento e a ampliação de conexões entre diferentes elementos do ambiente”. Quem educa deve fazê-lo desde a paixão pela cultura, atraído pela “inutilidade do inútil”, nos termos de Nuccio Ordine (2013) quando define “o inútil” referindo-se ao marco humanístico, ao conhecimento sem benefício. Educa quem chega ao

cotidiano escolar com propostas expressivas, elaboradas e acompanhadas de expressões de toda espécie (literatura, arte, música, teatro, dança, etc.). Perdoem por trazer a água para o meu moinho, pois sou filóloga e gosto muito de literatura.

Na minha experiência pessoal de mais de 30 anos como educadora e professora de futuros professores, sempre considerei a educação em termos de país, neste caso o meu país é a Catalunha. Este sempre foi o espírito da minha Faculdade de Educação de Vic (Barcelona), nascida há 43 anos com o desejo de construir um país e uma língua gravemente danificados pela repressão de Franco e por uma má transição. A educação é para mim uma questão de construção coletiva e, portanto, no campo pedagógico, acredito que é importante considerar desde todas as esferas educacionais pertinentes como os professores devem ser modelos linguísticos eficazes para todos os meninos e meninas que estão construindo sua base linguística; companheiros na boa integração de um imaginário

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

Quem educa? Quem educamos? O “lugar” do educador



coletivo que se transmite através da tradição oral e da literatura escrita. Quem educa é um professor leitor e bom transmissor da cultura oral. A partir daqui, gostaria de lançar um apelo aos professores para que proporcionem com qualidade as suas intervenções orais e literárias, que se empenhem na procura constante do auto-aperfeiçoamento no domínio da linguagem e da tradição oral.

A quem educar?

Somos todos autodidatas desde o momento em que nascemos. A criança se constrói sozinha, chegou a dizer Célestin Freinet há muitos anos; e o faz com trabalho, responsabilidade e através de uma organização coletiva cuidada pelo adulto, acrescentou o professor e pedagogo francês. Essa ideia implica, na educação, um posicionamento concreto. Com efeito, se a criança se autoconstrói, o trabalho do professor é proporcionar experiências de qualidade e ricas para que essa autoconstrução se concretize. Nesse caso, a criança conectará sua vida às diferentes experiências que acontecem na escola, à interação com os adultos e, ao mesmo tempo, com as situações de trabalho e exploração com materiais bons e ricos. Dessa forma, sua autoconstrução ocorrerá. Na Escola-Lar Montessori de Logroño, quando as crianças chegavam ao centro, tinham um local específico onde podiam trocar o calçado de rua por um confortável, onde deixavam mochilas e jaquetas. A

organização clara dos elementos preparados para realizar todas essas ações tornavam este momento uma ocasião rica em nuances: no amplo hall havia um lugar para cada peça de roupa, um elemento de mobiliário para cada ação: um armário aberto para a mochila, jaqueta e sapatos e um banco de madeira para mudar os sapatos; um banco com uma mensagem oculta: quando a criança trocava os sapatos, via o lado de fora cheio de plantas. E tudo, dentro e fora, a convidava a agir com calma.

Todos vocês conhecem a frase “A criança é o pai do homem”. A Dra. Montessori, que era pedagoga neurologista e antropóloga deu a essa frase um sentido que se tornaria a confluência de três dimensões científicas: era um olhar para a criança a quem atribuía ser professora de adultos (pedagogia), sábia desde o nascimento e com capacidades incríveis para se desenvolver dentro de um ambiente humano (neurologia) e com a habilidade de se relacionar e aprender com seu ambiente (antropologia). Com ela, com a criança, temos muito que aprender. Embora seja verdade que a escola de hoje, no século 21, continua pensando o contrário: que a criança é um ser imperfeito que deve ser educado e treinado para se tornar um adulto. Se nos detivéssemos nessa ideia da médica italiana, talvez saíssemos desse mito, dessa mentira. E talvez nosso orgulho se reduzisse a cinzas, pois observar a criança é perceber que ela segue,

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

Quem educa? Quem educamos? O “lugar” do educador

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

sem esforço, seu próprio mestre interior, uma espécie de guia que a orienta para alcançar o domínio do movimento corporal, a perfeição da linguagem, suas capacidades e potencialidades sensoriais, matemáticas ... para conviver com as pessoas. E por consequência, se o nosso ponto de vista fosse diferente, perceberíamos que, como adultos, temos muito a aprender, porque é a criança que nos orienta.

Por tudo o que acabamos de dizer, é necessário criar, na escola e na sala de aula, situações de qualidade dirigidas a esta criança que nos precede como modelo humano. Devemos organizar espaços com objetivos inteligentes e ao mesmo tempo selecionar materiais de múltiplas possibilidades adequados para esses objetivos, e não como dizemos em catalão “de per riure”, isto é, de baixa qualidade, enganosos. Preocupa-me muito que o nosso olhar para a educação da criança de 0-6 anos ainda contenha aquela ideia de que a criança só quer brincar, o clichê das fichas, esse ruído permanente de que coisas frágeis se quebram nas mãos da criança porque sua motricidade é instável.

Durante dois anos, fui responsável pelo Laboratório de Formação e Pesquisa em



in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

Quem educa? Quem educamos? O “lugar” do educador



Educação Infantil na Faculdade de Educação da Universidade de Vic-Universidade Central da Catalunha, juntamente com a professora Berta Vila. Nesses laboratórios ou salas de simulação de 0-6 anos, contamos e temos - agora como professora emérita - uma grande equipe de profissionais professores para criar e organizar diferentes modelos de espaços e materiais. Pretende-se convidar futuros professores, professores em exercício, professores universitários e pesquisadores em educação para observar e refletir sobre os materiais e sobre a organização dos espaços na sala e na escola. Nesses laboratórios existem espaços e materiais que atendem a diferentes objetivos na educação infantil: vida prática, sensorialidade, experimentação, educação literária, ciências naturais, expressão escrita, matemática ... Um dos espaços da vida prática é o da preparação das mesas para comer. Logo se vê uma mesa posta, um armário ao lado que contém materiais e utensílios de mesa (pratos de cerâmica, copos de cristal, terrina, bandejas, etc.). Todos esses materiais são colocados ao alcance das crianças, para que sejam protagonistas na preparação de um ambiente agradável para as refeições. Refletimos com os visitantes — sejam professores, alunos ou pesquisadores — sobre a necessidade de ter esse espaço na escola com as crianças como protagonistas. E também sobre como podemos ajudá-los a aperfeiçoar seus movimentos (movimentar objetos frágeis, esvaziar e encher jarras, colocar seus talheres,

copos e guardanapos em cada prato, etc. E, se as crianças podem cuidar de arrumar as mesas e também de limpar os espaços, como isso influencia a socialização. Tudo tem o seu lugar: que belo exercício de movimento, que exercício de solidariedade e de convivência!

A criança segue as tendências humanas em um período sensível muito específico que vai de 0 a 6 anos. E o papel do adulto é, primeiro, conhecer essas tendências e depois preparar o ambiente (a sala, a escola, etc.) para que essas tendências se desenvolvam. Estamos falando, em primeiro lugar, sobre a tendência para a organização. Impressionou-me há muitos anos o conceito de organização dos meus queridos colegas dos Serviços Municipais de Educação 0-6 de Pistoia, então coordenados por Ana Lia Gallardini, Lucia Brescii e Donatella Giovannini. Percebi o valor do espaço organizado naquela bela cidade toscana. Como a criança valoriza e aprecia a organização clara dos objetos. Os objetos podem ser mais simples ou sofisticados, mas a organização é importante. Ano após ano descobri em Pistoia que as ideias sobre organização não eram apenas palavras, mas que em cada escola em Pistoia essa ideia se refletia perfeitamente. Podemos falar de outra tendência humana, concentração ou, se preferirmos, do direito da criança de mergulhar em uma atividade individual ou em um pequeno grupo sem ser perturbada por seu próprio ambiente. Para que a concentração seja

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

Quem educa? Quem educamos? O “lugar” do educador

Editorial

História da revista

Trajetória de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

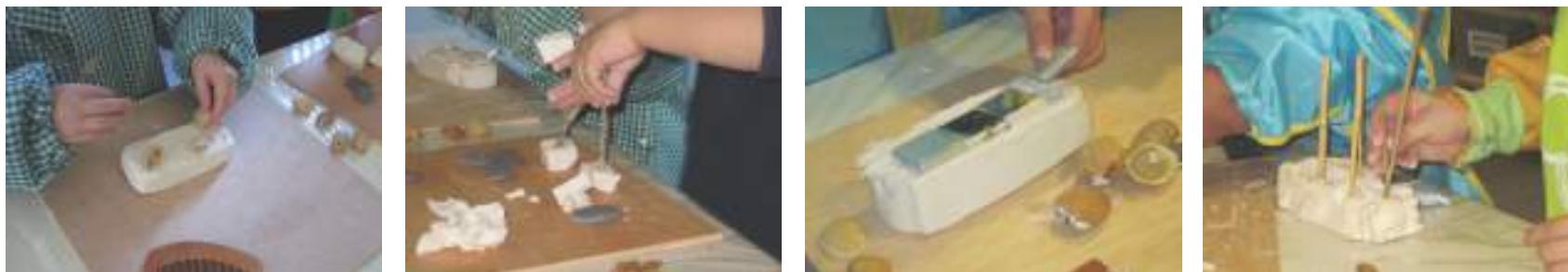
Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene



Os meninos e meninas têm uma oferta de material sem nenhuma diretriz de uso, cada um o faz livremente de acordo com sua criatividade.

possível, é preciso sensibilidade e um bom saber fazer do adulto na hora de preparar o ambiente para que a criança atue sem interferências. Preparar o ambiente para a concentração requer educar também e ao mesmo tempo a liberdade e a autodisciplina dos alunos para respeitar a liberdade dos outros e respeitar a si próprios. Na verdade, esses são os pilares da democracia: Viva pelas normas coletivas e deixe viver. Respeite a si mesmo e respeite os outros. Mas, por exemplo, se o ambiente de leitura de livros se situa em uma zona de passagem da escola e a criança sofre inúmeras interrupções durante a leitura, sua liberdade não é respeitada. E ao mesmo tempo, se não ensinamos ao pequeno leitor a exercer a sua responsabilidade, que papel teremos nessa atividade?

“Eu faço”, a criança nos diz constantemente, seguindo sua própria tendência para o trabalho. E o que o adulto

começou, a criança continua, ou o adulto continua junto com a criança. Uma avaliação desse conceito de “trabalho” aproxima-nos imediatamente da ideia de que a sala ou a escola são espaços de construção coletiva; são territórios de inúmeros esforços compartilhados. Sempre me pergunto por que a área da vida prática tem tão pouco valor na escola, quando, a meu ver, essa área dá à criança segurança de movimento e, ao mesmo tempo, um sentido coletivo e de seu trabalho e responsabilidade? Na variedade de escolas que visitei, percebi duas atitudes, e as mostrarei com dois exemplos. Em uma delas, o lanche da manhã era preparado pelos pais e mães que tinham horário livre pela manhã. Essa organização tinha uma vantagem: as famílias participavam do cotidiano da escola; mas, ao mesmo tempo, uma desvantagem: as crianças perdiam a oportunidade de atuar. Na outra escola, as crianças da turma iam procurar as cestas de lanche na cozinha, traziam

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

Quem educa? Quem educamos? O “lugar” do educador



para a sala, preparavam as mesas: limpando-as, retiravam o material das cestas e colocavam nas respectivas bandejas. Cada criança servia o lanche em seu prato e o trazia para a mesa. Foi um trabalho coletivo, organizado, com o envolvimento de todos. E o trabalho da professora era tornar possível - o que não é pouco - essa maravilha.

O «lugar» do educador

Certa vez li um manifesto em que o professor e escritor Segimon Serrallonga, professor da Faculdade de Educação da Universidade de Vic, dizia aos jovens escritores: “Quem não trabalha por uma causa, a favor de um interesse mais amplo, uma causa que vai do mais profundo interesse pessoal ao mais amplo interesse geral, não merece escrever uma única linha”. Gostaria de acrescentar que essa afirmação aplicada ao campo da educação pode terminar dizendo “não pode ficar um só dia na escola”. São palavras dirigidas a quem deve saber elevar o seu trabalho das motivações pessoais, do cotidiano, ao interesse mais geral de como é preciso educar e trabalhar em equipe por uma causa, por um país, pela democracia. O professor de que necessitamos tem um compromisso incorruptível com os seus próprios ideais, mas também sabe colocar-se num nível superior, entre a reflexão constante, a tradição e a inovação. Tem o compromisso diário de transformar inércias em propostas corajosas e inteligentes; de transformar rotinas em oportunidades sólidas para a vida coletiva. Deve

ignorar os slogans brilhantes e as modas passageiras e trabalhar em equipe com objetivos fortes, sempre pensando que estamos frente a crianças inteligentes.

A criança é, ela mesma, mundo e natureza. Existe harmonia entre ela e a natureza. Poderíamos dizer que nela a parte humana ainda não foi separada da parte divina. Este é certamente um sentido espiritual do conceito de infância; quase poético, bastante cósmico. É uma ideia que tem um sentido ecológico. Do meu ponto de vista, grandes educadores como Rousseau, Pestalozzi, Fröebel, as irmãs McMillan, Malaguzzi ou Freinet, entre outros, o levaram em consideração. A criança é ela e seu meio: seu bairro, sua vila e sua cidade, as grandes experiências de Reggio Emilia nos mostram isso. O binômio natureza e educação e o binômio criança e ambiente são inseparáveis.

O lugar do educador é o da liberdade. “Ensinar não é doutrinar”, nem é “impor”, diz Jaume Carbonell em *A Educação é Política* (2018). A educação é um diálogo constante e também respeito pela liberdade da criança. O professor de que precisamos deve tentar saber em que consiste a liberdade da criança e qual é o seu papel para respeitá-la, através de que organização da sala, que materiais naturais, bonitos e inteligentes. Mas acima de tudo, deve saber quais são as limitações que a liberdade acarreta. E não apenas intuir a liberdade como um slogan.

in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

Quem educa? Quem educamos? O “lugar” do educador

Editorial

História da revista

Trajetória de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

Estamos em tempos de muitas intuições, de excessivos afagos à imagem da criança e seu direito à liberdade. E ainda, continuamos acreditando que uma tarde em que as crianças podem escolher um ambiente para estar já é um sinal do nosso respeito pela sua liberdade. “Hoje, faça o que quiser, mas pelo resto da semana eu te direi o que fazer.”

Gostaria de apontar duas ideias sobre a liberdade da criança. A primeira é que o conceito de “liberdade da criança” também deve nos levar ao conceito de “independência da criança” em relação ao adulto. De fato, a criança liberta-se do adulto quando pode agir livremente e por conta própria, aceitando uma série de limites e tendo em conta que pode fazer uma escolha pessoal num ambiente constituído por outras crianças com os mesmos direitos. É aceitação e escolha. É liberdade e autodisciplina. É um

“eu” entre outros “eus”. Liberdade assim entendida implica ter uma sala organizada para que a criança possa se movimentar sozinha, expressando sua vontade de escolher entre tantos materiais. É uma escolha que não é vulgar, mas envolve escolher “uma” entre tantas outras opções, e levá-la até o fim aceitando as condições dessa escolha. Vemos muitas crianças correndo de um espaço para outro sem rumo, parando um pouquinho num ambiente sem explorá-lo completamente; rondando pelo direito exclusivo de poder escolher livremente. Vemos muitas crianças privadas de atividade porque o adulto lhes diz “Isso você já fez” ou “Escolha entre isso e aquilo”.

Armadilha! Quanto temos que aprender com essa liberdade!

A segunda ideia se dá no ambiente pedagógico de Reggio Emilia, onde traçam-se itinerários educativos nos quais pequenos grupos de crianças e professores se comprometem a realizar projetos de trabalho conjuntos. Normalmente são propostas criativas, abertas e sem limites, o que permite alcançar horizontes extraordinários. Normalmente são oficinas de exploração e criatividade com materiais muito bem condicionados ao objetivo ou objetivos que se pretendem e com espaços



in-fân-cia *lat noamer cana* Que professores precisamos?

Quem educa? Quem educamos? O “lugar” do educador



preparados que vão dos mais simples aos mais sofisticados; do mais clássico ao mais avançado. E onde a liberdade da criança é profundamente respeitada. Mas não precisamos ir tão longe. Temos boas amostras em nosso território: a escola Les Pinediques de Taradell (Barcelona). Este jardim de infância é conhecido pelas suas oficinas integradas e pelas suas propostas audiovisuais em que participam professores e crianças, convocados por um trabalho conjunto de conhecimento e criatividade. É a questão de saber-se participante e aprender juntos.

Escrevi essas reflexões sobre educação a propósito da morte de minha amiga Irene Balaguer. Foi minha professora na Faculdade de Educação de Vic, junto com M. Antònia Canals, Teresa Busca e Jaume Carbonell, entre tantos outros nomes ilustres. Com eles aprendi a descobrir a criança em toda a sua complexidade e nas suas múltiplas inteligências. Também com Irene descobri Pistoia, que ela chamou no texto intitulado «As creches de Pistoia», nos Cuadernos de Pedagogía (2010), «um esforço de generosidade e de criação coletiva». Como cidadã de Vic, posso dizer que sem Irene Balaguer as creches municipais de Vic não existiriam. Foi ela quem insistiu que uma cidade tão atenta à cultura, ao conhecimento e à pedagogia como Vic, deveria ter bons exemplos de educação para os mais pequenos. E assim ela apresentou essa ideia ao então prefeito Jacint Codina, e foi assim que se envolveu, no nascimento da minha Faculdade

de Educação da UVIC. E aí estão as escolas municipais cumprindo o legado de Irene Balaguer de ter boa qualidade. Obrigado Irene. Dedico estas reflexões a você, com todo meu amor.

Barcelona, Caixa Fórum, 6 de julho del 2019

BIBLIOGRAFÍA

- PUJOL, M.; BERNAL, M. C.; RIEROLA, M. (2009). Art i joc. Vic: Eumo Editorial- H. Associació per a les Arts Contemporànies.
- ORDINE, NUCCIO (2013). La utilitat de l'inútil. Barcelona: Quaderns Crema.
- CARBONELL, JAUME (2018). L'educació és política. Barcelona: Octaedro.

— M. CARME BERNAL CREUS

Mestre e Doutora em Filologia
Coordenadora (2017-2019) do Mestrado em Pedagogia Montessori UVic-UCC
Professora Emérita da Universidade de Vic

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Necessidade ou Direito?

■ AGNÈS SZANTO-FEDER



Neste mundo em mudança, os direitos das crianças ocupam um lugar central. Trata-se de algo muito mais potente do que as necessidades: um compromisso da sociedade com seus filhos com vistas a garantir as condições ideais para seu desenvolvimento em nossa sociedade, em nossa cultura.

Assim, desde 1989, um texto internacional reconhece explicitamente que meninos e meninas são seres plenos, com direitos amplos: “direitos fundamentais, obrigatórios e não negociáveis”.

A World Forum Foundation continuou este trabalho de aprofundamento dos direitos, especificando-os no caso de crianças muito pequenas em creches ou outros centros de dia: (Para mais detalhes, ver: “Nas mãos amorosas” de Elsa CHAHIN com Anna TARDOS, Fundação Fórum Mundial (www.xlibris.com) O subtítulo da obra afirma: Como os direitos das crianças pequenas em lares infantis oferecem esperança e felicidade no mundo de hoje.

Então, que espaços de acolhida queremos para nossos meninos e meninas?

“1989, um texto internacional reconhece explicitamente que meninos e meninas são seres plenos, com direitos amplos: “direitos fundamentais, obrigatórios e não negociáveis”.

Quais são as condições ambientais, e também as condições do quadro educacional das crianças em grupo, para poder assegurar que todas as crianças do grupo, de qualquer idade, tenham acesso aos seus direitos? Que adultos, quantos, para quantas crianças, em que grupo?

E quais são, também, as condições para assegurar que os adultos possam fazer o seu trabalho da melhor maneira

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Necessidade ou Direito?

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

possível, qual é a condição para a qualidade da sua presença junto às crianças?

Existem muitas questões que precisam ser especificadas.

Certamente, para dotar a vida cotidiana de uma qualidade aceitável, onde todas essas questões encontrem respostas adequadas, não podemos nos contentar com generalidades.

Emmi Pikler e Irene Balaguer queriam oferecer às crianças o mesmo tipo de acolhimento, e por isso suas ideias foram reunidas nesse lugar que foi o Instituto Pikler (ou Lóczy),

a creche. A experiência de sessenta anos acumulada nesses espaços pode servir de fio condutor na busca de algumas respostas, como é feito na atual escola infantil de Budapeste.

Anna Tardos (diretora nas ocasiões em que Irene Balaguer visitou Budapeste) envia suas melhores lembranças de suas trocas com ela; com suas condolências, envia seus votos de sucesso nesta jornada.

O que queremos especificar aqui são os fatores que favorecem um ótimo desenvolvimento da criança,



in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Necessidade ou Direito?



fatores que foram postos à prova ao longo de muitos anos de experiência, particularmente para quem já trabalhou com “projetos piklerianos” em muitos lugares. O apoio das descobertas das neurociências parece-nos uma garantia adicional muito importante para a sua validação.

Podemos dizer que são ideias universais, pois são aplicáveis a todas as crianças, em qualquer situação.

Já encontraram uma projeção nos trabalhos de Lóczy ou do Instituto Pikler: ali era uma creche-lar de longa duração, meses ou anos, um internato para crianças privadas temporária ou permanentemente dos pais.

O lugar atual de que vou falar é uma escola infantil, um centro para grupos de crianças com famílias, onde esses “fundamentos” são adaptados com o mesmo sucesso, assumindo a responsabilidade de manter as ideias de Emmi Pikler.

A creche encontra-se nas antigas instalações da creche-lar, remodelada e com uma organização diferenciada. Acolhe 36 meninos e meninas de famílias que moram no bairro. É composto por três grupos de 12 crianças; 3 adultos trabalham em cada grupo, cada um deles é a “referência” para 4 crianças.

Bernard Martino, em seu filme rodado nesse lugar (Uma escola de civilização) nos diz: “Aqui tomamos muito cuidado para que a lógica do coletivo e as exigências que ele impõe não se sobreponham à vontade firme de priorizar necessidades particulares de cada indivíduo”.

Aqui “não se trata de impulsionar o movimento”, especifica também Martino. Um dos tesouros mais queridos da criança é o tempo, que ela pode ter à vontade para entender o que está procurando, para experimentar o que é novo ou difícil; para ter um tempo tranquilo para entender os motivos das regras e para “digerir”, para “elaborar” as frustrações que delas decorrem. A paciência gentil e a espera empática dos adultos e, às vezes, sua firmeza é o que caracteriza o ambiente do lugar. Sim, mas para isso o adulto também precisa de um tempo que pode dispor de acordo com as necessidades de cada criança.

“O adulto também precisa de um tempo disponível de acordo com as necessidades de cada criança.”

O que isso significa, em termos de organização, na prática da vida cotidiana, é que essas necessidades só podem ser atendidas se houver poucas crianças aos cuidados de cada adulto.

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Necessidade ou Direito?



Na minha opinião, o que vincula a nova escola infantil com a antiga creche, o que preside o trabalho neste espaço atual, é o que podemos chamar de imagem da criança saudável, de toda criança, segundo Pikler.

“Crianças são pessoas, mas pessoas de uma certa idade: elas precisam do adulto, mas também estão programadas para crescer”, dizia Pikler.

“Um dos tesouros mais queridos da criança é o tempo, que ela pode ter à vontade para entender o que está procurando, para experimentar o que é novo ou difícil para ela.”

Para isso precisam de um ambiente confiável, e é isso que os adultos desta escola infantil lhes oferecem, não só um ambiente calmo, previsível, e ao mesmo tempo rico em possibilidades a explorar, mas também a continuidade da pessoa adulta, a pessoa de referência, na qual a criança pode confiar, ao lado de quem encontra sempre uma escuta empática. Essa pessoa de referência é sempre a mesma ao longo dos dois ou três anos em que a criança frequenta o centro.

A estabilidade da equipe de educadores (por vezes problemática) é reforçada pelo facto de os adultos serem

apaixonados pelo que fazem: interessam-se profundamente por cada criança. Um trabalho contínuo de reflexão, de troca, de debates sobre as observações alimenta essa paixão.

Aqui está um dos elementos que constituem a imagem da criança Pikler: *“Ela é ativa desde muito pequena; sente curiosidade pelo mundo ao seu redor, deseja conhecê-lo, deseja orientar-se nele; ela é (se puder!) autônoma em seu nível, no nível de sua idade e de seus meios em todos os momentos”.*

Os adultos, nessa escola, não consideram a atividade autônoma um “jogo”, uma atividade “não produtiva”, sem importância, sem seriedade. Em vez disso, a veem como pesquisa, como resultado da curiosidade inata da criança autônoma. A extensão de sua seriedade nos é sugerida pelo comportamento da criança: ela o leva visivelmente a sério e nós mostramos nosso respeito por sua pessoa se também o considerarmos dessa maneira. De fato, basta observar o seu rosto enquanto está absorvida num “problema” que deve resolver. A sua serenidade na ação e depois o sorriso radiante no caso de conseguir que ela nos dá quando percebe a nossa empatia acompanhando a sua alegria.

Todos os espaços à disposição das crianças, interiores e exteriores, estão cuidadosamente dispostos para que

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Necessidade ou Direito?



possam ser utilizados com segurança e estão disponíveis para as várias atividades (incluindo as brincadeiras de faz-de-conta com os pares). Além do tradicional amontoado de areia (preparada para o bom uso) e de uma piscina infantil especial, o mobiliário de exterior é rico em possibilidades de grandes movimentos. Meninos e meninas, além dos cochilos (para os quais cada um tem sua própria cama), passam o máximo de tempo em atividades ao ar livre, fator essencial para a saúde, segundo Pikler.

“O filho de Pikler: Ele é ativo desde muito jovem; Ele está curioso sobre o mundo ao seu redor, ele quer conhecê-lo, ele quer se orientar nele.”

“Meninos e meninas passam o tempo com atividades fora de casa tanto quanto possível, um fator essencial para a saúde, de acordo com Pikler.”

Objetos para manipulação, “por e tirar” e depois esvaziar, fazer coleções, seriações, material de construção, elementos para atividade de imitação, de simulação, as brincadeiras com papéis sociais... A seleção e sua

apresentação, a forma de disponibilizá-los às crianças dependem em grande medida das observações que os educadores fazem regularmente. Isso permite que cada criança seja acompanhada em seus desejos e também em sua evolução, em seu desenvolvimento. Nessas observações se dá uma atenção individualizada, a fim de poder oferecer a cada uma das crianças o ambiente que lhe corresponde em todos os momentos.

“Observe mais para intervir menos”, disse Pikler.

Um dos orgulhos dos educadores é que também as crianças privadas de atividade autônoma em casa a descubrem aqui, com alegria e entusiasmo, e a ela se entregam com toda a seriedade e dedicação de que são capazes. Isso faz parte das grandes descobertas de Pikler em relação aos pequenos.

Outro dos elementos que compõem a imagem da criança Pikler é que a criança toma iniciativas tanto em relação ao seu meio material e aos seus pares como aos adultos que estão em comunicação com ela.

Considerar este ponto como essencial é talvez o que mais caracteriza o “projeto” desta escola infantil.

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Necessidade ou Direito?

Editorial

História da revista

Trajectoria de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

“A criança toma iniciativas tanto em relação ao seu meio material e aos seus pares como aos adultos que se comunicam com ela.”



in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Necessidade ou Direito?



Aqui, os adultos consideram a criança como uma companheira. Longos momentos de atividade autônoma são intercalados com longos momentos de diálogo com as crianças. Na verdade, e para ser mais preciso, com cada menino e menina individualmente. Os diálogos em torno de dúvidas, descobertas, pedidos ou demandas da criança se alternam com propostas, por exemplo, sobre possíveis ações autônomas de sua parte durante o tempo de vestir ou despir-se, comer, trocar fraldas ou lavar as mãos ... Todas essas são situações em que a pessoa da criança, o seu corpo e as suas ideias, os seus pensamentos, são considerados e utilizados para estabelecer um diálogo, uma conversa rica e variada. Naturalmente, também existem situações com várias crianças ao mesmo tempo, como as refeições, mas a atenção do adulto para o grupo é “duplicada” com a atenção para cada criança individualmente.

“Todas as situações em que a pessoa da criança, seu corpo e suas ideias, seus pensamentos são levados em consideração e usados para iniciar um diálogo.”

Os desejos (o, às vezes, as cobranças) do adulto em relação às regras também são comunicados à criança de forma serena e positiva, como, por exemplo, a proposta de

outra opção no caso de disputa de um objeto desejado; a proposta de pedir à outra criança de forma “civilizada”; ser benevolente em momentos de conflito.

O que está implícito em cada “conflito”, ou nas transgressões das regras, é que a criança não está sendo julgada, mas é a sua ação que o adulto quer mudar.

Um elemento fundamental deste ambiente é o tempo que o adulto dedica a cada momento de diálogo: procura se adaptar ao tamanho da criança, respeitando seu ritmo. Ele também quer respeitar suas emoções, ao mesmo tempo em que explica se elas estão em contradição com a segurança da criança ou com a vida com seus pares; sempre respeitando o tempo que a criança precisa para aceitar uma regra que não é palpável.

O trabalho próximo com os pais, que se supõe que sejam “bons o suficiente”, é o eixo em que a escola infantil atual mais difere da antiga Lóczy. O objetivo da equipe, através do diálogo diário, é garantir a confiança dos pais, que podem ter a certeza de que o seu filho recebe o que há de melhor no centro, enquanto se dedicam às suas ocupações.

Neste lugar, onde várias educadoras oriundas da creche-lar viveram separações drásticas de crianças que lhes foram confiadas, todos sabem que, para uma criança pequena, as

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Necessidade ou Direito?



separações diárias não são menos angustiantes, sobretudo para os bem pequenos. Por isso, se faz um trabalho particular com as famílias e as crianças quando entram na escola: pelo menos três semanas são dedicadas à familiarização.

“Respeitando o tempo que a criança precisa para aceitar uma regra intangível.”

Uma de nossas conclusões a respeito do conjunto dessas reflexões é a importância da relação individual e pessoal do adulto com cada criança sob seus cuidados. Isto reforça a nossa convicção de que é necessário controlar o número de crianças ao cuidado de um mesmo adulto, para que tenham tempo e disponibilidade de espírito suficientes para poder dedicar-se por tempos longos e significativos a **cada um em particular**.

De forma complementar, permito-me “fazer propaganda” do magnífico filme que Bernard Matino dedicou a esta escola infantil: «Lóczy, uma escola de civilização». É posterior a outro filme, «Loczy, uma casa para crescer», que fala sobre o Instituto Pikler, a creche-lar, sobre as “raízes” das ideias de Pikler, bem como sobre as crianças que nela foram cuidadas, e que agora são adolescentes ou adultos, pais ...



Para terminar, quero prestar homenagem mais uma vez a Irene: ela, que tanto lutou por um futuro melhor para os nossos meninos e meninas. Guardemos a sua memória e transmitamos toda a riqueza daquilo que ele nos legou.

■ **AGNÈS SZANTO-FEDER**

Psicóloga, Paris

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Fora da sala, na natureza. Histórias do bosque.

■ CLAUD JENSEN



Na Dinamarca, existem muitas escolas bosque para crianças. Com o passar dos anos, foram aumentando em número, então agora nos acostumamos com o fato de que elas fazem parte do cenário global. Já não é exótico e especial encontrar crianças e educadores nos bosques ou em qualquer outro espaço natural onde brincam ou exploram.

Em escolas bosque, as crianças passam o dia, da manhã ao pôr do sol, ao ar livre, o ano todo. Costumam ter uma cabana na mata onde se reúnem pela manhã e onde podem ser guardados jaquetas extras e galochas, para se adaptar às condições climáticas. Esses tipos de escolas bosque fazem parte da rede de escolas, e nos últimos anos tem surgido um grande número de iniciativas que de diferentes maneiras procuram integrar as experiências das escolas bosque. Falarei sobre algumas dessas iniciativas para oferecer uma ideia das muitas possibilidades que existem.

Alguns anos se passaram desde que visitei pela primeira vez uma escola bosque infantil. A experiência me marcou muito, e vou começar por aí. Naquela época, eu estava ocupado com um projeto no qual deveria compilar fotos e textos para um vídeo que oferecesse uma visão das opções de dois países (Itália e Dinamarca) quanto aos tipos de instituições para crianças de 0 a 6 anos.

A escola bosque infantil que visitei não tinha cabana. Em vez disso, eles tinham um ônibus que atendia mais ou menos às mesmas necessidades e algumas mais. Na maioria dos casos, os pais acompanham as crianças ao centro pela manhã, mas neste caso, o ônibus as buscava no centro da cidade. O ônibus pertencia à escola e vários dos educadores tinham a licença para dirigi-lo eles próprios.

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Fora da sala, na natureza. Histórias do bosque.

Editorial

História da revista

Trajectoria de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene



Desta forma, a escola bosque poderia se mover para onde quisesse. Podia ser uma ida à biblioteca, visitar outra escola infantil ou um bosque perto da praia onde costumavam passar a maior parte dos dias. Foi nesse dia que os visitei.

Quando chegamos ao bosque, o ônibus estacionou e as crianças e adultos imediatamente começaram a empacotar o que precisariam para o dia. Todos pareciam saber exatamente o que tinham de fazer e, em poucos minutos, estávamos caminhando por caminhos estreitos no bosque. O tempo estava bom, então eles puderam deixar suas jaquetas, calças e capas de chuva no ônibus.

Algumas crianças se juntaram com um dos educadores para preparar uma fogueira. Foi divertido e também estava planejado que preparariam pão naquele dia. Eu estava ocupado tirando fotos da fogueira, então a princípio não notei as outras crianças.

Porém, logo depois comecei a me maravilhar com a tranquilidade que era respirada. As crianças que cuidavam do fogo estavam concentradas nessa tarefa, mas o resto parecia ter ido embora. Acontece que todos eles estavam lá. Havia pequenas cabanas aqui e ali nos arbustos e em outro lugar havia um pequeno grupo brincando de bonecas. As crianças podiam mover-se livremente em uma área ampla. Não era limitado por nenhuma cerca ou algo

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Fora da sala, na natureza. Histórias do bosque.



semelhante, mas havia árvores, arbustos, estradas que eles não deveriam cruzar. Eu não via os limites, mas era evidente que as crianças controlavam perfeitamente o lugar.

Claro, isso não acontece no primeiro dia, mas as crianças aprendem rapidamente. Depois de incorporar esse modo de viver a escola, tudo parece tão óbvio que você nem precisa falar sobre isso. As novas crianças que ingressam no grupo são treinadas de forma quase imperceptível por crianças que já possuem um conhecimento mais aprofundado da área.

O dia foi longo e cheio de possibilidades. O grupo se separou. Quase metade decidiu seguir para o sul ao longo da praia e, antes de partirem, lembraram-se de onde seriam pegos quando o ônibus voltasse para a cidade. Era 1993 e eram os anos em que o desenvolvimento tecnológico estava se acelerando. A escola bosque tinha alguns telefones que eram muito volumosos para caber no bolso, mas podiam ser carregados na mochila. Isso proporcionou uma nova liberdade para crianças e adultos que lhes permitia compartilhar situações e se encontrar de maneiras muito mais flexíveis. Naquela época, poucas pessoas poderiam imaginar que no futuro todos teríamos um celular no bolso. Estamos acostumados a estar sempre acessíveis, seja no centro da cidade ou em uma área arborizada. Naquele momento, era um grande passo ser capaz de se separar e se deslocar em grupos menores.

O grupo de crianças que permaneceu ali continuou suas atividades em grupos menores. Alguns grupos foram dissolvidos e novos grupos formados. Eu estava andando por ali observando e tirando fotos, e a concentração das crianças não parava de me surpreender. A certa altura, as crianças foram para uma duna onde uma das educadoras estava sentada com um balde rosa na cabeça. Certamente era o sinal de que ia contar uma história. Não houve gritos ou ordens. Em absoluto. O que houve foi um tom de voz calmo, algumas crianças pulavam na areia e se empurravam para a direita, enquanto outras ficaram paradas e ouviram olhando o mar.

Revendo aquelas fotos antigas, vejo que naquele dia o céu estava muito azul, o sol brilhava e não ventava muito. Nem todo dia é assim em uma escola bosque, mas quando a pessoa está acostumada a estar ao ar livre, não é necessário que faça verão para se sentir confortável. Eles substituíram a sala da escola pelo bosque e pela praia, dando cor às suas bochechas e contextos de aprofundamento e concentração. Paus e pedras de vários tamanhos foram dispostos com imaginação para construir cavernas, casas, castelos ou simplesmente uma cabana.

A visita à escola bosque infantil despertou-me muitas reflexões sobre como se constrói a infância moderna. Que oportunidades oferecemos às crianças? Talvez nem todas

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Fora da sala, na natureza. Histórias do bosque.

Editorial

História da revista

Trajectoria de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

as crianças caibam em uma escola no bosque, mas estou convencido de que muitas sim.

Minha primeira visita a uma escola bosque infantil ajudou-me a criar um olhar crítico sobre a estrutura física que normalmente damos às crianças. Depois de passar um dia inteiro com um grupo no bosque, fica claro que muitas instituições são projetadas para abrigar a mente das crianças, mas não seus corpos.

O pintor sueco Peter Tillberg retrata com seu pincel - Será lucrativo, meu amigo? - como uma sala de escola pode ser sem imaginação. Observe que Tillberg não deu pernas aos alunos. Não há ilusão de que eles podem fugir. Eles são apanhados pela ideia de que esta é a melhor e a única maneira de adquirir conhecimento.

Painting, Tillber



As escolas bosque infantis podem servir para estabelecer uma ideia mais ampla e aberta sobre como podemos moldar os espaços em que as crianças podem passar grande parte de sua infância. Posto isto, devo imediatamente acrescentar que o simples facto de estar ao ar livre não garante que a pedagogia seja mais livre e experimental. Tenho visto crianças marcharem em fila indiana no bosque para chegar em um determinado lugar onde devem escolher uma árvore que terão que desenhar com a máxima precisão que puderem. O som do bosque com o cantar dos pássaros e o farfalhar das folhas ao vento é diminuído pelo barulho do apito e pelas constantes instruções do professor. Mas isso é raro.

Na maioria dos projetos de bosque e natureza que encontrei na Dinamarca, o foco estava na curiosidade das crianças, com besouros, formigas, ratoeiras e cascas de árvores cuidadosamente estudadas. Mais espaço tem um efeito positivo e, além disso, o nível de ruído cai consideravelmente quando as crianças passam mais tempo ao ar livre



Skovtrolden, Aarhus, Dinamarca (3-6 anos)

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Fora da sala, na natureza. Histórias do bosque.



Estar em contato com a natureza pode proporcionar uma ótima sensação de liberdade, tranquilidade e profundidade. Não é um sentimento reservado às crianças, mas também reconhecido e apreciado pelos adultos. Cada vez mais projetos estão surgindo onde pessoas estressadas podem desfrutar da natureza e passar o tempo em jardins, o que as ajuda a recuperar um dia a dia mais equilibrado.

A crise de Coronaviurs foi, sem dúvida, uma grande dificuldade para muitas famílias que tiveram que ficar em casa por semanas. Esse tem sido o caso em praticamente todo o mundo. No entanto, houve algumas variações interessantes entre os países. Na Dinamarca, por exemplo, as pessoas foram autorizadas a sair. Todos tinham a possibilidade de passear no parque, na praia ou na floresta se tivessem o cuidado de ficar longe das outras pessoas.

Mudamos para o teletrabalho e entrega ao domicílio. De repente havia mais espaço livre na agenda e muitas pessoas aproveitaram para fazer um pouco de exercício ou simplesmente sair para desfrutar da tranquilidade da natureza. Tenho certeza de que foi muito benéfico para a saúde pública poder sair de casa e deixar o computador para longas caminhadas por uma hora ou mais. É importante para o bem-estar físico, mas certamente também para o bem-estar mental.

Esta crise foi e é um sinal claro de que nem tudo continua igual. Também enfrentamos uma crise climática que já não pode mais ser ignorada. O crescente interesse por escolas bosque infantis está vinculado a um momento em que é cada vez mais necessário entender como podemos, em escala global, nos salvar de uma crise que nós mesmos criamos com o uso acrítico dos recursos naturais. Existem inúmeros relatos de poluição produzida por aviões e automóveis. Não é necessário entrar em detalhes sobre esses relatos, mas tenho a nítida impressão de que o crescente interesse de educadores e pais também tem a ver com o desejo de devolver a natureza como recurso para as crianças. Temos que repensar nossa relação com a natureza, com a sustentabilidade, com a reciclagem e com a proteção da diversidade.

A escola bosque é uma experiência útil neste contexto. Nela, vemos como as crianças se divertem, mesmo em ambientes que não são cheios de plástico. Passar tanto tempo ao ar livre também as torna mais fortes. Movimentam-se mais e evitam ficar amontoadas nas salas, onde a possibilidade de infecção é maior. É exótico e inspirador que nas escolas bosque as crianças fiquem ao ar livre o ano todo e o dia todo, mas elas podem não existir em todos os lugares. Existe a possibilidade de usar esta inspiração cada vez mais conhecida para desenvolver novos tipos de centros e, felizmente, existem cada vez mais.

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Fora da sala, na natureza. Histórias do bosque.

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

Trata-se principalmente de olhar para as possibilidades que existem em um determinado contexto. Pode ser organizado em torno de um centro infantil ou de movimentos sociais locais, onde os vizinhos trabalham coletivamente para criar espaço para a diversidade.

Um dia, enquanto estava em Barcelona, fui convidado para um projeto por um grande grupo de vizinhos que havia tomado um terreno perto do centro da cidade e transformado em uma horta. No meio havia mesas, cadeiras e uma churrasqueira, para que almoços ou jantares comunitários pudessem ser facilmente organizados. Num canto do terreno, as crianças encontraram algumas pedras e alguns tijolos que imediatamente se tornaram elementos de uma brincadeira. O lugar era aconchegante. Talvez seja por isso que foi tão agradável sentar ali e conversar sobre como o mundo está conectado. Esse grupo de vizinhos havia obtido a permissão municipal para o projeto por poucos anos, mas mesmo com essa perspectiva, a área ainda parecia um oásis no meio da cidade. Esses tipos de iniciativas existem e são várias. Os aspectos centrais dessas iniciativas são a comunidade e o verde.

No Parc de la Ciutadella, no centro de Barcelona, existe um parque infantil ao ar livre onde as crianças podem ir com os pais ou outros adultos. Existem blocos, bolas, carrinhos



*City Garden,
Montjuic,
Barcelona.*



in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Fora da sala, na natureza. Histórias do bosque.

Editorial

História da revista

Trajectoria de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

de mão e muito mais com os quais se pode brincar quando se encontram companheiros para compartilhar. Há também uma grande placa informando que as crianças podem brincar com água nesta área e que é permitido molhar-se. Outro exemplo da mudança que está ocorrendo.

Em outra parte de Barcelona, visitei uma escola infantil que tem um grande parque em frente. As crianças vêm aqui com frequência, passando a maior parte do tempo fora durante todo o ano. As crianças comem fora e observam os pássaros prontos para se aproximar e comer as sobras dos lanches. Cada migalha que cai vira comida para os pássaros.



Escola Bressol Municipal Valldaura.



in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Fora da sala, na natureza. Histórias do bosque.

Editorial

História da revista

Trajectoria de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

A abordagem dos ritmos e ciclos da natureza exige continuidade. É evidente que a escola bosque é o exemplo máximo que podemos imaginar, mas existem muitos modelos intermediários. Por razões óbvias, conheço sobretudo as experiências dinamarquesas, mas aqui também há muita vontade de experimentar. As áreas de brincadeira das escolas foram modernizadas. Os espaços exteriores tornaram-se mais inspiradores e variados. Pequenos montes foram criados para rolar e arbustos de frutas silvestres comestíveis atrás dos quais as crianças também podem se esconder. Macieiras e pereiras oferecem sombra. Outras árvores permitem subir nelas.

Tudo isso não é isento de conflitos e debates. De repente aparece um educador ou pai que ouviu dizer que uma criança caiu de uma árvore ou foi ferida por um galho. Isso acontece, e antes que você perceba, as árvores foram cortadas e podadas para que nenhuma criança pudesse alcançar um galho, nem mesmo empoleirado em uma caixa. Encontrar o equilíbrio certo entre segurança e desafios pode ser difícil ou mesmo impossível. É algo que se constrói ao longo do tempo e que acontece em cada local específico.

É preciso encontrar um equilíbrio, pois não seria inteligente começar com uma altura de dois metros, mas podemos encontrar uma árvore com uma altura adequada. As crianças que estão acostumadas a ficar ao ar livre muitas vezes têm

uma noção muito precisa de quão alto são capazes de subir, onde se equilibra melhor. Elas buscam ativamente ultrapassar um pouco mais seus limites ou alcançar maior segurança no nível em que estão. A segurança física é ouro quando as crianças devem se mover sozinhas no espaço público, a pé ou de bicicleta. A segurança física é alcançada usando o corpo. Trata-se de praticar, praticar e praticar. Seja no quintal, no parque, na praia ou no bosque, é preciso pensar em segurança e também em desafios. Onde há um pequeno monte que podemos pular enquanto caminhamos? Onde há gravetos para desenhar no chão? Qual árvore é adequada para escalar? Que animais podemos encontrar sob as pedras?



Skovtroiden, Aarhus, Dinamarca (3-6 anos).

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Fora da sala, na natureza. Histórias do bosque.

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene

O interesse das crianças pela natureza não é nada novo. Sempre estive lá, mas houve períodos em que os debates educacionais se concentraram mais em outras questões. A crise climática está ajudando a trazer essa relação à tona como uma das questões essenciais. Ainda que quando falemos em crise não soe positivo, a crise pode fazer com que nossa visão de educação se concentre menos na preparação para uma competição internacional selvagem, em favor de uma visão de educação que abrace mais a diversidade e a criatividade.

Perto da minha casa há um bosque onde uma vez por semana um grupo de crianças vem brincar o dia todo. Está tão perto que, quando o vento sopra a favor, posso ouvi-los. Eles são um bom exemplo do que expliquei. É um grupo de crianças de um centro de 0 a 6 anos do bairro, que é novo e ainda não tem um jardim interessante. Decidiram que as crianças mais velhas podem passar a semana inteira no bosque.

Para atualizar meu conhecimento sobre o bosque e as crianças, pedi para visitá-los. Cruzo essa área várias vezes por semana e faço isso há décadas. Eu conheço bem a área. Um par de crianças se ofereceu para servir de guia e foi muito emocionante. Havia tantas coisas que eu nunca havia notado antes! Por exemplo, há muito mais buracos do que eu percebi. Os vermes vivem em alguns, outros sem

dúvida foram escavados por animais maiores, como ratos ou semelhantes. E tinha que ver a árvore do robô! Essa árvore foi, sem dúvida, muito apreciada pelas crianças. A princípio não percebi as qualidades da árvore, mas me explicaram que era muito bom me esconder atrás. Havia um galho quebrado que era um elemento importante do robô. Esse galho poderia ser girado um pouco, como uma válvula. É por isso que a chamaram de árvore do robô.



Vestermarken, Aarhus, Dinamarca (3-6 anos).

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Fora da sala, na natureza. Histórias do bosque.



A árvore do coração foi muito mais fácil para eu entender. Anos atrás, algo aconteceu que fez com que a árvore agora tivesse um buraco em forma de coração no tronco. E então aquelas crianças que conheciam o bosque foram me mostrando o meio ambiente. Em uma pequena saliência, algumas crianças preparavam um funeral para duas abelhas. Uma abelha menina e um menino, segundo eles.



Vestermarken, Aarhus, Dinamarca (3-6 anos).

Um dos destaques do passeio foi uma árvore para escalar e, a certa altura, eles me mostraram o quão rápido é possível chegar ao topo da copa das árvores. Uma menina, que orgulhosamente demonstrou seu talento para escalar, disse-me que sua mãe a chamava de meio-macaco. Ela ficou satisfeita com o apelido e, com confiança e segurança, desceu da árvore para voltar ao chão.

Antes de encerrar a visita, pude falar com os educadores, que trouxeram vários novos elementos. Era evidente que os educadores estavam tão entusiasmados com a experiência de estar no bosque quanto as crianças. A necessidade de aprofundar e a experiência de esquecer o tempo foram compartilhadas por educadores e crianças. Era um alívio sair das estruturas cotidianas do centro.

Ao sairmos do bosque, ouvi uma última consideração dos educadores. Eles haviam notado, há algum tempo, que meninos e meninas se envolviam muito mais em suas brincadeiras e atividades quando estavam na natureza. Os educadores não tinham as mesmas ideias sobre o que as crianças deveriam ou não fazer quando estavam no bosque. A última foto que tirei durante minha visita foi de uma piscina que alguns meninos e meninas haviam formado com gravetos e galhos. Não requer grandes explicações, é suficientemente explícito se olharmos de perto. Inclui um trampolim para saltar para o centro da piscina.

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Fora da sala, na natureza. Histórias do bosque.

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene



Vestermarken, Aarhus, Dinamarca (3-6 anos).

Ao longo do artigo, basicamente esbocei minhas experiências na Dinamarca. Temos uma longa e rica tradição da qual podemos beber, e é onde moro e onde posso facilmente encontrar experiências relevantes. No entanto, acrescentei alguns exemplos de Barcelona para mostrar que o interesse pela natureza, clima e biodiversidade se espalha rapidamente além das fronteiras. As possibilidades são variadas. Cada latitude tem suas vantagens e desvantagens climáticas, e diferentes visões econômicas e culturais também influenciam. Em Spitsbergen, perto do Pólo Norte, onde vivem os ursos polares, é necessário portar um rifle para passear.

O mesmo vale para os centros infantis que se afastam da cidade, quando as crianças saem para brincar no sopé das montanhas ao redor, saem do centro para brincar na natureza, correr ou fazer suas observações. Pode ser muito frio, mas pais e educadores certamente compartilham a ideia de que as crianças têm que ir ao parque ou passear na natureza. Todo mundo sabe que um urso pode aparecer. Não é frequente, mas pode acontecer, de modo que o educador carrega o rifle no ombro o tempo todo.

Em outras partes do mundo, pode haver cobras com as quais é preciso ter cuidado. Existem inúmeros problemas que podem e devem ser resolvidos localmente.

A jovem sueca Greta Thunberg, com sua ação de protesto, conseguiu criar uma consciência global sobre a grave crise climática que vivemos. Greta Thunberg conseguiu o que milhares de pesquisadores vêm tentando há anos. Está cada vez mais claro que a solução pode vir de mudanças em nosso modo de vida, no que comemos, em como viajamos, etc. Existem perspectivas de mudança em diferentes níveis. Algumas coisas podem ser positivas, outras difíceis de realizar.

Não há dúvida de que, em um sentido amplo, o panorama educacional deve repensar como organizamos o ambiente local das crianças. Como podemos criar ambientes que

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

Fora da sala, na natureza. Histórias do bosque.



lhes ofereçam uma experiência física e sensorial, ou seja, com uma natureza diversa com diferentes tipos de animais e plantas? É preciso muito mais do que pôsteres coloridos com os dez pássaros mais coloridos. Como podemos transformar os ambientes para que as crianças tenham uma relação com a natureza, o que envolve tanto o corpo como a mente?

Conheci Irene Balaguer há quase trinta anos em um congresso na Holanda. Acontece que ambos falávamos italiano, o que nos permitiu iniciar uma conversa sem a necessidade de intérpretes. Mais importante, rapidamente percebemos que compartilhávamos um grande número de noções essenciais sobre crianças e infância. Ao longo de todos esses anos, permanecemos amigos e pudemos passar horas e horas debatendo as semelhanças e diferenças nas tradições educacionais e as voltas e reviravoltas que ocorrem constantemente. Às vezes, dois passos à frente, às vezes um passo atrás.

Se olharmos de perto, descobrimos que muitos países tiveram experiências históricas de pedagogia ao ar livre. É o caso de Barcelona / Catalunha, onde encontramos fotos antigas de creches tanto no bosque como na praia.

Agradeço aos editores desta revista por me convidarem a escrever este artigo e, assim, contribuir para homenagear

Irene Balaguer, que foi uma grande amiga e uma colega de profissão com uma capacidade extraordinária de colocar conceitos em interação entre o político e o pedagógico.

NOTAS:

Globussen, Svendborg, Denmark (3-6 years)

<https://svendborg.inst.dk/Foresides/IntraForeside.aspx?Location=IP.4B>

Skovtrolden, Aarhus, Denmark (3-6 years)

<https://www.krageper.dk>

Escola bressol municipal Valldaura, Barcelona (0-3 años)

<https://ajuntament.barcelona.cat/escolesbressol/ebmvalldaura>

Vestermarken, Aarhus, Denmark (3-6 years)

<https://aarhus.inst.dk/Foresides/IntraForeside.aspx?Location=IP.1F0&PublicMenuNodeId=373>

■ **CLAUS JENSEN**

Pedagogo

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

O direito à educação em uma escola pública, laica e de qualidade

— MARA DAVOLI



Uma premissa:

Desde 1984 e até hoje, seja em Reggio Emilia ou em Barcelona, minha história profissional e pessoal se confundiu muitas vezes com a de Irene, uma colega e amiga de verdade com quem muitas vezes compartilhei dúvidas e certezas, realidades e utopias, alegrias e beleza, mas também decepções e desgostos.

Hoje, então, continuo um diálogo nunca interrompido, às vezes ardente e apaixonado, mas sempre cúmplice, franco e leal, em busca de um amplo horizonte para pensar, imaginar e lutar pela escola que queremos.

Tive que escolher, me perguntei quais aspectos priorizar entre os tantos que este dia aborda. Escolhi estes três porque muitas vezes foram discutidos com Irene, mas também, e sobretudo, porque penso que o atual momento histórico, político e cultural exige que lhes demos uma atenção especial:



in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

O direito à educação em uma escola pública, laica e de qualidade



- **Uma escola pública e laica**
- **Formação e cooperação no trabalho para uma escola de qualidade**
- **Uma escola de portas abertas para uma educação democrática e participativa**

Prossigo esquematicamente por pontos que entrelaçam minhas reflexões com aquelas que Irene fez em sua intervenção na sessão do encontro “Educazione e / è politica” (“Educação e / é política”), realizado em Reggio Emilia em 23 de fevereiro de 2014.

1. Uma escola pública e laica

Por que uma escola pública e laica? Um tipo de escola pela qual Irene lutou com energia e obstinadamente, tanto no campo pedagógico como no campo social e político.

As escolas públicas em que vivem crianças e jovens hoje são cada vez mais heterogêneas em sua composição, sendo muitas vezes os lugares privilegiados - às vezes, infelizmente, os únicos - onde se encontram, convivem e até se confundem, diferentes culturas e ideias educacionais. Mas, precisamente por isso, a escola pública, mais do que qualquer outra, tem a responsabilidade e o dever de agir como elemento de ligação, escuta e diálogo na esfera social, cultural e de valores. Precisamente como instituição pública, a escola tem como missão, hoje mais do que

nunca, repensar e refundar as organizações, prioridades, práticas e estratégias educacionais. É um desafio difícil e complexo que a escola não consegue sozinha porque, como dizia Irene: “O compromisso com a potencial transformação da escola não pode ser um fato individual, mas deve ser um compromisso coletivo (...) porque para fazer algo novo precisamos co-construir um novo debate e também uma nova ação (...)”.

Ações concretas e cotidianas capazes de fazer com que as crianças percebam o sentido de suas possibilidades, e capazes de promover uma ideia de aprendizagem como um processo que se dá em um contexto educacional onde a criança tem consciência do que faz, como o faz e porque o faz.

2. Formação e cooperação no trabalho para uma escola de qualidade

A formação cultural e profissional como direito e dever de todos aqueles que contribuem e participam na educação das jovens gerações.

A formação e a cooperação são dois elementos essenciais para a construção de uma escola de qualidade e são também dois dos aspectos sobre os quais muitas vezes partilhei reflexões com Irene, porque existem professores individuais empenhados e preparados em

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

O direito à educação em uma escola pública, laica e de qualidade



todo o lado, mas isso não é suficiente para determinar a qualidade e identidade da escola como um todo como instituição educacional. Precisamos de “um grupo disposto a aprender tanto com o que nasce das crianças quanto com o que surge de debates ou discussões compartilhados. Uma equipe com capacidade de questionar e colocar questões, uma equipe heterogênea,

diversa e, portanto, rica”. E aqui reside talvez o sentido mais profundo de uma educação que evolui na relação circular da teoria que nutre a prática e a prática que nutre a teoria.

A cooperação no trabalho, assim entendida como trabalho em equipe, é uma tentativa e uma meta a ser perseguida e praticada no dia a dia, além de ser uma estratégia eficaz para realizar a formação e autoformação de professores.

É um processo lento e árduo, que exige o empenho constante de cada um, mas é também condição necessária para dar visibilidade e valor às diferenças presentes no grupo e para contrariar o tédio, a homologação de pensamento e de comportamento.

É na dimensão cooperativa, assim entendida, onde se ampliam e se geram diversos pontos de vista, a multiplicação de ideias, e também o conflito cognitivo, pois sem um diálogo sincero, aberto, livre, morre o dinamismo e vivacidade do processo educativo.

Sem diálogo e verdadeiro confronto, só ficam o conformismo e a indiferença, dois males que muitas vezes assolam a escola em todas as ordens e graus.

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

O direito à educação em uma escola pública, laica e de qualidade

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

A escola que queremos, então, é uma escola capaz de derrubar a lógica e os preconceitos da velha pedagogia, mas também a moda da inovação pela inovação:

- porque incentiva o risco e dá legitimidade ao erro;
- porque dá tempo para o pensamento criativo;
- porque estimula e cultiva o pensamento crítico;
- porque promove a reflexão sobre a experiência e seus processos de pensamento;
- porque é capaz de imaginar mundos possíveis e reexaminar as categorias do impossível.



Esta escola pensa e organiza o espaço e o tempo do cotidiano de forma a que as crianças sejam sempre protagonistas ativas da sua aprendizagem e não recipientes passivos dos ensinamentos dos adultos. Uma qualidade fluida e flexível do tempo cotidiano, capaz de oferecer às crianças a possibilidade de questionar o mundo com todas as potencialidades e as centenas de linguagens com que são dotadas para saborear com alegria cada momento vivido na escola. Uma escola capaz de respeitar os tempos, a inteligência, o potencial e a sensibilidade de cada menino e menina, pois cada um tem direito a ser visto, reconhecido e valorizado em sua singularidade.

Uma escola que constrói pontes porque “se trata de tecer, de tecer uma tapeçaria tão grande e vasta quanto somos capazes. Uma tapeçaria que será diversa, quão diversas são as escolas e quão diversa é a realidade educacional do mundo. A espessura da urdidura será diferente, a cor será diferente e o material será diverso, porque na diversidade reside sua força. Uma tapeçaria que, no entanto, compartilha uma trama: a de respeitar as crianças, de buscar o melhor para acompanhá-las em seu processo de emancipação e descoberta do mundo”.

Uma tapeçaria como lugar real e imaginário onde se cultiva obstinadamente a utopia compartilhada de uma nova cultura educacional.

in-fân-cia *lat noamer cana* Que escola queremos?

O direito à educação em uma escola pública, laica e de qualidade



3. Uma escola de portas abertas para uma educação participativa e democrática capaz de criar sintonia entre a escola e o contexto social, entre a participação democrática e a qualidade educacional.

Uma escola de portas abertas capaz de comunicar e tornar públicas as suas práticas educativas e a forma como são desenvolvidas.

Uma escola transparente, aberta ao confronto de ideias através da documentação (outro tema muito apreciado por Irene) como estratégia para comunicar os sentidos da intervenção educativa, e como instrumento para dar visibilidade a uma imagem infantil diversa e respeitosa e, não menos importante, como elemento de democracia participativa.

Em 2005 estive presente na declaração da 40ª Escola de Verão Rosa Sensat Por uma nova educação pública.

Uma declaração, um documento público, que nos fala da necessária audácia, compromisso, esperança e responsabilidade, dirigida a todos aqueles que contribuem para transformar positivamente a realidade da educação e da escola.

Nesses dez pontos, ainda hoje relidos, depois de dez anos, encontramos a visão e a ideia de uma escola que tem o

desejo, a vontade e a coragem cultural de transgredir rígidas fronteiras e limites.

Quero terminar estas breves notas com as palavras que Irene usou para encerrar a sua intervenção no encontro “Educazione e / è politica”, porque gosto de pensar que são as mesmas que ela diria aqui hoje e também porque acho que é um aviso para não contentemo-nos com uma escola de rotina, de indiferença, de slogans tão fáceis quanto vazios: “Amigos, acho que é o momento certo para agir e sustentar o que conquistamos e avançamos. Devemos organizar a resistência, porque sabemos que a história da humanidade não é linear, mas é feita de avanços e retrocessos. E precisamente por isso devemos considerar hoje amplos horizontes conceituais e geográficos, com humildade e a certeza de saber que haverá alguns que não poderemos alcançar, mas com a esperança de que outros depois de nós os alcancem”.

■ MARA DAVOLI

in-fân-cia lat noamer cana

Das políticas à escola

Por uma educação que respeite os direitos dos bebês e crianças

— SONIA LARRUBIA VALVERDE



“É difícil para mim não ser otimista, mas ao mesmo tempo, acho essencial falarmos de política. Saber para onde vamos, para onde nos levam e se queremos ir nessa direção.”

Irene Balaguer. I Seminário Latino-americano – Práticas Pedagógicas na Educação Infantil. São Paulo, Brasil em 07/11/16

Inspirada por Irene Balaguer, que nos lembra da importância de entender as políticas públicas, para saber para onde elas nos levam, apresentarei a experiência que coordenei na cidade de São Paulo, quando era responsável pela Divisão de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação.

No entanto, é importante lembrar que, em agosto de 2016, o Brasil passou por uma drástica mudança de gestão com o golpe parlamentar contra a então presidenta Dilma Rousseff, que colocou em risco diversos programas e políticas públicas

Editorial

História da revista

Trajectoria de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

Por uma educação que respeite os direitos dos bebês e crianças



de educação que vinham sendo desenvolvidos, o que representou, em muitos casos, um importante retrocesso para as práticas da educação pública de qualidade, que se procurava manter.

Aliado a isso, em outubro de 2018 tivemos as eleições presidenciais que elegeram o candidato da ultradireita que vem causando um desmonte nas políticas públicas, principalmente na Educação. Com cortes para universidades públicas, propostas de gestão antidemocráticas, perseguição às ideias de Paulo Freire e aos cursos de humanidades e ainda com incentivos para escolas cívico-militares, entre outros.

Portanto, o que apresento a seguir se refere à política pública de Educação Infantil que foi implementada na cidade de São Paulo no período de 2013 a 2016, cujo prefeito foi o Prof. Fernando Haddad, que buscava exercer uma gestão democrática em todos os setores de sua administração.

Diversas ações foram desenvolvidas para a implementação desse princípio em todas as áreas, na Educação, uma das estratégias utilizadas foi a criação do Programa Mais Educação - Programa de Reorganização Curricular e Administrativa, Expansão e Fortalecimento da Rede Municipal de Educação de São Paulo. No que se refere à Educação Infantil, as ações relacionadas à elaboração de uma proposta



in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

Por uma educação que respeite os direitos dos bebês e crianças



político-pedagógica integradora foram previstas por meio de um currículo que considera bebês e crianças de 0 a 5 anos, como sujeitos de direitos e que possibilita a apropriação de diferentes linguagens e saberes que circulam na sociedade, bem como propôs a articulação com a Educação Básica, envolvendo educadores das duas etapas do ensino, por meio do planejamento de ações que enfatizavam a importância do brincar, da expressão corporal e imaginação, aspectos considerados essenciais para o desenvolvimento de práticas pedagógicas emancipatórias.

Embora São Paulo tenha a maior rede pública de educação infantil do país, o grande desafio dessa gestão foi a expansão das matrículas, para esta etapa da educação básica, com a ampliação do acesso e a garantia dos direitos dos bebês e crianças à Educação Infantil. Por acreditar que não é qualquer educação que promove o desenvolvimento integral de bebês e crianças pequenas, buscou-se construir uma política pública que concilie o acesso à busca pela qualidade social.

Nesse sentido, algumas premissas foram adotadas para implementar esta política:

- Incluir e acolher todas as crianças nas Unidades de Educação Infantil, ou seja, a expressão “todas as crianças” inclui bebês, crianças maiores, meninos e

meninas de diferentes etnias, classes sociais, cultura, nacionalidades, religiões, com deficiência, com trans-torno global de desenvolvimento, com superdotação e altas habilidades;

- Considerar as crianças como sujeitos de direitos, atores sociais e produtores de culturas infantis;
- Considerar as Unidades de Educação Infantil como um “oásis” onde bebês e crianças podem viver plenamente sua infância;
- Considerar os princípios da Pedagogia da Infância, descritos no documento Orientação Normativa - nº 01/13 Avaliação na Educação Infantil: aprimorando os olhares, - DOT / SME / SP, p. 15 e 16:¹

1. Ter a criança como principal protagonista da ação educativa;
2. A indissociabilidade do cuidado e da educação na prática pedagógica.
3. Considerar a criança como centro do Projeto Político Pedagógico;
4. Permitir que as crianças tenham acesso aos bens culturais, construídos pela humanidade, considerando-os sujeitos de direitos, portadores de história e construtores de culturas infantis;
5. Reconhecer e valorizar a diversidade cultural das crianças e suas famílias;
6. Enfatizar o brincar, a alegria e as expressões das crianças na prática pedagógica da construção de todas

in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

Por uma educação que respeite os direitos dos bebês e crianças

Editorial

História da revista

Trajectoria de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

as dimensões humanas;

7. Considerar a organização do espaço físico e do tempo como um dos elementos fundamentais na construção desta pedagogia;

8. Apresentar propostas que promovam autonomia e multiplicidade de experiências;

9. Permitir a integração de diferentes idades entre grupos ou turmas;

10. Ter a arte como base na formação dos profissionais da primeira fase da Educação Básica;

11. Estabelecer parcerias de participação com as famílias;

12. Estender o “espaço educacional” à rua ao bairro e à cidade;

13. Buscar a continuidade educacional da educação infantil ao ensino fundamental.



- Protagonismo das educadoras e educadores: são eles que organizam as condições para o protagonismo de bebês, meninos e meninas. A chave do seu trabalho é a organização das experiências que os bebês e crianças vivem nas Unidades Educacionais e exige que eles planejem sua prática pedagógica e a replanejem com os bebês e crianças de sua turma, selecionem e organizem a disposição dos materiais,

in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

Por uma educação que respeite os direitos dos bebês e crianças



organizem as formas de gestão do tempo e tenham a preocupação de estabelecer relações democráticas com o grupo de crianças, colegas e familiares.

- A gestão democrática que se concretiza pelo princípio da participação negociada nos grupos de formação com as educadoras e educadores pela metodologia dialógica na busca de consensos (mesmo que provisórios) na construção do currículo e na elaboração de documentos que norteiam a implementação da Política de Educação Infantil e pela autoavaliação institucional participativa.

Perguntas como: O que bebês e crianças nos revelam? O que eles e nós fazemos? Como podemos avaliar a participação dos meninos e meninas? Estiveram sempre presentes nas reflexões e discussões que fazíamos, nos grupos de formação para que suas narrativas pudessem ser consideradas, pois a prática pedagógica revelava que os bebês e as crianças são colaborativos e solidários e como exploravam o espaço e os materiais oferecidos.

Na atuação dos professores e professoras com os meninos e meninas é necessário ter as brincadeiras e as interações como eixo do Currículo na Educação Infantil, para considerar todo o processo educativo e seus sujeitos, a valorização e autoria, o protagonismo de bebês, crianças e meninas,

educadores e educadoras onde a diversidade, as diferenças e o compromisso com a igualdade são reconhecidos e valorizados.

Todas essas premissas descritas acima retratam o projeto de educação e sociedade voltado para as crianças de São Paulo, que sempre foi o pano de fundo das ações de formação desenvolvidas pela Secretaria Municipal de Educação- SME/SP na Educação Infantil que resultaram em documentos que orientaram a implementação da política desenvolvida. Vamos destacar um deles: “Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana”², que é um instrumento de autoavaliação institucional participativa para todas as unidades educacionais da Rede Municipal de Educação de São Paulo e tem como foco o contexto educacional, que visa promover o debate sobre as condições necessárias para uma educação infantil de qualidade.

Ressalte-se que, como afirma Bondioli (2003),

“a qualidade não é um valor absoluto, não é um produto, não é uma informação, mas sim se constrói, por meio da conscientização, da troca de conhecimentos, do confronto construtivo de pontos de vista, do hábito de pactuar e examinar a realidade, da capacidade de cooperar em aspectos de “transformação para melhor”.

in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

Por uma educação que respeite os direitos dos bebês e crianças

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

A construção dos indicadores de qualidade da educação infantil em São Paulo foi um processo que perdurou os quatro anos da gestão Haddad e sua elaboração levou em consideração, além do conceito de qualidade defendido por Bondioli, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010)³; os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil publicados pelo Ministério da Educação - MEC, em 2009;⁴ a Portaria Normativa SME / SP 01/13, que traz consigo as concepções de criança, a infância, o currículo, o perfil do educador e a avaliação da aprendizagem e dos percursos vivenciados por toda a rede de educação infantil do município em 2013, 2014 2015.



Em 2016, após um longo processo de construção com a participação da equipe gestora, professores, equipe de apoio, famílias e, em algumas unidades, também crianças, os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana passaram a ser em documento oficial, política pública assumida pela Rede Municipal de Educação / Secretaria Municipal de Educação / São Paulo - RME / SME / SP com o objetivo de auxiliar as Unidades de Educação Infantil na revisão de seus Projetos com vistas a práticas emancipatórias que consideram as seguintes dimensões: 1. Planejamento e gestão educacional; 2. Participação, escuta e autoria para bebês e crianças; 3. Multiplicidade de experiências e linguagens em contextos lúdicos para crianças; 4. iterações; 5. Relações étnico-raciais e de gênero; 6. Ambientes educativos: tempos, espaços e materiais; 7. Promoção da saúde e do bem-estar: experiências de cuidado, cuidado de si, do outro e do mundo; 8. Formação e condições de trabalho dos educadores; 9. Rede de proteção sociocultural: unidade educacional, família, comunidade e cidade.

Entendemos que, conforme aponta os Indicadores da Educação Infantil Paulistana (2016, p.9):

“Para que um determinado conceito de qualidade se torne explícito e se aplique às situações reais do dia a dia, é necessária a definição das dimensões da qualidade. Distinguir entre diferentes dimensões da qualida-

in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

Por uma educação que respeite os direitos dos bebês e crianças



de não significa considerar que estão desconectadas umas das outras, mas, pelo contrário, implica reconhecer que essas dimensões tocam em aspectos muitas vezes comuns. Portanto, as dimensões da qualidade buscam iluminar diferentes ângulos de um mesmo processo educacional, de forma a permitir a reflexão e a discussão coletiva e facilitar o desenvolvimento de um plano de ação que enfoque os diferentes problemas que devem ser superados para obter ganhos com a qualidade desejada”.

Mesmo considerando que todas as dimensões são importantes e estão interligadas, destacaremos duas dimensões que se agregaram aos Indicadores Nacionais de Qualidade e que acreditamos que pelo momento histórico atual que vivemos em nosso país é de extrema importância.

DIMENSÃO 2: Participação, escuta e autoria e bebês meninos e meninas, que apresentam os seguintes indicadores: - A escuta de bebês, meninos e meninas em suas diferentes formas de se expressarem; - Vozes infantis no planejamento e formação; - Autoria, participação e escuta na documentação pedagógica.

Esta dimensão nos permitiu assumir:

- Que, no cotidiano, as educadoras e os educadores favoreçam e promovam a participação, a autonomia de

bebês, meninos e meninas, compartilhando propósitos, considerando as opiniões das crianças, negociando pontos de vista e significados, tomando decisões conjuntas, garantindo e valorizando suas criações.

- Entenda que ouvir bebês e crianças não se restringe à capacidade de audição dos adultos. Significa, acima de tudo, “a disponibilidade intencional, ética, respeitosa e imparcial de compreender as formas imaginativas, criativas e poéticas que bebês e crianças podem ver, sentir e pensar sobre o mundo, suas hipóteses, sonhos, criações, culturas, desejos, necessidades, bem como, os desafios, preocupações e desigualdades que marcam suas vidas desde a primeira infância”.

DIMENSÃO 5: Relações étnicas e de gênero, com os seguintes indicadores: - Currículo e prática pedagógica; - Relacionamentos e atitudes; - Desempenho dos profissionais; e - Construção de identidade positiva

Esta dimensão nos permitiu assumir:

- A construção de uma percepção positiva das diferenças étnicas e de gênero, vivenciando um ambiente educacional igualitário que respeita e discute as diferenças, possibilitando a autoestima de todos os bebês, meninos e meninas negros, indígenas, imigrantes e brancos.

in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

Por uma educação que respeite os direitos dos bebês e crianças



- Reconhecimento do papel fundamental da educação no combate ao racismo e ao sexismo, assumindo o compromisso de promover a igualdade étnico-racial e de gênero. E, conseqüentemente, promover a igualdade de acesso, tratamento e oportunidades no desenvolvimento integral de bebês, meninos e meninas.
- O repensar das intenções presentes nos currículos, nas imagens das paredes, corredores e murais, nas histórias lidas e / ou oferecidas a bebês, meninos e meninas, nas celebrações / festas que estão presentes no cotidiano das escolas.
- Investigar e refletir, com a comunidade escolar, como o racismo tem se perpetuado no espaço educacional e como as diferentes populações negra, indígena, branca e imigrante são valorizadas e representadas e, portanto, constroem caminhos que norteiam o fazer e o pensamento da educação para que seja, efetivamente, para todos.

Considerações finais

Os Indicadores de Qualidade ajudam-nos a não esquecer que os bebês, meninos e meninas são sujeitos de direitos humanos, são capazes, portadores de todas as melhores potencialidades da espécie humana, desde que os adultos com quem convivem e a sociedade tenham consciência disso e ajam nessa direção.

Muitos ainda são os desafios para o Brasil garantir a todos os seus bebês, meninos e meninas o direito à educação infantil, como direito público e subjetivo, como dever do Estado, mas acreditamos que o maior deles é fazer com que os avanços que foram duramente conquistados por profissionais que atuam na área da Educação Infantil, movimentos sociais e a sociedade brasileira como um todo, não se extingam, pois crianças, professores, famílias e escolas resistem a todos os dias .

A título de exemplo, convido todos e cada um dos leitores deste artigo a visitar o site: <https://www.youtube.com/watch?v=espYQmxIKns>, que apresenta uma experiência da Escola Municipal de Educação Infantil João Mendonça Falcão, que ganhou o 3º Prêmio Territórios com o projeto **Música e Jogos na Educação Infantil: todos os recantos e encantos da infância.**

Concluo com o grande educador brasileiro Paulo Freire:

“Acreditamos que a educação por si só não transforma a sociedade, sem ela a sociedade também não muda. Se a nossa opção é progressista, se somos a favor da vida e não da morte, da equidade e não do arbítrio, de viver com o diferente e não com a sua negação, não temos outro caminho senão viver a nossa opção, e incorporá-la, reduzindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos.”

in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

Por uma educação que respeite os direitos dos bebês e crianças

Que Paulo Freire nos inspire a nunca abandonar os princípios democráticos da justiça, da equidade, a viver com respeito pelos diferentes e mútuos em nossa prática pedagógica cotidiana com os pequenos e suas famílias.



REFERÊNCIAS:

- BONDIOLI. Anna(org.). O prometo pedagógico da creche e sua avaliação: a qualidade negociada. Campinas-SP: Autores Associados,2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Indicadores da Qualidade na Educação Infantil. Brasília: Secretaria de Educação Básica,2009.
- SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana. São Paulo: SME/DOT-EI,2016.Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/25101.pdf>
- SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Avaliação na Educação Infantil: aprimorando os olhares. São Paulo: SME/DOT-EI,2014. Disponível em: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/35748.pdf>

NOTAS:

1. Para ver o documento na íntegra acessar o site:
file:///C:/Users/55119/Downloads/orient_normativa1_web_completo.pdf
2. Para conhecer o documento acesse o site:
<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/25101.pdf>
3. Para conhecer o documento acesse o site:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192
4. Para conhecer o documento acesse o site:
http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/indic_qualit_educ_infantil.pdf

— SONIA LARRUBIA VALVERDE
Pedagoga, Mestre em Psicologia da Educação

in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

A Educação é sempre um discurso político

■ PETER MOSS



Conheci Irene Balaguer em 1986. Fui convidado pela Comissão Europeia para coordenar uma rede de especialistas - inicialmente conhecida como Rede de Atenção à Infância - que era responsável por “examinar a situação atual dos cuidados infantis na Comunidade Econômica Europeia com especial atenção para os efeitos nas oportunidades de emprego das mulheres, e para fazer recomendações à Comissão sobre políticas e serviços de acolhimento de crianças para facilitar e promover a igualdade de oportunidades para as mulheres”. Não sei exatamente porque fui convidado para liderar este grupo, considerando que sou monolíngue e não sabia quase nada sobre serviços para a primeira infância em outros países europeus. Além disso, não sabia com quem iria trabalhar naquela rede; os membros especialistas da rede deveriam ser selecionados, de acordo com critérios que eu não conhecia, pelos governos ou agências governamentais dos Estados membros. A perspectiva não era muito promissora.

No entanto, nos dez anos seguintes, a rede tornou-se um projeto europeu relevante. Felizmente, quase todos os membros indicados para a rede se mostraram excelentes - bem informados, comprometidos e colaboradores. Juntos, expandimos o alcance e a tarefa da rede. Afirmamos que o nosso objeto de trabalho não era “cuidar de crianças”, mas “serviços para crianças menores de dez anos”, incluindo educação e assistência infantil. Insistimos na importância não só da quantidade, mas também da qualidade dos serviços. Todos concordamos que a igualdade de gênero era uma prioridade e a rede foi estabelecida como parte do Programa da Comunidade Europeia para a Igualdade de Oportunidades. Outra prioridade com a qual concordamos foi o direito da criança a uma educação de qualidade. Ampliamos nosso trabalho para cobrir outras áreas relevantes, tais como políticas de licença materna e paterna e homens como cuidadores de crianças, pais ou trabalhadores em serviços para a infância. Quando a rede foi dissolvida em 1996,

in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

A Educação é sempre um discurso político

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene



hávamos organizado vários seminários europeus; tínhamos produzido mais de trinta relatórios, a maioria disponíveis em várias línguas, e contribuimos para uma importante declaração política europeia, a Recomendação do Conselho de Ministros de 1992 sobre o Acolhimento da Infância.

Irene foi membro da rede em representação da Espanha e do início ao fim teve um papel de destaque nesta colaboração europeia. Ela liderou alguns projetos importantes, especialmente no desenvolvimento de trabalhos relacionados com a qualidade dos serviços para a infância incluindo a organização de um seminário europeu sobre o tema em Barcelona, e escrevendo, em conjunto com a académica britânica Helen Penn, um documento que foi referência: “Objetivos de Qualidade em Serviços para Crianças”. Os “Objetivos de Qualidade” estabeleceram, em termos concretos e claros, a forma como a Recomendação sobre a Atenção para a Infância poderia ser implementada em um período de dez anos, o que estava incluído em quarenta objetivos que poderiam ser assumidos nesse período de dez anos. Este trabalho foi realizado de forma aberta e democrática, com amplas consultas e aplicando o princípio de que “definir qualidade deve ser um processo dinâmico, contínuo e democrático”.

Ao longo da vida da rede, passei a admirar e respeitar Irene por vários motivos, incluindo seu forte e determinado

in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

A Educação é sempre um discurso político



compromisso com as escolhas políticas que fez ao longo de uma vida de trabalho na área educacional, que começaram sob a sombra de uma ditadura. Nossa relação foi se tornando cada vez mais estreita, apesar da limitação frustrante do idioma: eu não falava catalão nem espanhol, e Irene não falava inglês. Apesar disso, de alguma forma conseguimos nos entender bem e nossa relação não acabou com a rede. Juntamente com outros, fundamos um novo projeto europeu ambicioso: a produção de uma revista multinacional e multilíngue, *Infância na Europa*. Fui seu editor durante os primeiros dez anos, e Irene fez parte do Conselho Editorial, além de coordenar a publicação da revista em catalão e espanhol na Associação de Professores Rosa Sensat. Naquela época, em 2005, tive o privilégio de ser convidado por Irene para participar da elaboração de um rascunho de uma declaração por ocasião da 40ª Escola de Verão Rosa Sensat, “Por uma nova educação pública”, e estive em Barcelona durante sua apresentação.

Quando deixei meu trabalho como editor da *Infância na Europa*, o contato com Irene foi cada vez mais espaçado e, na última década, muito ocasional. Mas a essa altura ele já havia deixado uma marca indelével na minha compreensão da educação infantil - além de muitas lembranças



inesquecíveis, como sentar no terraço de sua maravilhosa casa com vista para a grande cidade que é Barcelona e o Mediterrâneo. E quando penso nisso, percebo que ela contribuiu para uma transformação profunda da minha visão de educação - ela não foi a única influência nessa transformação, mas fez parte de um grupo de pessoas notáveis que mudaram minhas ideias e todas as que conheci através do meu trabalho no contexto europeu. Esta experiência de amizades e colaborações europeias é uma das razões pelas quais a perspectiva do Brexit, com os sentimentos anti-europeus que o acompanham, me causa em partes iguais dor e indignação. Uma grande tragédia!

Quando comecei na Rede de Atenção à Criança em 1986, acho que entendia a educação e o cuidado da primeira

in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

A Educação é sempre um discurso político



infância principalmente como uma prática técnica, uma questão de identificar políticas e práticas eficazes. Depois de vinte anos ou mais, quando deixei a Infância na Europa, passei a entender a educação infantil, e na verdade toda a educação, sob uma luz muito diferente: antes de mais nada, como uma prática política e ética, nestas palavras. de Loris Malaguzzi que descobri recentemente ao editar um livro sobre seus escritos e discursos: a educação é “sempre um discurso político, tenhamos consciência disso ou não. Tem a ver com trabalhar com opções culturais, mas também significa claramente trabalhar com opções políticas”. Essas opções são relevantes quando nos colocamos questões políticas, definidas pela cientista política Chantal Mouffe não como “meras questões técnicas que devem ser resolvidas por especialistas ... [mas questões que] sempre envolvem decisões que exigem que escolhamos entre alternativas conflitantes”. Perguntas como: Qual é o “diagnóstico do nosso tempo”? Que imagem temos da criança, do educador, do centro da primeira infância? Como entendemos a educação? Com qual paradigma escolhemos trabalhar? O que é conhecimento? Como aprendemos? Quais são os objetivos da

educação? Quais são seus valores fundamentais? Com que ética trabalhamos? O que queremos para nossos meninos e meninas, aqui e agora e no futuro?

Claro, no início eu não era o único que dava primazia à prática técnica. Porque isso é parte de um discurso mais amplo sobre a educação da primeira infância e, na verdade, sobre toda a educação, proveniente do mundo anglófono e dominante hoje em muitos países e organizações internacionais influentes, como a OCDE e o Banco Mundial. Esse discurso não é apenas técnico, mas instrumental, economista e positivista. Fortalecido sob o regime neoliberal dominante, que arruinou a educação nos últimos trinta anos, impôs ao mundo uma ideia empobrecida e estreita de educação, basicamente como um investimento que, aplicado com as corretas “tecnologias humanas”, produzirá grandes benefícios monetários em termos de “capital humano”

e competitividade econômica. Procuramos “o que funciona”, a questão técnica por excelência, que métodos baseados em evidências podem melhor garantir a obtenção de resultados pré-determinados e padronizados.

Malaguzzi sarcasticamente descreveu



in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

A Educação é sempre um discurso político

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

as consequências inevitáveis desse discurso educacional neoliberal como “pedagogia profética” e “pedagogia anglo-saxônica”: a pedagogia profética, como Malaguzzi a descreveu, “sabe tudo de antemão, sabe tudo o que vai acontecer, não tem incerteza ... Prevê tudo, vê tudo a ponto de ser capaz de oferecer receitas para pequenas frações de ações, minuto a minuto, hora a hora, objetivo a objetivo, de cinco em cinco minutos”; enquanto a “testologia anglo-saxônica”, ainda nas palavras de Malaguzzi, implica uma “urgência de categorizar ..., onde basta fazer alguns testes em um indivíduo e imediatamente o indivíduo é de alguma forma definido e medido ..., que nada mais é que uma simplificação ridícula do conhecimento e uma privação do significado das histórias individuais”.

Atualmente, como já disse, me encontro em uma situação muito diferente de 1986, como um membro convicto

do que denominei de “movimento de resistência”, uma comunidade global de pessoas que questionam e contestam o discurso dominante na educação infantil e eles oferecem uma rica variedade de narrativas e perspectivas alternativas. Eu escrevi que não é difícil ouvir “as vozes do movimento de resistência, com suas ‘narrativas alternativas’ e ‘multidão de perspectivas e debates’, se você decidir

ouvi-las”. Você pode encontrá-las falando claramente em muitos lugares diferentes - embora muito raramente em documentos de trabalho ou políticos provenientes de grupos de reflexão, governos nacionais ou organizações internacionais como a OCDE, que quase nunca as convidam a participar.

Penso que Irene, junto com Rosa Sensat, fez parte desse movimento de resistência; e que trabalhar ao lado de pessoas

como Irene foi fundamental para transformar minha visão da educação como prática política e, portanto, para me abrir para um mundo rico e estimulante de perspectivas e narrativas alternativas - alternativas que reivindicam uma educação para o assombro e a emoção, a democracia



in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

A Educação é sempre um discurso político



e emancipação, o movimento e experimentação. Uma educação que, nas palavras da declaração da Associação de Professores o Rosa Sensat de 2005, trata da “coconstrução de identidade, saberes e valores, de pessoas democráticas que podem pensar por si mesmas, uma educação que visa a emancipação, uma educação que é baseada em uma prática ética e política”.

Portanto, quero dizer que podemos honrar a vida e a obra de Irene, rejeitando a educação, antes de mais nada, como uma prática técnica, e insistindo que é, pelo contrário, antes de mais nada, uma prática política, que tem a ver com opções políticas, em resposta a questões políticas como parte de uma política democrática de educação. E faz parte dessa política a escolha de uma imagem particular da escola pública, como um fórum público “localizado na sociedade civil onde crianças e adultos participam juntos de projetos de relevância social, cultural, política e econômica”. Projetos que contemplem a promoção da prática democrática e da política democrática, imagem invocada por Keri Facer em artigo recente sobre como a educação pública deve responder às mudanças climáticas. A escola pública, escreve ele, deveria estar:

no coração da sua comunidade local ... uma importante organização âncora na comunidade. Ou seja, uma organização capaz de envolver estudantes e suas

comunidades em projetos significativos da vida real, de mitigação e construção do coletivo ... Essencialmente, um papel fundamental da escola pública é ter potencial para reunir diferentes públicos ... Uma escola pública na era das mudanças climáticas, então, pode ser vista como uma escola que reúne diferentes públicos em torno das opções difíceis e das possibilidades criativas que o aquecimento global apresenta.

Eu disse que Irene estava muito comprometida com a educação como prática política, em fazer escolhas políticas em resposta a questões políticas, criando uma rica ideia do que a educação poderia e deveria ser. Mas acho que também foi extremamente prática. Como Loris Malaguzzi, ela entendia que ter uma visão utópica seria fútil se não fossem levadas em conta as condições necessárias para realizar essa utopia - condições que, uma vez alcançadas, dariam origem a uma “utopia real”, uma esperança e desejo realizáveis. Juntamente com outros militantes, trabalhou muito para garantir a aprovação e aplicação da LOGSE, a lei de 1990 que oferecia a perspectiva de a Espanha se encaminhar para um serviço educacional totalmente integrado para meninos e meninas de 0 a 6 anos, superando o sistema existente onde meninos e meninas de até 3 anos de idade eram separados e tratados como parentes pobres de crianças mais velhas.

in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

A Educação é sempre um discurso político

Em meu país, a Inglaterra, um processo de integração semelhante teve início em 1997, integrando a responsabilidade por todos os serviços da primeira infância no âmbito da educação e introduzindo um sistema comum de regulamentação, inspeção e currículo. Mas aqui o processo de integração parou. O governo não foi capaz ou não quis enfrentar os desafios colocados por questões de acesso, financiamento, pessoal e tipo de serviço. O sistema inglês continua dividido entre ‘assistência à infância’ e ‘educação’, tanto em termos de estruturas como de pensamento oficial, sendo, portanto, deficiente e cheio

de desigualdades, situação agravada por muitos anos de tentativas ativas de mercantilização e privatização.

Parece-me que as tentativas da Espanha de realizar uma mudança transformadora tiveram um destino mais ou menos semelhante; um projeto ambicioso que não foi totalmente implementado e, como resultado, a educação e os cuidados na primeira infância retêm muitas características de um sistema dividido. Recentemente, participei de um seminário oferecido pela pesquisadora anglo-alemã Pamela Oberhuemer, onde ela apresentou os resultados do projeto SEEPRO, um projeto financiado pelo governo alemão para comparar e contrastar o pessoal que trabalha no campo da primeira infância nos 28 países da UE e também da Rússia e da Ucrânia. Ela organizou esses 30 países em três grupos, de acordo com o grau de integração dos serviços infantis. Sete dos países (Croácia, Dinamarca, Estônia, Finlândia, Lituânia, Eslovênia e Suécia) possuíam “sistemas unitários de educação e cuidado à infância”, ou seja, estavam totalmente integrados; Treze outros países tinham sistemas “separados”; e os onze restantes tinham “sistemas de educação e cuidados infantis parcialmente integrados”; esse último incluía a Espanha e a Inglaterra.

Um dos grandes desafios da educação e cuidado à infância para os próximos vinte anos é converter esses países “parcialmente integrados” em países totalmente integrados



- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene

in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

A Educação é sempre um discurso político

ou unitários, oferecendo uma condição importante para desenvolver uma educação inclusiva, emancipatória e democrática para todos os meninos e meninas desde o nascimento. Ou seja, para realizar o sonho de Irene. Outro grande desafio é trabalhar a partir da declaração da Associação de Professores Rosa Sensat de 2005, “Por uma nova educação pública”, para a qual Irene tanto contribuiu: repensar e renovar a ideia de uma educação pública que ocorre em uma escola pública, confrontando e rejeitando o desejo neoliberal de reduzir a educação a um bem mercantilizado oferecido aos pais-consumidores pelas escolas de negócios.

São desafios importantes e necessários que devem ser enfrentados, que é preciso lutar para alcançá-los; e são desafios aos quais Irene dedicou grande parte de sua vida. Todos nós devemos fazer todo o possível para seguir o seu exemplo e continuar a luta, insistindo que a educação é sempre uma prática política.

■ PETER MOSS



in-fân-cia *lat noamer cana* Das políticas à escola

Em memória de Irene Balaguer

— CARMEN FERRERO



Quando recebi o convite para colaborar com a revista Latinoamericana (La Lati, como gostava de dizer Irene), pensei em não fazer a fala naquela tarde de julho em Barcelona não havia nada escrito da minha parte. IMPROVISEI, falei emocionada da memória de muitas, muitas horas de debates e planejamentos que Irene, Marta Mata (até sua morte), e eu dedicamos para que a política melhorasse a Educação Infantil, procurando os melhores caminhos, insistindo uma e outra vez.

Agora penso que Irene merece que seu trajeto político não desapareça de sua memória, faceta que ela combinou perfeitamente com o de ser uma grande professora, uma excelente educadora comprometida com os pequeninos.

Irene amava educação e, por consequência a política, pois sabia que ambas estão perfeitamente unidas. Não há ação educativa que alcance a todos e que tenha qualidade se não houver uma política que facilite, por isso (nos) importava tanto quem e como governavam.



Sabia da importância da democracia e o seu desejo era o mais próximo: Câmaras Municipais, Comunidades Autônomas, (Estado), Secretarias de Educação. Tínhamos que influenciar todos os âmbitos para conseguir marcos e orçamentos que melhorassem a Educação Infantil que chegava aos meninos e meninas, como cuidar dos profissionais e melhorar sua formação, suas condições de trabalho, com novas formas e equipamentos para responder as necessidades atuais.

É assim que estávamos na última vez que nos encontramos em sua casa nos primeiros dias de julho de 2018, eu

in-fân-cia *lati noamer cana* Das políticas à escola

Em memória de Irene Balaguer



desconhecia sua doença, que se ocultou e mandou que me escondessem porque eu estava passando um momento delicado em minha família. Até o fim foi generosa!

A figura de Irene em sua dimensão política poderia ser resumida dizendo que ela era uma mulher feminista, democrática e realista. A sua bagagem pessoal permitiu-lhe conhecer e analisar as diferentes realidades que se encontrava, procurando sempre avançar desde o ponto de partida, ela extraiu o bom das situações ruins, e sempre, com muito respeito pelas infâncias e pelos profissionais; impulsionando novas iniciativas, novos desafios.

Ela estava especialmente preocupada com a possibilidade de que mais uma revista pudesse desaparecer, Lati me disse, seria uma grande perda.

Ela estava esperançosa com o governo que estava começando sua jornada e que a lei que revogaria a LOMCE melhoraria a Educação Infantil. Ela acreditava na política, na política, que melhora a vida dos mais vulneráveis.

■ CARMEN FERRERO

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene



■ ASSUMPTA BAIG

Com uma foto de três mulheres, Rosa Sensat, Marta Mata e Irene Balaguer, Philippe Meirieu deu início à Conferência Inaugural do Colóquio Internacional “Pedagogias da Democracia e Resistência na Europa do século 20 e até hoje”, que celebramos no início de fevereiro em Barcelona. Três mulheres catalãs, como Meirieu, influenciaram muitas de nós por seu bom trabalho pedagógico e seu grande respeito pelas crianças.

Li recentemente que Deborah Levy dizia: “Construímos nossa identidade pela imitação do outro”; primeiro dos pais, depois dos amigos, das pessoas próximas no trabalho, daqueles que amamos ... Portanto, é certo que Rosa Sensat, Marta Mata, Irene Balaguer e Philippe Meirieu, entre outros e outras, nos ajudaram a ser quem somos **PROFISSIONALMENTE**.



Conheci Irene na segunda Escola de Verão de Rosa Sensat, em 1966. Gostávamos muito de brincar sobre qual de nós duas havia participado de mais delas, e agora vejo que vou ganhar. Sinto muito, Irene. Nossa relação e amizade cresceram a partir de 1984, quando Marta Mata criou a Fundação com o nome de sua mãe, outra professora, Àngels Garriga de Mata, que desde 2013 é a Fundação Marta Mata Garriga.

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene



Irene Balaguer com Marta Mata, Pepa òdena e Mercè Marlés

Marta Mata nomeou sete pessoas para compor o Conselho Curador da Fundação, entre elas Irene e eu, além de Maria Josep Udina, Pepa Òdena, Concepció Martínez e Jaume Constantí. Marta Mata, como presidente, liderava perfeitamente e delegava com grande confiança a nós suas colaboradoras. Muitas vezes pensamos que assumimos plena responsabilidade - entre nós dizemos que chegamos à maioridade - em 2006, quando a Marta nos deixou ...

Irene, inicialmente como membro e depois como vice-presidente, com sua intuição, sua visão perspicaz, sua análise crítica, - “bon nas”¹ como dizemos em catalão-, comentários e críticas, às vezes duras ou muito duras, nos acompanhou para dar continuidade a esse trabalho em equipe. Foi responsável pela organização anual da Jornada Marta Mata, para divulgar referências pedagógicas como Korsack, Montessori, Decroly, Dewey, a própria Marta Mata, entre outras personalidades da Educação.

Sua grande paixão era “a educação dos pequenininhos” e o significado das palavras. Ela não queria falar de “guarderias”², usava a palavra escola e educação: “Escola dos pequenos, Educação Infantil, Educação dos mais pequenos ...”

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene



Assumpta Baig, Sara Blasi e Francina Martí

Mais recentemente, ela se preocupava e investigava o significado de INOVAÇÃO versus RENOVAÇÃO. E é sobre esse assunto que estamos preparando a próxima Jornada Marta Mata para o sábado, 9 de novembro. Será a primeira Jornada Marta Mata que Irene não terá preparado.

IRENE sentimos sua falta.

■ **ASSUMPTA BAIG**
Fundació Marta Mata Garriga



in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene



— FRANCINA MARTÍ CARTES

PENSANDO COM IRENE BALAGUER

Obrigada por me darem a oportunidade de pensar mais uma vez com Irene ... e obrigada a todos os presentes, amigos e amigas, porque são vocês que dão sentido ao projeto coletivo pelo qual Irene sempre lutou e, acima de tudo, muito obrigada a quem veio de longe para estarmos juntos nesta jornada de celebração da vida e da infância.

O VALOR DAS PALAVRAS

Encontrar as palavras para realizar esta apresentação do que Irene significou e significa para a Associação de Professores Rosa Sensat não foi fácil. Porque pensar com ela implica que o uso das palavras tem que ser muito acertado, temos que ser extremamente cuidadosos, para seguir o seu exemplo. Quem está aqui presente e trabalha no mundo educacional sabe que muitos discursos pedagógicos estão cheios de palavras vazias, supérfluas,



Associação de Professores Rosa Sensat 2006

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

sem sentido, lugares comuns, ou o que é pior ... palavras que foram esvaziadas propositadamente de conteúdo e que foram manipuladas na direção oposta. Dar a dimensão certa às palavras, dando-lhes o sentido pleno e rico que lhes confere, esta foi uma das contribuições de Irene ao discurso pedagógico de Rosa Sensat: palavras como professor (mestre), criança, infância, respeito, compromisso. ..

Palavras que dão forma ao pensamento e a um discurso pedagógico ainda vivo e em todas as suas dimensões, um discurso que queremos seja fundamentado e fruto de uma reflexão profunda e partilhada ... e que configura este livro de estilo, substância e forma, que foi configurado ao longo dos anos.

Mas as palavras, a reflexão e o discurso não adquirem todo o seu valor, todo o seu significado, até que sejam traduzidas em ação. E a Associação de Professores Rosa Sensat tem sido e queremos que continue a ser uma plataforma de ação coletiva.

ESCOLAS DE VERÃO

As escolas de verão têm sido uma dessas plataformas de encontro, debate, compromisso e ação. Em 2015 Irene começou a projetar a 50ª escola de verão com David Mackay e Claus Jensen, de olho na escola de verão de 1969, e sobretudo em uma das atividades de debates abertos, assembléias, chamadas TeachIn, nas quais educação e política fundiam-se em um todo. Irene queria que a escola de verão do 50º aniversário recuperasse aquele frescor e vitalidade. Assim, em 2015, o tema geral teve um título tão sugestivo como “Sem limites” e ela própria o apresentou como um



in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene



convite a ouvir, pensar, debater e construir uma afirmação comum sobre três grandes temas sobre os quais os educadores devem se posicionar: ecologias, desigualdades e culturas. Um tema geral que foi levantado como a possibilidade de traçar um horizonte o mais amplo possível, com modéstia e ambição ao mesmo tempo.

De alguma forma, a declaração deste tema geral “Sem limites” quis ser o modelo da declaração da 40ª escola de verão, que abre um horizonte para a educação pública dos povos da Europa, aberta a novas culturas e línguas. Este documento resultou da contribuição de movimentos de docentes da Catalunha, Espanha e Europa e participaram na sua redação, entre tantos outros, Peter Moss e Philippe Meirieu. Em 2015, também houve a contribuição de educadores de todo o mundo, principalmente da América Latina.

Nestes dias em que estamos imersos na escola de verão de 2019, gostaria de pensar que nos aproximamos de uma escola de verão que seja agora uma plataforma para caminhar em direção à utopia de uma educação melhor.

A JANELA ABERTA PARA O MUNDO

Uma das maiores contribuições de Irene para as escolas de verão e para o trabalho de Rosa Sensat, em geral, foi abrir as janelas para o mundo, e um bom exemplo disso são todos vocês que estão aqui hoje: colegas da Península Ibérica, os italianos, europeus e os companheiros latino-

americanos. Irene sabia bem que o mundo não é um mundo único, mas que existem muitos mundos, e que entre eles é possível descobrir confluências. E aqui estamos.

A FORÇA DOS MAIS PEQUENOS

Mas se uma luta marcou sua vida, foi a dos direitos dos mais pequenos. E fez isso com a convicção de que meninas e meninos de tenra idade são fortes e poderosos, mesmo aqueles que podem parecer mais fracos.

Como dizia Loris Malaguzzi, eles se expressam com cem linguagens; basta que nós adultos sejamos capazes de ouvi-los. Esta semana, em artigo no Diari de l'Escola d'Estiu (Diário da Escola de Verão), Gino Ferri também lembra Malaguzzi: “Ele nos encorajou a deixar de lado, para sempre, a ideia de que devíamos olhar para a criança como se fosse um sujeito com necessidades, e, em vez disso, ele nos provoca a olhar para ela a partir do reconhecimento de seus direitos! E ergueu a voz para nos dizer, sem parar, que a criança é capaz e competente não é um sujeito de necessidades, é um sujeito de direitos!”

A luta de Irene pelos direitos da infância permeou a vida de nossa associação, e um bom exemplo é esta jornada que nos reúne aqui.

UM AZUL INTENSO

E eu acabo com uma cor. Um azul intenso. As paredes do edifício Drassanes são de um azul intenso. Sua vida na

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene



associação tem essa intensidade, profunda e presente. Sua marca está nesse azul e ele está aqui, com o seu compromisso e seu envolvimento.

Desde que assumiu a direção da associação, logo após a morte de Marta Mata, Irene assumiu seu legado e prometeu continuar seu compromisso com a pedagogia e a política: a educação pública, a língua catalã e os direitos das meninas e dos meninos do mundo. Desde então, a foto da sorridente Marta está presente na sala da diretoria.

Termino com algumas palavras que Maria Antònia Canals (que não pode estar aqui hoje) escreveu num mural do GAMAR, espaço dedicado à formação de professores:

“Todas os meninos e meninas do mundo precisam de uma boa educação e têm todo o direito, assim como as plantas precisam de água. Mas eles são crianças e ainda não têm o poder de defender este direito. Se não fizermos isso por eles, quem os defenderá?”

■ **FRANCINA MARTÍ CARTES**
Associació de Mestres Rosa Sensat

R O S
S E N
S A T

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

— SARA BLASI

Irene Balaguer



Fundação Artur Martorell 2015

Querida família de Irene, Presidente da Fundação Marta Mata, Presidente da Associação de Professores Rosa Sensat, Curadores da Fundação Artur Martorell, Amigas e amigos! Queremos agradecer a vocês por quererem se juntar a nós neste ato de memória à Irene.

Irene nos deixou quando a Fundação Artur Martorell, que ela dirigia, completou cinquenta anos.

Conheci Irene há mais de quarenta anos. Sempre fiquei impressionada com seu entusiasmo pela infância, principalmente pelas crianças menores. Observei-a e fiquei maravilhada com o seu espírito de luta, o seu espírito crítico sempre construtivo, a sua coragem em defender o que lhe parecia justo,

fosse quem fosse a pessoa ou grupo que violasse o que ela acreditava ser correto, sempre em defesa da escola pública inclusiva e de qualidade.

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

Editorial

História da revista

Trajetória de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

Eu poderia dizer tantas coisas sobre sua gentileza, simplicidade, cordialidade e generosidade.

Mas foi em 1995, quando iniciamos um caminho de amizade e cumplicidade, fruto de um trabalho voluntário, que nos comprometemos a fazer juntas, ela da Rosa Sensat e eu da Delegação de Educação da Generalitat de Catalunya. Decidimos fazer o mapa escolar da educação infantil em Barcelona, dos 0 aos 6 anos. A Generalitat já havia traçado ou estava traçando o mapa da educação dos 4 aos 18 anos. Mas queríamos saber se as crianças estavam matriculadas em escolas maternas, jardins de infância, creches, berçários, abrigos, escolas parque, brinquedotecas, etc. Eram centros de diferentes tipos, públicos e privados, a maioria legalmente constituídos, mas muitos outros em processo de legalização.

Foi então que tecemos juntas um grande número de experiências que, hoje, se tornaram memórias. Deu muito



trabalho, consultamos a diferentes listas de centros e muitos meses de pesquisa.

A partir desse momento sempre existiu entre nós um espírito de confiança, compreensão e cumplicidade.

Nos últimos seis meses de vida, em junho de 2018, aceitou pela segunda vez ser diretora da Fundação Artur Martorell, quando se aposentou sua grande amiga Montserrat Ramos, o que lhe agradei profundamente. Já estávamos planejando o novo ano letivo de 2018-19 quando nos deixou. Não esperávamos esse resultado final.

Hoje, boas lembranças se acumulam, preenchendo as diferentes etapas de nossa convivência. Um dos pilares de nossa instituição acabava de nos deixar órfãos.

A morte nunca é esquecida por ninguém e quando chega é sentida. Não vamos perguntar como, quando ou por quê. Na verdade, não importa o quanto você tente reverter, a vida após a morte é um lugar que qualquer pessoa chega a uma taxa de sessenta minutos por hora, haja o que houver, acredite em quem acredite.

A vida tem um lado escuro e um lado luminoso. Cabe a nós escolher. O que está em jogo é saber diferenciar o essencial do não essencial. Irene era o tipo de pessoa que sempre escolhia o essencial.

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene



Ela deixou muito claro que a felicidade é uma questão de atitude: não é o caminho, mas a maneira de caminhar, não é fazer o que se quer, mas amar o que se faz e, sobretudo, não parar de caminhar. Às vezes, um pouco de céu azul, um vento suave, uma sombra agradável, o som do mar, dormir sem medo e acordar sem angústia e viver cada momento como se fosse único basta, porque o é.

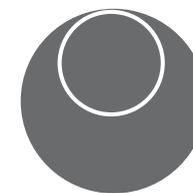
O segredo é ter memória seletiva para relembrar os bons tempos, ter bom senso para não desperdiçar o presente e ter confiança para enfrentar o futuro. Continuaremos caminhando, Irene, conversando com você e esperando vê-la novamente algum dia.

Como Rabindranath Tagore disse: “Quando a morte silenciar minha voz, meu coração continuará a falar”

■ **SARA BLASI**
Fundació Artur Martorell



Sara Blasi e Assumpta Baig na Conferência Internacional da educação infantil. Pensando com Irene



*fundació
artur
martorell*

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene

— MERCEDES BLASI

Lembrando de Irene

Hoje é um dia complicado, sempre que estive neste lugar partilhava a mesa com Irene, hoje o faço pensando nela... trouxe o texto escrito... não quero que as minhas emoções me traiam, desculpe, mas vou ler.

Pensando nesta intervenção, desde os primórdios da Revista In-fân-ci-a Castelhana, a que chamamos carinhosamente de “La Manoli”, vem à mente as minhas primeiras reuniões na rua Córcega ... não me perguntem porquê, mas lembro-me de uma mesa redonda em um canto, sonhando em ter em mãos, fisicamente no papel, uma In-fan-cia em castelhano.



Conselho da Revista Infancia 1998 (Madrid)

Conheci “In-fân-ci-a” (Catalã) carinhosamente chamada de “La Catalina” em Granada em 1984, e descobri uma revista que publicava muitas das intuições que eu tinha, que compartilhava experiências, que falava sobre a escola que eu queria, e que me interrogava sobre minha prática.

Naquele momento, outro companheiro e eu, munidos de um dicionário catalão/castelhano publicado pelo

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene



Conselho Provincial de Barcelona (um volume enorme, aliás ótimo, não havia internet), e também movida pelo interesse de conhecer a língua do meu pai, começamos a traduzir sistematicamente os artigos de In-fan-ci-a, que logo compartilhávamos com nossos companheiros em seminários e formações. Muitas de vocês se lembrarão de artigos como... ¿Qué aprenden los niños con la manipulación de los objetos? De Constance Kamii ou reflexões sobre a vida cotidiana, *Hola y Adiós: Comunicación e intercambio*, ou aquele de Tere Manjem que foi genial, “La higiene: un medio de relación personal”. Quanto Pepa Òdena nos ajudou a “Descubrir con la cesta de los tesoros”.

Todos aqueles artigos traduzidos, uniam a reflexão sobre a prática cotidiana com a fundamentação teórica, o que nos permitia avançar em um modelo de fazer a escola... e com essa esperança, me vi requisitada pelo coletivo das Escolas Municipais Infantis de Granada, na rua Córcega... onde se começou a construir uma relação estreita com Irene, com Francesca Majo, Enric Batiste, Rosa Secrum; Roser Ros, Juanjo Pellicer, Antonio Fernández, Avelina Ferrero... com muita gente.

Na entrevista que conseguimos fazer com Irene em novembro de 2018, ela lembra que depois de anos de propostas, foi no V Congresso de Escolas Infantis organizado pela Coordenação estatal em Múrcia em 1985, que se resolve tentar criar a In-fan-ci-a em castelhano. Ela nasce sob o manto da Associação de Professores Rosa Sensat, e sabemos que não

foi fácil encontrar um lugar para ela, mas finalmente em maio de 90 apresentávamos in-fan-ci-a em castelhano em Granada. Com um primeiro editorial da Marta Mata e um caráter diferencial muito importante, In-fan-ci-a nasce com uma identidade própria, não se tratava de fazer uma revista traduzida, mas de articular uma voz pedagógica no resto do território.

Irene dizia: “a realidade do Estado é diversa na organização, nas pedagogias, nas ofertas e culturalmente ... Não se pode ser traduzir do catalão ao castelhano e esperar que seja útil. Portanto, se articula para que represente o conjunto das comunidades autônomas.

”Irene foi, como sempre, respeitosa na medida em que a revista In-fan-ci-a promoveu as redes e a renovação pedagógica dos diferentes territórios, mais uma vez foi generosa porque queria que a Associação de Professores Rosa Sensat contribuísse para dinamizar e apoiar a renovação pedagógica e os coletivos que já existiam em cada comunidade.

In-fân-ci-a nasceu com o interesse de compartilhar. Foram anos que o LOGSE, os centros de professores, as assessorias do infantil, o MEC... dinamizaram e promoveram uma lufada de ar fresco na educação infantil deste país. Aqueles anos em que a ajuda do Ministério de Assuntos Sociais significou o envio de exemplares para a América Latina, o que depois teve suas consequências... Irene teve uma capacidade enorme de

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene



se antecipar aos ciclos e promover novos projetos. Tudo isto teve muito a ver com o fato de a configuração dos conselhos se constituir de forma autônoma em cada Comunidade Autónoma. Cada território articulava uma rede, em que se buscava a presença das diferentes realidades da infância: o mundo educativo, a saúde, a formação, a universidade... de 0-3,3-6,0-6. Em suma, articulando redes de pessoas comprometidas com a infância: com uma visão de criança capaz, que defendem a educação pública, que



Celebração da Revista Infancia nº 100

buscam a qualidade (quanto discutimos com Irene sobre o termo qualidade), muito obrigado à Rede Europeia, Sr. Moss, como o seu trabalho tem sido importante... porque nos ajudou e continua a ajudar muito nesses debates sobre qualidade.

A dinâmica de trabalho nos diferentes conselhos autônomos envolveu avaliar artigos, detectar experiências educativas interessantes em seu território, fazer propostas... mantendo uma reunião anual do conselho de redação estatal, onde cada conselho autônomo contribui com seus pareceres e perspectivas, onde se demarcam as linhas temáticas e as propostas de trabalho, permitindo criar a rede pela qual Irene tanto trabalhou.

Trata-se de trazer à luz práticas respeitadas que ajudem a refletir sobre a prática, o que se vem denominando pesquisa-ação. Marta Mata em seu primeiro editorial escreveu “nas nossas mãos está especialmente um estilo de trabalho, forjado em tempos mais difíceis. O

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene



estilo da avaliação de qualquer experiência progressiva real, juntamente com qualquer ideia sugerida, para escoar a teoria através da prática e iluminar a prática com a teoria”.

Muitas vezes saiu nos conselhos o debate de que nesta revista “Não somos responsáveis pela opinião”... Na In-fân-cia sim, apostamos claramente numa forma de fazer e compreender a infância, a escola e a educação.

Gostaria de destacar um valor que considero transcendente em Irene, uma mulher profundamente generosa com o conhecimento. Todos nós sabemos da mesquinhez humana e de que muitos dos ditos “mestres ou referências” guardam o conhecimento para si mesmos, para que só eles conheçam. Nada disso acontecia com Irene ... ela desfrutava compartilhando ... ela ajudava muitas de nós a conhecer outras realidades, outros autores, outras pessoas, a nos questionarmos, a nos criticarmos ... me colocou diante de desafios que só quando se sabe que alguém confia em você, é que você é capaz de fazer, e ela o conseguiu.

A revista significou conhecer, ter acesso a informações, contatos e realidades que teriam sido impossíveis para cada um de nós em nossas cidades ... foi uma lufada de ar fresco, crescimento profissional e pessoal.

Sinto que a confiança que muitas vezes depositou na minha inexperiente carreira ... e contra aquilo que me rebelei, me colocou diante de desafios que só quando você sabe que

alguém confia em você é que você é capaz de fazer e ela conseguiu.

A Revista tem nos ajudado a imaginar, a não estabelecer limites, a sonhar que também é possível na nossa realidade, a entender que podemos construir realidades respeitadas com a infância e com as famílias.

Ao conversar com ela sempre surgiam projetos, novos desafios ... embora a realidade às vezes tenha sido muito teimosa e as vicissitudes políticas tenham pesado ... mesmo assim, sempre havia espaço para a esperança e ainda é possível seguir em frente com novos esforços, imbatível, incansável, ela nunca desistiu, nunca havia batalhas perdidas, nunca.

Certamente as palavras ressoam... ela dizia: “Amigas e amigos, acho que chegou a hora de agir e apoiar o que temos conquistado e conseguido, temos que organizar a resistência, porque sabemos que a história da humanidade não é linear, mas é feita de avanços e retrocessos “Imbatível ao desalento”.

Recorro à proposta que Irene apresentou na REGGIO 2015, em uma homenagem a Loris, denominada: “A segurança do compromisso diante da incerteza do horizonte”. Ela propunha três pilares para abordar o futuro, com os velhos, e ao mesmo tempo, tempo de novos horizontes.

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene



O primeiro pilar seria: Fazer da Convenção sobre os Direitos da Criança nosso grande instrumento. Embora fosse crítica por seu eurocentrismo e visão adulta que emana, ela o defendeu como um magnífico instrumento para todos aqueles que reconhecem a criança como uma “pessoa” desde o nascimento, com direitos civis e políticos. Permite dotar-nos de força jurídica e política para lutar pelos direitos dos mais pequenos.

O segundo pilar: Fazer da democracia o nosso estilo e a forma de viver com o outro e com os demais. Manter e agir para ampliar a participação, a tomada de decisões e a responsabilidade coletiva. É essa democracia que faz as pessoas pequenas ou grandes aprenderem a pensar e refletir por si mesmas, a ter sua própria opinião.

E o terceiro: Fazer relacionamentos com a nossa força e essa foi uma verdadeira obsessão.

Trata-se de compartilhar os tecidos ou redes que cada um de nós mantém, fazendo uma grande tapeçaria que nos une, para saber que não estamos sós e que somos muitos, muitos mais do que podemos imaginar e podemos compartilhar uma grande utopia, fazendo visível o que existe, mas que sozinhos não vemos.

Trata-se de nos encontrarmos... e para isso precisamos de focos que nos ajudem a unir essas redes... As revistas, as visitas, as conferências... estes são focos.

Trata-se de tecer uma tapeçaria tão grande e vasta quanto sejamos capazes, uma tapeçaria que seja diferente, como diferente é a realidade educacional do mundo. A espessura da urdidura será diferente a cor e o material... será diferente, porque na diversidade se encontra a sua força.

Uma tapeçaria, porém, que compartilha uma trama, a de respeitar as crianças, de buscar o melhor para acompanhá-las em seu processo de emancipação e descoberta do mundo.

Hoje, mais do que nunca, no mundo neoliberal que nos rodeia, é imprescindível aceitar o desafio que o nosso amigo nos coloca... nunca o esqueceremos, Irene.

■ **MERCEDES BLASI**
In-fan-cia Castelhana

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

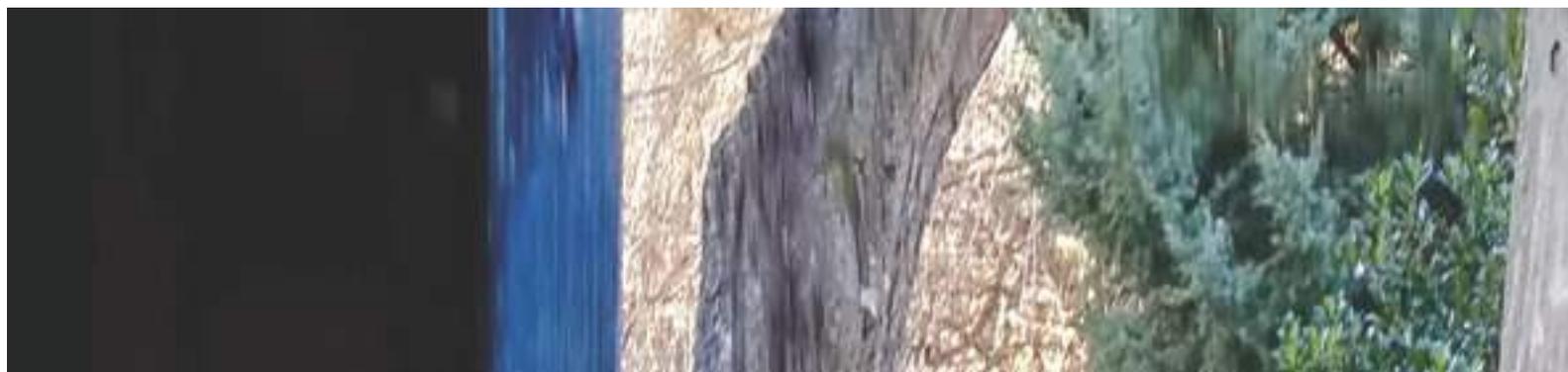
Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

MIQUEL ÀNGEL ESSOMBA

Irene foi música, infância, olhar e memória, e dedicou sua vida a promover os direitos e o cuidado de quem precisa de um adulto com alma de criança para ser compreendido. Nós nos lembramos dela através das palavras de @miquellessomba (Exdirector de Perspectiva Escolar) Publicado na revista *Perspectiva Escolar* número 404 (março 2019)

OLHARES.IRENE



in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene



Uma das melhores homenagens que podemos fazer a Irene é através da música. Como mãe e professora, cantava para os filhos relaxarem ou fazê-los dormir em paz. Em seus últimos dias, ela ouvia canções de ninar para se acalmar. Seu nome, Irene, tem um som que inspirou dezenas de melodias. Provavelmente sem saber, sua alma se refletiu em dezenas de canções que puderam ser sentidas em todo o planeta. Primeira balada:

Irene

I know it 's hard to stay away
I can only imagine
The things that you must say

But you should know
Better anyway
The way that you say

(Caribou)

Sim, Irene era música, e a canção a que ela dedicou toda a sua vida foi a educação. Sua ambição inesgotável por uma educação pública de qualidade não conhecia limites ou fronteiras. Ela poderia criar um programa de apoio para mulheres na América Latina que trabalhavam por uma pequena infância com direito real de serem educadas em liberdade, assim como se sentar em uma praça pública em Berlim, cercada por mulheres europeias, para tecer laços e redes em favor de uma Europa que acreditou na educação como motor da justiça social.

A morte de Irene deixou sem fôlego centenas de pessoas no mundo da educação, em casa e ao redor do mundo, e deixa um vazio e um silêncio que aqueles de nós que ainda estão na estrada teremos que ver como o preencheremos. Porque são personagens como Irene que, ao nos deixarem para sempre, realçam suas palavras e enraízam a eterna dúvida sobre o que ela teria pensado sobre este ou aquele assunto. Vamos para a segunda peça, esta mais próxima:



Irene

Columpiándose en los alambres

Irene

Convidándome a conocerla, emplazándome ...
No comprendo como usted pasar y no Verla

(Joan Manuel Serrat)

Irene também foi uma infância. Uma eterna menina que as noites e os dias foram curtindo na dureza da existência, mas que nunca perdeu o aroma intenso e rebelde dos primeiros anos. Irene te olhava com uma ingenuidade astuta e uma astúcia ingênua, como uma criança de três anos.

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene



Irene guardava com ciúme sua alma de menina bem no fundo, para que ninguém pudesse vê-la, e ela só mostrava para aqueles que mais amava. E essa alma de menina foi culpada, em parte, de toda uma vida dedicada a promover os direitos e o cuidado das crianças de menos idade, dos mais indefesos, que precisam de adultos com alma de criança para serem compreendidos e satisfazer suas necessidades mais básicas.

Essa estranha combinação de infância e dureza a tornava incomparável a qualquer outra pessoa conhecida. Ela sempre lutou para nunca perder a pureza, nem a essência, nem a inocência, e ficava triste quando a dura realidade a fazia perdê-las. Irene não deixava ninguém indiferente, e esse era sem dúvida um de seus principais pontos fortes, e ela sabia bem disso, e também um de seus principais pontos fracos. Vamos para a terceira música:

*Mentre il mondo sta girando senza fretta
Irene al quarto piano è lì tranquilla
Che si guarda nello specchio
E accende un'altra sigaretta*

(Francesco di Gregori)

Irene também tinha esse olhar. Olhos escuros que te atravessavam questionando, examinando cada pensamento seu, analisando - como se fosse um espelho - o que havia dela em você, ou de você nela.

Cigarro na mão, o olhar de Irene falava em silêncio. Os encontros com a sua presença tinham que ter um significado (a perda de tempo não fazia parte do seu universo), e uma conclusão (era preciso seguir sempre em frente, nunca ficar parado por muito tempo no mesmo lugar). Agradecia a sinceridade, da mesma maneira te presenteava com ela, às vezes sem pedirmos, e procurava deixar os sentimentos à parte da gestão, embora no final os sentimentos tudo impregnassem.

Irene queria encontrar-se com olhares como os seus. Incentivava todos a enfrentar os problemas com coragem e determinação, sem evitar conflitos. E nunca descansava até que as pessoas ao seu redor mostrassem algo próximo de sua atitude combativa. Última música:

*Irene goodnight,
Irene goodnight.
Goodnight, Irene, goodnight, Irene,
I'll see you in my dreams.*

(Pete Seeger)

Em suma, Irene era memória, por isso ela permanecerá na memória. É por isso que dedicou uma vida inteira para salvar, a sua maneira, a Associação Rosa Sensat de seu próprio futuro. É por isso que ela nunca pode se recuperar da perda de Marta. Por isso deu tudo para preservar o valor incalculável da escola infantil de Barcelona.

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene



CONCRIT, Berlim 2007

E não vamos esquecer: Irene, ao contrário do que muitos podem pensar, adorava a *Perspectiva Escolar*, a “*Perspectiva*”. Porque foi a primeira revista da Associação Rosa Sensat, fundada por Marta, porta-voz de uma visão sobre a infância que guardou palavras para as gerações futuras, parafraseando ao poeta.

Música, infância, olhar, memória. Irene. Boa noite, você vai nos acompanhar em nossos sonhos - aqueles que nos

embalam enquanto dormimos, ou aqueles que projetamos em mil ideias enquanto estamos acordados - para sempre.

MIQUEL ÀNGEL ESSOMBA

Exdirector de *Perspectiva Escolar*

Publicado na revista *Perspectiva Escolar* número 404 (março 2019)

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

Irene Balaguer e o “Diari d’Educació”

Editorial

História da revista

Trajetória de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

■ EL DIARI DE L'EDUCACIÓ (JOSEP CARLES RIUS 30.12.2018)



Irene Balaguer, professora de educação infantil e presidente da Associação de Professores Rosa Sensat por nove anos (2006-2015). Este diário também deve muito a ela. Seu apoio quando isso era apenas uma ideia foi decisivo.

Em meados de 2012, um grupo de jornalistas decidiu criar uma Fundação que teria, entre outros, o objetivo de publicar El Diario de la Educación (O Diário da Educação). Queríamos ser úteis a uma comunidade que estava na linha de frente na defesa de um direito fundamental, o da educação universal. E queríamos contar com o conselho e o envolvimento de entidades que há muitos anos lutavam pelos mesmos valores que agora queríamos defender.

A quem primeiro fomos explicar o projeto foi à Associação de Professores Rosa Sensat. Nos reunimos com Irene Balaguer, ela acolheu a nossa iniciativa com grande interesse. Na conversa, lembro-me, falamos sobre a necessidade de superar o desânimo causado pelos cortes e unir forças para recuperar o entusiasmo, para renovar projetos ... para fazer o que aconteceu depois: a primavera que viveu, e vive, a educação na Catalunha. Olhando com perspectiva, aquela conversa foi decisiva para levar o projeto adiante, para saber que estávamos no caminho certo e com a melhor companhia.

Um ano depois daquela conversa, tínhamos El Diario de la Educación pronto e Irene se envolveu em tudo o que lhe pedimos: aceitou fazer parte do nosso conselho consultivo, deixou-se gravar para o vídeo promocional do jornal e também pensamos com ela como seria o ato de apresentação, no dia 4 de dezembro de 2013 nos cinemas Girona. Queríamos que o evento fosse uma homenagem aos professores e exibimos o documentário El retratista (O retratista), que reconstrói a história de Antoni Benagues, o professor que aplicou a pedagogia Freinet na escola Buñuelos de Bureba (Burgos) e foi fuzilado pelos franquistas.

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

Irene Balaguer e o “Diari d’Educació”



Após a exibição, além dos responsáveis pelo documentário, entrevistaram a presidente da Associação de Professores Rosa Sensat e Josep Fontana. Irene Balaguer incentivou todos os professores – a plateia do cinema estava cheia deles - a se associarem às associações e assembleias de professores nas suas localidades, a fazer como Benaiges, que se reunia com colegas em encontros informais para compartilhar experiências pedagógicas e debater sobre projetos e metodologias.

Josep Fontana lembrou que “o professor tem que ensinar a pensar, a não acreditar em nada a princípio, a exercitar a razão. A dar as ferramentas para que os alunos aprendam a raciocinar”. Irene Balaguer assentiu. Porque pensamento crítico e esforço compartilhado, as duas ideias daquele primeiro ato de El Diario de la Educación, fazem parte da obra de sua vida. [Os artigos escritos pelo Blog Rosa Sensat](#) há quatro anos refletem a firmeza com que colocou, antes de tudo e de todos, o direito das crianças à melhor educação.

No verão de 2015, a amizade do jornal com Rosa Sensat subiu mais um grau. A partir desse ano colaboramos com a preparação de El Diario de la Escuela de Verano, que até então era feito em papel, e que desde então (já foram quatro edições) fazemos em digital. Na ocasião, Pablo Rodríguez fez uma entrevista conjunta, que foi publicada em vídeo e por escrito, com os três pilares da associação: Irene Balaguer (presidenta), Francina Martí (secretária e hoje presidenta) e María Vinuesa (tesoureira). A entidade estava então comemorando seus 50 anos e ao final da conversa Pau perguntou a elas como imaginam que será quando chegar o centenário. E esta pergunta Irene respondeu:

“As questões de fundo podem permanecer as mesmas. Delors levantou os quatro pilares de uma educação para o século 21: aprender a saber, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Bem, é isso. Mudam os instrumentos e os espaços - espero! -, mas o essencial não se perderá. As mudanças que viverão quem chegar aos 100 anos de Rosa Sensat serão fantásticas, e não devemos ser dogmáticos, devemos estar abertos e ver o que é fundamental para que as pessoas possam pensar por si mesmas e sejam livres. “

Mas em um dia como hoje vale a pena rever toda aquela entrevista.

■ **EL DIARI DE L'EDUCACIÓ**
(JOSEP CARLES RIUS 30.12.2018)

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

Mensagem para o encontro internacional “Pensando com Irene”

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

■ PHILIPPE MEIRIEU



Mensagem recebida em formato de vídeo para a Conferência Internacional “Pensando com Irene”

Bom dia a todos, bom dia, bom trabalho.

Obviamente, eu teria gostado muito de estar com vocês hoje, antes de mais nada, para expressar mais uma vez meu carinho e minha admiração por Irene, por seu trabalho, por sua pessoa, por sua áurea e para te dizer em que medida quero que continue trabalhando com aquele que estava noivo.

Também gostaria de estar com você para refletir sobre as tarefas que mais importavam para Irene: a educação infantil, que era uma de suas matérias mais queridas,

a justiça social e também a formação em democracia, matéria pela qual ela era muito preocupada. Há algum tempo, ela havia me contado sobre sua preocupação com o debate democrático que

parecia intransigente, intolerável, às vezes violento e sua preferência por um debate mais sereno que se transformasse em uma educação mais adaptada, mais formação de pessoas sensíveis à solidariedade e ao respeito pelos outros, à escuta mútua e à busca coletiva do bem comum.

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

Mensagem para o encontro internacional “Pensando com Irene”

Pensando no dia com Irene, 2019



Gostaria também de salientar, porque o mundo inteiro também está convencido disso, em que medida a luta pela educação foi para Irene inerente a uma luta política, a uma luta de todo o planeta como um todo. Esta luta total esteve presente em todas as suas ações de solidariedade internacional, da mesma forma que me levou a um compromisso com a ecologia política, e isso nos aproximou muito em todos esses aspectos.

Estávamos unidos pelos desafios que o nosso mundo nos enfrenta, o que nos impõe ser responsáveis e estar à altura; isso nos obriga a levantar a cabeça e a nos perguntar como devemos preparar nossa infância para o amanhã.

Com Irene nos perguntamos, e devemos continuar nos perguntando, que mundo vamos deixar para nossos filhos e que filhos vamos deixar no mundo. Combate político e combate educacional dois combates totalmente unidos e atrevo-me a dizer que para ela o mesmo e único combate.

“Estamos todos com Irene, estou com vocês no pensamento e na solidariedade por todas as suas lutas. Um abraço”

■ **PHILIPPE MEIRIEU**
Pedagogo francês

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

— PHILIPPE MEIRIEU

Editorial

História
da revista

Trajectoria
de Irene Balaguer

De que infância
estamos falando?

Que
professores
precisamos?

Que escola
queremos?

Das políticas
à escola

Palavras
para Irene

Palavras
de Irene

Bibliografia
Irene



Irene Balaguer, Philippe Meirieu e Rosa Securun na l'Escola d'Estiu de Rosa Sensat 2003

Para Irene

Irene Balaguer foi, por muitos anos, uma das colunas dorsais da Associação de Professores Rosa Sensat, que presidiu de 2006 a 2015. A associação foi criada em 1965 por Marta Mata, que lhe deu o nome de uma pedagoga catalã que havia morrido quatro anos antes, Rosa Sensat, que nascera em 1873 e começara a trabalhar como professora de educação maternal.

Irene, apaixonada pela pedagogia, não duvidou em ir estudar no Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, e visitou inúmeras escolas com pedagogias novas antes de retornar à Catalunha, onde militaria incansavelmente pela democratização da escola pública, pelo acesso das crianças à educação e a importância da formação de professores. Considerada subversiva, em 1939, no início do Franquismo, ela foi afastada do seu cargo.

Marta Mata (1926-2006) iniciou a Associação de Professores Rosa Sensat na clandestinidade, e após da queda da ditadura, ampliou sua base com o apoio dos

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene



democratas progressistas catalães. Seu objetivo era oferecer aos profissionais da educação um marco de reflexão e formação, um espaço de intercâmbio e compartilhamento, de ferramentas pedagógicas e também apoiá-los em seu compromisso com uma escola pública verdadeiramente emancipadora.

As escolas de verão organizadas pela Associação de Professores Rosa Sensat rapidamente conheceram um imenso sucesso, e todos os anos, em julho, milhares de professores voluntários se reuniam para fazer oficinas, seminários, mesas redondas, conferências, manifestações artísticas etc. Hoje, a Associação é um dos movimentos pedagógicos mais poderosos e implementados na Espanha. Edita livros e revistas, organiza formação pedagógica ao longo do ano e participa ativamente de debates educacionais e da sociedade.

Irene estava lá, sempre calma e serena, mas sempre atenciosa, muitas vezes com um rosto pensativo, e com sua notável capacidade de escuta: Nada lhe escapava.

Conheci Irene Balaguer quando Marta Mata ainda presidia a Associação de Professores Rosa Sensat. Mata impressionava a todos: sua estatura era imensa, como seu reconhecimento nacional e internacional. Irene expressava um grande respeito a ela, nunca caindo em complacência silenciosa. Irene estava lá, sempre calma e serena, mas

sempre atenciosa, muitas vezes com um rosto pensativo, e com sua notável habilidade auditiva: Nada escapou a ela. Ela não hesitava em completar, matizar ou aprofundar um ou outro propósito. Lembro-me dela com Marta Mata, atenta e admirada, mas também exigente. Sem a menor agressividade, nem subordinação, ela soube prolongar, moldar, e tornar operativa as propostas que eram disparadas a cada momento na equipe Rosa Sensat. Quando Marta Mata foi convocada em Madrid para presidir o Conselho Escolar do Estado, e mais tarde, após sua morte, Irene impôs-se no Rosa Sensat como “a” referência.

Escrevi “imposta”: não há verbo menos apropriado do que isso para a personalidade de Irene. Ela nunca “impôs-se”; pelo contrário, sua presença permitiu que cada um existisse, propondo discussões. Por trás de um ar que alguns poderiam encontrar um pouco rígido, ela não era nada além de atenção: atenção aos outros, atenção a novas ideias e projetos emergentes, atenção a tudo o que, além do desenvolvimento da associação, poderia ajudar a avançar a escola.

Determinada, não deixou de se referir aos direitos das crianças, mas sempre associando os deveres do adulto.

A infância era vital para ela, amava democracia e justiça e tinha apenas uma ideia em sua cabeça: formar seres capazes de construir uma sociedade mais democrática e

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene



Irene Balaguer, Philippe Meirieu e Rosa Securun na escola de verão para na Associação Rosa Sensat 2003

mais justa. Determinada, ela lutou contra tudo o que poderia colocar obstáculos a este projeto; obstinada, ela estava ciente de tudo o que poderia permitir seguir em frente. Apaixonada, continuou a promover expressões artísticas, literatura juvenil, experimentação científica ou conselhos das crianças.

Determinada, não deixava de se referir aos direitos das crianças, mas sempre associando os deveres do adulto.

Profundamente engajada, ela relacionou a pedagogia e a política sem parar, a uma rara lucidez, não confiando em lugares comuns e nas facilidades retóricas. Ela sempre voltava ao “pequeno gesto”, ao cotidiano da turma e à concretude das situações educativas, ali onde se prova a verdadeira determinação da pedagogia.

Eu ainda a vejo assentindo com a cabeça com aqueles olhos onde paixão e razão brilhavam. Vejo-a colocar-se diante da injustiça e

afirmar que não cederia. Irene tenaz. Irene generosa. Irene, ambiciosa com suas causas e modesta consigo mesma. Ela nos deixou muito cedo neste final em dezembro de 2018. Já sentimos saudades dela. Mas aprendemos muito com ela. E ela ainda vive através daqueles que tomaram sua tocha.

■ **PHILIPPE MEIRIEU**
Pedagogo francês

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

— COLETIVO INFÂNCIAS LATINO-AMERICANAS

Conselho Editorial
Infância latino-americana, 2015

Editorial

História
da revista

Trajectoria
de Irene Balaguer

De que infância
estamos falando?

Que
professores
precisamos?

Que escola
queremos?

Das políticas
à escola

Palavras
para Irene

Palavras
de Irene

Bibliografia
Irene

Faltam-nos palavras para te descrever, dar conta de tua história, teu olhar, compromisso e presença.

Faltam-nos palavras para reconhecer a magnitude do caminho compartilhado desde 2005 quando, junto com Ofelia e Lica, imaginaram nossa revista Infancias Latinoamericanas.

Faltam-nos palavras para contornar tua ausência e procurar mantê-la aqui; à distância, a milhares de quilômetros, sabemos que nossas travessias são ponte, e como diz Cortázar, pusemos o piano e atravessamos. (no original: y como dice Cortázar ya hemos puesto el piano y lo hemos cruzado.)



Irene querida, professora de professoras, educadora das infâncias sem fronteiras, companheira de nossa terra latino-americana, sempre consciente de nossas dores, de nossas frágeis democracias e seus efeitos na vida de nossas crianças.

Irene querida, sempre atenta e solidária, apontando nosso trabalho e defesa da educação e da infância, impulsionando as vozes sem voz, a escrita tantas vezes esquecida...

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

Infância latino-americana, 2015

Irene querida, de San Cristóbal de las Casas a Ushuaia, de Montevideu a Valparaíso, de Quito a Assunção, de Havana a São Paulo, do Distrito Federal à Antártica, de Lima a Belén, de Bogotá a Buenos Aires, em cada ponto manteremos o teu fogo aceso, multiplicaremos as estrelas em teu nome até nos lugares mais remotos, onde os direitos das crianças são negados. E, nomearemos a educação infantil como pacto e herança.

Dessas terras, deste coletivo de Infâncias Latinoamericanas enviamos com uma tristeza infinita, nosso profundo afeto à querida Associação de Professores Rosa Sensat, aos

familiares, e a todos/as e a cada um/uma daqueles/as que compartilharam a trajetória de Irene em algum momento de sua vida.

Vamos honrá-la a cada dia, sustentando seu legado.

■ COLETIVO INFÂNCIAS LATINO-AMERICANAS

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

Poemas para Irene Balaguer

■ ENRIC BATISTE



Editorial

História
da revista

Trajectoria
de Irene Balaguer

De que infância
estamos falando?

Que
professores
precisamos?

Que escola
queremos?

Das políticas
à escola

Palavras
para Irene

Palavras
de Irene

Bibliografia
Irene

1

Você também estava aqui, perplexa,
no meio desta viagem, esta viragem
no meio das ondas, nesta costa,
entre esta mesma areia, nesta areia,
movidada pelo mar, entre este espaço.

Você sabia, você reiterava, a importância
do ambiente de vida, do espaço,
qualquer aqui e agora, qualquer um,
qualquer espaço-tempo, irrepitível,
nos olhos e nas mãos da infância.

Nenhum mar espera por outro momento,
insiste em, suas lutas, suas batidas,
seus pulsos vêm do cérebro e das mãos.
Eu me lembro daquele dia, daquele abraço,

Para enxugar suas lágrimas tão vivas
Você era uma sereia de sal,
e agora você se foi, você empreendeu
uma viagem, uma nova viagem, sem volta,
até onde sabemos, que supomos,
até onde entendemos, concebemos.

Você era uma sereia de sal,
Deixo-vos este leito, preparado,
com conchas, caracóis, pedrinhas,

marcado, sepultado, entre a areia,
caso queira voltar, caso volte ...

29 de dezembro de 2018

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

Poemas para Irene Balaguer



2

Queria acordar esta manhã
ouvindo suas palavras em sua voz.

Queria, eu quisera ouvir sua voz,
sua voz amanhecer esta manhã.

Queria eu ouvir, a esta hora,
essas próprias palavras em sua voz.

Sua voz, de boca em boca, em seus vocábulos,
que vão de voz em voz em nossas vozes.

Sua voz, que, ao vivo, já soa aqui
palavra por palavra repetida.

Palavra por palavra, ecoando
palavra por palavra por palavra.

Que toque, agora, aqui, diretamente,
sua voz na linguagem renascida.

Sereia do sal de uma canção
nascida, renascida, em suas palavras,
sereia do sal ...

30 de dezembro de 2018



in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

Poemas para Irene Balaguer

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

3

RECRIAR A DEMOCRACIA

Os serviços reinventam a democracia,
serviços que constroem equidade,
equidade biunívoca para a infância,
infância que tem que ser a protagonista,
protagonista deste presente,
presente verdadeiro do futuro,
futuro com passado já presente,
presente e mais presente com futuro ...
Queridos Malaguzzi, Anna Lia,
Irene Balaguer, Mercedes Blasi,
Izaskun Madariaga, Carme Col, e tantos,
tantos outros pedagogos, que aqui e ali e além dos mares,
colocaram o pensamento em ação,
ação que constrói a democracia.
Sereia democrática que você emerge,
deste largo mar, o mar continua,
sereia do sal da democracia,
não deixes de emergir para esta costa,
não deixes de voltar, porque a vida
precisa que você volte de novo,
que volte de novo, mulher e musa,
musa da democracia e dos valores.
Sereia do sal da democracia,
sereia do sal dos valores,
sereia do sal educacional,

Sereia do sal da criação,
criação e contínua recriação
não deixes de voltar, porque a vida
precisa que você volte novamente.
Sereia do sal das mulheres
mulheres feministas que mudaram
tantas vezes um mundo velho,
que quer continuar com privilégios,
privilégios cobertos por disfarces
que escondem seus disfarces machistas,
machistas destualizados disfarçados
pervertendo linguagens democráticas.
sereia do sal que junto
de histórias tanta história feminista
que não ficou para trás e você enfrentou,
sereia do sal ...

6 de março de 2019



in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

Poemas para Irene Balaguer



4

INFÂNCIAS DA LA INFÂNCIA

Dever de resistência,
resistência ao tempo das revistas,
revistas, narrativas,
narrativas de imagens da infância,
da infância com direitos,
com direitos de sempre e do presente,
presente em seu direito,
seu direito que é nosso dever.

Dever de resistência,
resistência de equipes da revista,
revistas de Conselhos,
Conselhos se aglutinam na prática,
prática e teoria,
teoria mais em voga com sua prática,
prática evolutiva,
prática evolutiva em realidades.
Realidades da infância,
da infância, poderosas realidades,
realidades globais,
globais e locais e diferentes,

Realidades das infâncias,
das infâncias de alto falantes, das revistas,
revista educativa,
revista educativa que divulga,
divulga a experiência,
experiência dos professores do infantil,
do infantil com políticas,
políticas educacionais para a infância.

As Espanhas e Europas,
Europas e Américas do Sul
do sul que é um projeto,
projeto cardeal para este mundo,
este mundo possível,
este mundo possível de outro mundo,
mundo para a infância,
infância de direito e dever.

Musas da resistência,
resistência com a infância e o futuro,
o futuro nos inspira,
inspirando-nos em futuros de outros mundos ...

20 de junho de 2019

■ ENRIC BATISTE

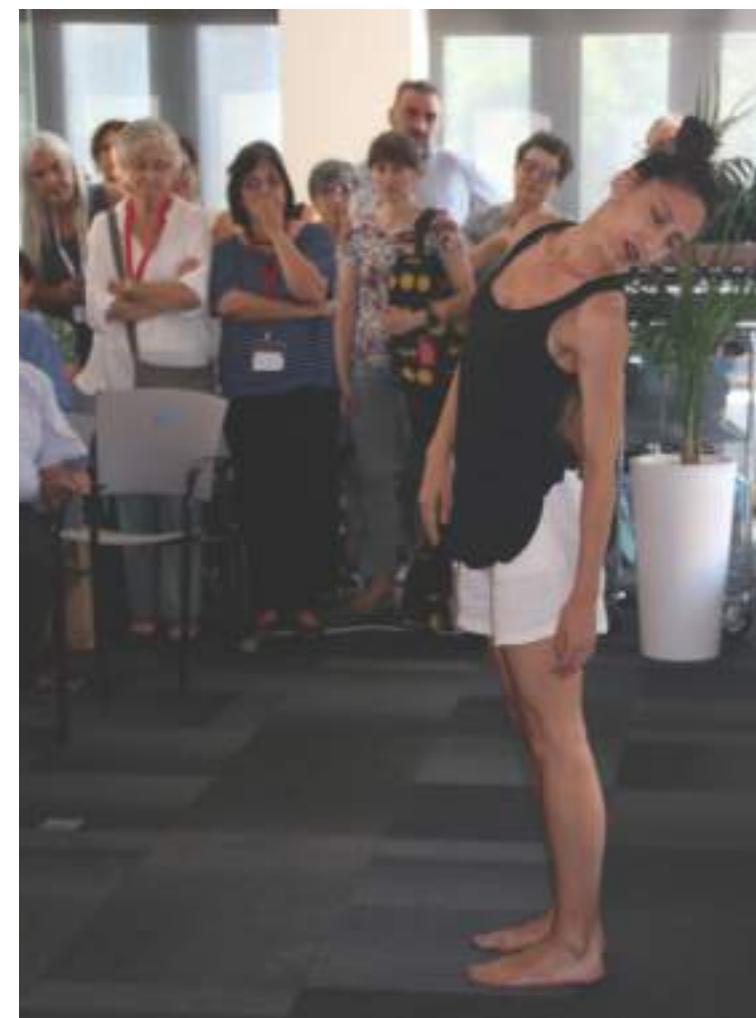
enricbatiste@gmail.com

Barcelona

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

Dança de Anna Casanova

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene



Músicas “Vida” e “La Gent” de Maria Amal e Marcel Bargès

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

Cantata de Montserrat Soldevila

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene

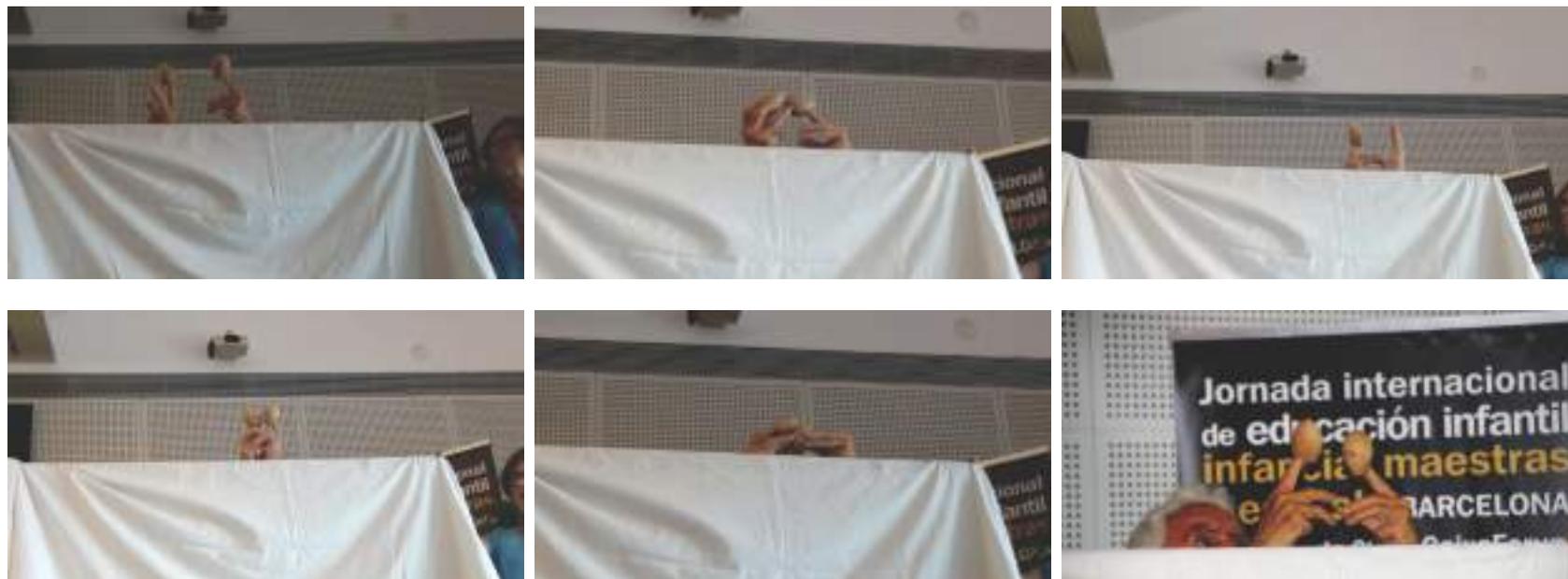


A montagem e encenação de Montserrat Soldevila e Roser Ros. A começar pela composição musical “El Mirador” do compositor e músico Josep Vila. Jogos musicais extraídos para mostrar o repertório popular catalão.

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras para Irene

Títeres de Mariano Dolci

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene



Edward Grieg: Peer Gynt Suite No. 1

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras de Irene

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene



in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras de Irene



Hoje, para lembrar Irene, planejei publicar seu discurso proferido há alguns anos em Reggio Emilia, no encontro internacional “Educazione e / è politica” (“Educação e / é política”). Naquele dia, foi a última vez que a vi, embora tenhamos tido muitas outras ocasiões para falar online e escrever um para o outro.

Sou grato à revista Zeroseiup por publicar esta preciosa contribuição de Irene.

Sergio Spaggiari



Palavras de Irene

“A certeza do compromisso face à incerteza do horizonte”.

Irene Balaguer, presidente da Associação Rosa Sensat de 2005 a 2015, Barcelona, Espanha.

Estimadas amigas e queridos amigos, obrigada por estar aqui hoje, depois destes dois dias intensos de trabalho que nos levaram a ver e ouvir tantas novas realidades e ideias.

Tenho plena consciência de que a presença de vocês aqui hoje se explica pela vontade de prestar homenagem a Loris

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras de Irene

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

Malaguzzi, o mais importante educador da infância dos 0 aos 6 anos do final do século XX. Precisamente por este motivo, por um lado sinto-me um pouco “incomodada”, porque sei que muitas outras pessoas poderiam “discorrer” muito melhor do que eu sobre a sua obra e o seu pensamento, mas por outro lado, sinto-me muito bem, porque tive muita sorte de poder partilhar com ele dúvidas, certezas, projetos, loucuras e utopias diversas, não isentas de debates, argumentos e contra-argumentos, de análises sobre as nossas respectivas realidades sociais, pedagógicas e políticas.

Portanto, hoje sinto o dever de partilhar com vocês esses pensamentos, sabendo que jamais poderei devolver o que recebi dele.

A língua de vocês é a mais linda que conheço. Gosto de ouvir a musicalidade de suas palavras, e também tenho consciência de que agora a estou destruindo ... Peço desculpas. Mas foi assim que conversei com o Malaguzzi e conseguimos nos entender, embora não fosse fácil seguir suas palavras, porque quando ele estava apaixonado falava

muito rápido e era difícil para mim segui-lo.

Gostei muito do título deste encontro: “Educazione e / è Política”, um lindo jogo de palavras que funciona na sua língua e que o Loris tanto gostava de fazer. Mas o que este título propõe não é um mero jogo linguístico.

Sobre este tema tivemos uma cumplicidade muito forte e consistente: educação e política são dois conceitos indissociáveis. São as duas faces de uma mesma realidade, que para nós andam de mãos dadas. E precisamente nesse contexto de cumplicidade procurarei desenvolver a minha intervenção, que se situa em dois conceitos sempre presentes na sua reflexão e na sua ação pedagógica: a certeza e a incerteza.

1. A certeza do compromisso

Desde o início da relação de Malaguzzi com Reggio, fica evidente a certeza de seu compromisso político e social para reconstruir, a partir da destruição, uma nova realidade.

Recordo, a este respeito, a velha e bela história da sua viagem de bicicleta para trabalhar ao lado dos cidadãos que, tijolo a tijolo, reconstruíram uma escola para as crianças da cidade.



Montagem do Movimento 15M
Barcelona 2011

in-fân-cia *lat noamer cana*

Palavras de Irene

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene



Encontro da Rede Territorial de Educação Infantil da Catalunha, 2010

Nesta cena quase metafórica, que explica precisamente o seu modo de proceder, começa uma história de construção de um projeto que vai além dos muros da escola; É um projeto que “salta os muros”. Um compromisso ético e político: o da certeza de articular um projeto sem constrangimentos, um projeto criativo que combina realidade e imaginação. É a utopia que se torna realidade.

A “criança”, a criança na ação e interação que a vida coletiva lhe oferece, é a sua fonte de inspiração, uma “construção quotidiana”, a matéria-prima das suas descobertas. Surpreende-se com as múltiplas capacidades das crianças, que correm o risco de não serem vistas, se um novo olhar e uma

nova escuta não forem construídos sobre o que realmente dá sentido às suas ações.

Loris permanece fiel ao antigo compromisso com a infância, pois dá voz e destaque a quem não fala, a quem ainda hoje espera o seu pleno reconhecimento.

Existe a certeza de que um potencial compromisso de transformação não pode ser feito individualmente: deve ser um compromisso coletivo.

Uma “equipe” deve ser formada. Mas o que é “equipe”? Malaguzzi buscava e trabalhava por coletivos comprometidos. Tecendo com o olhar aguçado, com o mesmo olhar com que olhava as crianças, descobrindo as qualidades de todas as pessoas diversas que podiam fazer crescer uma nova realidade educativa para as crianças dos 0 aos 6 anos. Um grupo disposto a aprender tanto com o que nasce das crianças quanto com o que surge de debates ou discussões compartilhados. Uma equipe com capacidade de se interrogar e colocar questões, uma equipe heterogênea, diversa e, portanto, rica, que rompe com os moldes tradicionais de acesso dos profissionais à escola. Porque para fazer algo novo é preciso co-construir um novo debate, mas também novas ações.

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras de Irene



Talvez essa certeza, legítima e compreensível, seja o que torna a experiência de Reggio única e irrepetível. Porque, certamente, podemos encontrar profissionais comprometidos aqui e ali, sabemos disso, mas para criar coletivos “heterodoxos”, é preciso uma capacidade e uma habilidade que poucos possuem, que Malaguzzi possuía e que caracterizou toda a sua obra.

A certeza de seu compromisso e sua convicção quebraram as regras. O compromisso de Malaguzzi nasce da necessidade de estar ao lado da sociedade ativa, de estar ao lado das mulheres; o triângulo de relações, tão lógico, se encerra nas escolas de Reggio, com as famílias e a sociedade. Um processo de diálogo contínuo, escuta, troca, participação e verdadeira democracia é o elemento fundamental de uma realidade que, passo a passo, dia após dia, vai se formando. É o compromisso político e pedagógico com uma nova forma de entender a educação: uma educação aberta, uma educação para todos aqueles que a vivem.

Para a maioria de nós que estamos aqui hoje, essa ideia pode parecer lógica, elementar, mas nos anos 1970 foi uma verdadeira revolução, a mais pacífica das revoluções. Uma educação emancipatória da comunidade interna: crianças, profissionais, famílias e sociedade são os atores, todos ativos, de um processo de aprendizagem comum.

Mas seu compromisso político, como o de todos os grandes professores que nos precederam, não pode se limitar a construir uma realidade educacional forte e poderosa em uma única cidade; Malaguzzi sente a necessidade de dar a conhecer esta realidade para além dos limites de sua Reggio Emilia.



Aposentadoria de Loris Malaguzzi, Itália 1990

Sente o compromisso de “fazer pedagogia” da política educacional de Reggio Emilia e assim começa a construir uma rede de relações e intercâmbios em toda a Itália, de norte a sul, de leste a oeste, com milhares de visitas, para incentivar os municípios e professores que começaram a criar escolas para crianças pequenas, por meio de reuniões e convenções organizadas pelo Gruppo Nazionale Nidi e Infanzia. Assim, nesses anos, nasceu a revista *Zerosei* e, posteriormente, a revista *Bambini*.

Da Itália para o mundo inteiro, um mundo com uma sociedade em contínua transformação. É graças a este seu compromisso de ir “mais longe” que na Espanha temos a sorte de conhecer esse projeto coletivo em sua cidade e

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras de Irene

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

Infância nº 100, Barcelona 1998

estabelecemos uma relação muito próxima com você, mas especialmente com Malaguzzi. Loris se torna um participante constante em nossas escolas de verão, por quase vinte anos. Assim, tivemos a sorte de compartilhar com ele as certezas, as dificuldades, as dúvidas sobre a nossa realidade e sobre o mundo daqueles anos, agora há quarenta anos.

Peço desculpas pela minha insolência, mas acho que a nossa cumplicidade foi tão imediata, próxima e forte porque em nós encontrou a possibilidade de trabalhar em estreita colaboração com um grupo de professores antifascistas que sonhavam em um dia conquistar a democracia. Este já era um motivo suficientemente relevante para contar com o seu empenho generoso. A clandestinidade de nosso trabalho fez com que ele se sentisse novamente um jovem partidário.

Mas acho que esse não foi o único motivo. Compartilhamos, modestamente, os mesmos desejos de emancipação das pessoas, principalmente das pessoas de 0 a 6 anos, criando escolas para os mais pequenos e partindo da convicção de que o direito à educação começa com o nascimento. Reconhecemo-nos herdeiros da renovação pedagógica do século XX, um legado que nos impulsionou a ir mais longe, a questionar-nos e a encontrarmos novas respostas.

Também compartilhamos a frustração com os limites óbvios da formação acadêmica de novos professores. Tínhamos a certeza de que o diálogo da prática e da teoria nos permitiria avançar, de uma para a outra. Talvez por isso Malaguzzi se apaixonasse por nossas escolas de verão, porque nesses encontros e diálogos era muito difícil distinguir o tempo de

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras de Irene



reflexão sobre psicologia, sociologia ou neurociências das experiências de escolas e professores que estavam transformando seu cotidiano em vida, escola; os espaços de dança e risos de conversas políticas que surgiram de forma organizada ou espontânea com a participação de pessoas de origens diversas.

Por tudo isto, tivemos a sorte de poder usufruir do seu generoso compromisso conosco, porque o dele também foi o nosso compromisso e Malaguzzi se alimentava e alimentava-o em cada reunião. A pedagogia é política.

2. A incerteza do horizonte

Há vinte anos, a Universidade de Milão organizou um encontro de homenagem a Loris Malaguzzi com um belo título: “Nostalgia do futuro”. Ainda hoje sentimos aquela saudade, porque o Loris tinha essa capacidade de imaginar o futuro, de criar utopias, de ir sempre mais longe.

Na sua ausência, o horizonte é mais incerto para mim.

Vocês, italianos, têm uma capacidade invejável de construir bons títulos, com uma grande dose de metáfora, um dom que não temos. Por exemplo, para a segunda parte da minha intervenção, vou necessitar precisamente do título que deu a uma exposição sua: “O olho que salta o muro”. Sei que “o olho que salta o muro” da exposição de Reggio não se referia ao que agora proponho como um horizonte, mas é aí que surge a incerteza para mim.

Esse olho teve que pular o muro da escola para ter um horizonte amplo, ou pular, na direção oposta, o muro da escola



Reunião estadual de educação infantil, 2005

para descobrir o potencial das crianças. Hoje nos encontramos diante de uma parede que pode parecer intransponível: é a parede do medo que leva à paralisia. Estas são, do meu ponto de vista, as duas grandes forças a vencer nesta crise que vivemos.

Uma crise que está destruindo impunemente algumas das maiores conquistas sociais do século passado, entre elas a educação que havíamos alcançado, de forma mais ou menos generalizada, nos países europeus.

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras de Irene

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene



Há vinte anos, a Europa era para nós uma grande esperança democrática e social.

Há dez anos, na escola de verão, reconhecemos um horizonte comum, que declaramos no manifesto “Por uma nova educação pública”.

Uma declaração que terminou assumindo dois compromissos, partilhados por todas as pessoas e entidades presentes:

1. Trabalhar para tornar realidade o conteúdo da declaração, com o desejo de avançar em cada uma das nossas escolas, cidades ou países para aprofundar as nossas práticas e ações pedagógicas e sociais na ideia de uma nova Europa da cidadania, uma Europa aberta, plural, otimista, criativa, cheia de esperanças e de projetos para o futuro, uma Europa sem fronteiras entre os países que hoje a compõem, solidária com o mundo.

2. Assegurar de forma coordenada que as reformas e políticas educacionais de cada país e da União Europeia possam ser desenvolvidas para reforçar os direitos das crianças, consideradas “cidadãos”, para além do necessário provimento de recursos humanos e materiais.

Dois compromissos que nos permitiram renovar a esperança no futuro e tornar visível a utopia compartilhada: a de uma nova educação pública.

Hoje, tudo o que foi dito na declaração tornou-se tabu, por dois motivos: o primeiro é que a educação pública na Europa está em crise e estamos sitiados pelas ideias neoliberais que dominam a paisagem europeia. A segunda, não menos preocupante, é que a crise econômica e o mundo que a geriu geraram nos nossos países um sentimento comum anti-europeu ou xenófobo.

Devemos estar atentos às ideias que hoje dominam a Europa, que nos deslumbram constantemente com o consumo, o domínio do mercado, o descrédito do público, e o fazem com todos os meios disponíveis, num bombardeio contínuo,

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras de Irene



poderoso, tão poderoso que cega-nos e torna difícil ver as pequenas luzes brilhantes do que existe e resiste, apesar de sua força.

Porém, devemos saber que eles existem, que por toda parte acontecem verdadeiras maravilhas pedagógicas que brilham com sua própria luz.

Mas o que as forças dominantes não sabem é que, como dizia Marta Mata, “a teimosia, uma das qualidades de um bom professor, deve presidir a cada momento à procura de propostas e respostas, para avançar a bom ritmo”.

Então, teimosamente, mas também incerto, acho que é preciso fazer um esforço entre a realidade e a utopia.

Para saltar o muro que nos enfraquece, é preciso superar o pessimismo em que querem nos afogar, para poder ir mais longe, respirar, imaginar, ter esperança, sentir-se forte e poderoso. Devemos ter claro que o horizonte é algo infinito:



quando pensamos que o alcançamos, outro aparece.

Essas realidades feitas apenas de horizontes são um estímulo para avançar, mas podem causar incertezas.

Pode acontecer que um horizonte pareça possível apenas como meta para poucos, mas deve prevalecer o otimismo, que vem da consciência da realidade, da minha idade e também de tantas pessoas que conheço que, com mais ou menos certezas, buscam novos horizontes.

É preciso estar ciente de que, ainda hoje, nossa visão sobre a educação pública - e ainda mais sobre a educação dos mais jovens - é considerada um tanto marginal. Mas essa aparente

marginalização, em vez de nos angustiar, torna-se um estímulo à resistência.

Desse modo, com incerteza, mas também com convicção, proponho três pontos para enfrentar o futuro, com velhos e, ao mesmo tempo, novos horizontes.

Primeiro: fazer da Convenção sobre os Direitos da Criança nossa grande ferramenta.

in-fân-cia lat noamer cana

Palavras de Irene

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene



Viagem de estudos à Eslovênia, 2008

Foi aprovado há vinte e cinco anos, mas ainda é pouco conhecido e, portanto, pouco respeitado. Sei que, para muitos, inclusive Malaguzzi, a Convenção poderia ser melhor, eu sei. Sei que foi feito sem levar em conta as opiniões das crianças, por isso é centrado no adulto. E também é muito eurocêntrico, porque pouco ou nada respeita as diferentes visões culturais sobre a infância que convivem no mundo. Mas, apesar de tudo, penso sinceramente que é um instrumento magnífico para todos os

que reconhecem a criança como uma “pessoa” desde o nascimento, com direitos civis e políticos.

E isso nos remete à dificuldade de separar pedagogia e política, pois têm sido companheiros de viagem na longa conquista da identificação e do reconhecimento dos direitos das crianças.

Se tentarmos, veremos a força que alguns direitos civis podem ter:

- direito à própria identidade,
- direito à liberdade de expressão,
- direito à liberdade de pensamento,
- direito à proteção da privacidade,
- direito de honrar,
- direito de ser ouvido.

Devemos sentir esses direitos muito próximos da educação pela qual lutamos e respeitá-los chama todos os adultos que se relacionam com crianças.

E quanto aos direitos políticos, por exemplo:

- direito à educação,
- direito ao brincar, à cultura e às artes,
- direito a não discriminação.

Os governos devem garantir esses direitos e todos nós que trabalhamos com crianças temos o dever de exigí-los, com a força que nos dá a Convenção sobre os Direitos da

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras de Irene

- Editorial
- História da revista
- Trajectoria de Irene Balaguer
- De que infância estamos falando?
- Que professores precisamos?
- Que escola queremos?
- Das políticas à escola
- Palavras para Irene
- Palavras de Irene
- Bibliografia Irene

Biblioteca José Martí, Cuba 2009



Criança, ratificada por todos os países do mundo, exceto Estados Unidos e Somália.

A Convenção pode nos dar força jurídica e política em todos os lugares, e nos obriga, adultos, a manter uma relação com as crianças de uma forma tão simples e ao mesmo tempo tão profunda como disse Janusz Korczak: “Um dia descobri que não era Devo falar com crianças, senão com crianças”.

Segundo: fazer da democracia nosso estilo, nossa maneira de viver com o outro e com os outros.

Pessoalmente, o que mais me preocupa com a crise é que ela acaba destruindo a democracia. Estou preocupado com a espiral negativa que cerca a democracia formal. Mas ainda mais me preocupa a crise que pode destruir a vida cotidiana. Assim, do meu ponto de vista, um dos grandes horizontes que devemos ter como foco é manter e aumentar a participação, a tomada de decisões e a responsabilidade coletiva.

As pequenas realidades práticas devem ser sustentadas com as crianças e umas com as outras, com os pares e entre si, com as famílias e entre si, com a sociedade próxima. Uma co-construção aparentemente pequena, mas constante, como uma chuva fina que não parece molhar, mas penetra e contribui para reviver e frutificar.

É esta democracia que faz com que os pequenos e os grandes aprendam a pensar e a refletir com autonomia, a ter uma opinião própria, diferente e também em conflito com as dos outros, a ser pessoas livres, solidárias e felizes

Terceiro: fazer das relações a nossa força

Talvez eu esteja errada com este terceiro ponto? Mas onde estive, tive a chance de conhecer pessoas maravilhosas e ótimas escolas. Vocês podem pensar que tive sorte, ou talvez que, embora haja muitos, de países e culturas muito diferentes, eles são sempre uma minoria. Mas são essas margens que sustentam a planície, são precisamente aquelas pequenas luzes, quase invisíveis ou eclipsadas pelos poderosos

in-fân-cia *lat noamer cana* Palavras de Irene



refletores dos poderes que hoje dominam o mundo. Mas eles existem.

Então, trata-se de tecer, tecer uma tapeçaria tão grande e vasta quanto somos capazes. Uma tapeçaria que será diversa, quão diversas são as escolas e quão diversa é a realidade educacional do mundo. A espessura da urdidura será diferente, a cor será diferente e o material será diverso, porque na diversidade reside a sua força. Uma tapeçaria que, no entanto, compartilha uma trama: a de respeitar as crianças, de buscar o melhor para acompanhá-las em seu processo de emancipação e descoberta do mundo.

E agora é possível começar a tecer, a tecnologia permite e facilita; amanhã será normal e disponível para todos.

Trata-se, portanto, de compartilhar os tecidos ou redes que cada um de nós possui, de criar uma grande tapeçaria que nos una, de saber que não estamos sós e que somos muitos, muitos mais do que podemos imaginar, e podemos compartilhar um grande utopia, tornando visível o que existe, mas só isso não podemos ver.

Amigas e amigos, acredito que é o momento oportuno para atuar e sustentar o que temos conquistado e obtido. Devemos organizar a resistência, pois sabemos que a história da humanidade não é linear, mas é feita de avanços e retrocessos. E, precisamente por isso, precisamos considerar amplos horizontes conceituais e geográficos hoje, com a humildade e a certeza de saber que haverá alguns que não poderemos alcançar, mas com a esperança de que outros depois de nós os alcancem.

■ IRENE BALAGUER

(Palavras de Irene Balaguer em Reggio Emilia, no encontro internacional “Educazione e / è politica” (“Educação e / é política”), publicadas na revista Zeroseiup e lembradas por Sergio Spaggiari)

in-fân-cia *lat noamer cana* Bibliografia de Irene

Editorial

História da revista

Trajetória de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

Da biblioteca queremos prestar homenagem com esta amostra bibliográfica a Irene, destacando seu trabalho nas revistas Rosa Sensat desde o início onde publicou artigos na revista Perspectiva Escolar e continuou em sua querida In-fân-cia. Também suas colaborações em outras revistas de educação, suas publicações em conferências, congressos, livros,

ARTIGOS PUBLICADOS NAS REVISTAS ROSA SENSAT INFÂNCIA: EDUCAR DE 0 A 6 ANYS



BALAGUER, Irene; ÒDENA, Pepa; ROIG, Tina; ROS, Roser. “Temps era temps... L'escola d'Estiu”. En: *Infància: educar de 0 a 6 anys*, núm. 13 (juliol/agost 1983), p. 6-9

BALAGUER, Irene. “**Donem-nos a conèixer!**”. En: *Infància: educar de 0 a 6 anys*, núm. 15 (novembre/desembre 1983), p. 10-12

BALAGUER, Irene. “La taqueta groga: de Joan Miró a en Joan petit”. En: *Infància: educar de 0 a 6 anys*, núm. 16 (gener/febrer 1983), p. 13

BALAGUER, Irene. “**Qualitat de l'educació a l'escola bressol**”. En: *Infància: educar de 0 a 6 anys*, núm. 48 (maig/juny 1989), p. 9-11

BALAGUER, Irene. “**Dona i infància**”. En: *Infància: educar de 0 a 6 anys*, núm. 50 (maig/juny 1989), p. 31-32

BALAGUER, Irene. “**En homenatge a un mestre i amic: Loris Malaguzzi**”. En: *Infància: educar de 0 a 6 anys*, núm. 83 (març/abril 1995), p. 2-3

BALAGUER, Irene. “**Marta Mata, mirant al futur**”. En: *Infància: educar de 0 a 6 anys*, núm. 159 (novembre/desembre 2007), p. 5-7

BALAGUER, Irene. “**Avui neixen ensenyats**”. En: *Infància: educar de 0 a 6 anys*, núm. 200 (2014), p. 8-14

“**Conversa amb Irene Balaguer**”. En: *Infància: educar de 0 a 6 anys*, núm. 210 (maig-juny 2016), p. 27-32

in-fân-cia *lat noamer cana* Bibliografia de Irene

Editorial

História da revista

Trajetória de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

INFANCIA: EDUCAR DE 0 A 6 AÑOS



BALAGUER, Irene. **“Palabras de homenaje a Loris Malaguzzi”**. En: Infancia: educar de 0 a 6 años, núm. 29 (enero/febrero 1995), p. 45

MATA, Marta; BALAGUER, Irene. **“La Educación infantil en la aplicación de la LOGSE”**. En: Infancia: educar de 0 a 6 años, nº 50 (julio/agosto 1998), p. 19-34

INFANCIA (BLASI, Mercedes). **“Entrevista a Irene Balaguer (I): el amanecer de Infancia”**. En: Infancia: educar de 0 a 6 años, núm. 175 (mayo/junio 2019), p. 40-42.

Nos próximos números de Infancia (176-177) serão publicadas mais duas partes desta entrevista com Irene.

INFÀNCIA A EUROPA



BALAGUER, Irene. **“Temps lliure”**. En: Infància a Europa, núm. 4 (2003), p. 3

BALAGUER, Irene. **“L'Educació infantil: el somni d'una nit d'estiu?”**. En: Infància a Europa, núm. 5 (2003), p. 11-14

BALAGUER, Irene. **“Gestió social i participació: el cor o el cap a les escoles infantils de Reggio”**. En: Infància a Europa, núm. 6 (2004), p. 47-48

in-fân-cia *lat noamer cana* Bibliografia de Irene

Editorial

História da revista

Trajetória de Irene Balaguer

De que infância estamos falando?

Que professores precisamos?

Que escola queremos?

Das políticas à escola

Palavras para Irene

Palavras de Irene

Bibliografia Irene

BALAGUER, Irene. **“Focus en... Marta Mata i Garriga”**. En: *Infância a Europa*, núm. 12 (2007), p. 32-34

BALAGUER, Irene; MOSS, Peter. **“Vint anys de la Convenció de les Nacions Unides”**. En: *Infância a Europa*, núm. 17 (2009), p. 3-4

BALAGUER, Irene. **“Cal saber-ho”**. En: *Infância a Europa*, núm. 18 (2010), p. 3

BALAGUER, Irene. “La complexitat del que és concret”. En: *Infância a Europa*, núm. 22 (maig 2012), p. 3

BALAGUER, Irene. **“Focus en... Loris Malaguzzi i Europa”**. En: *Infância a Europa*, núm. 26 (2014), p. 29-30

INFANCIA EN EUROPA



BALAGUER, Irene. **“Tiempo libre”**. En: *Infancia en Europa*, núm. 4 (2003), p. 3

BALAGUER, Irene. **“Educación infantil: ¿el sueño de una noche de verano?”**. En: *Infancia en Europa*, núm. 5 (octubre 2003), p. 10-13

BALAGUER, Irene. **“Gestión social y participación: el corazón o la cabeza en las escuelas infantiles de Reggio”**. En: *Infancia en Europa*, núm. 6 (2004), p. 47-48

BALAGUER, Irene; MOSS, Peter. **“El lugar de la infancia en Europa”**. En: *Infancia en Europa*, núm. 7 (2004), p. 12-13

BALAGUER, Irene. **“Construir una visión compartida de la calidad”**. En: *Infancia en Europa*, núm. 7 (2004), p. 12-13

BALAGUER, Irene. **“Foco en... Marta Mata i Garriga (1926-2006)”**. En: *Infancia en Europa*, núm. 12 (2007), p. 33-34

MOSS, Peter; BALAGUER, Irene. **“Veinte años de la convención de las Naciones Unidas”**. En: *Infancia en Europa*, núm. 17 (2009), p. 3-4

BALAGUER, Irene. **“Hay que saberlo”**. En: *Infancia en Europa*, núm. 18 (2010), p. 3

BALAGUER, Irene. **“La complejidad de lo concreto”**. En: *Infancia en Europa*, núm. 22 (Mayo 2012), p. 3

BALAGUER, Irene. “Compartir la experiencia”. En: *Infancia en Europa*, núm. 26 (2014), p. 29-30

BALAGUER, Irene. **“Foco en... Loris Malaguzzi y Europa”**. En: *Infancia en Europa*, núm. 26 (2014), p. 29-30

in-fân-cia lat noamer cana

Bibliografia de Irene

Editorial

História
da revistaTrajetória
de Irene BalaguerDe que infância
estamos falando?Que
professores
precisamos?Que escola
queremos?Das políticas
à escolaPalavras
para IrenePalavras
de IreneBibliografia
Irene

INFANCIA LATINOAMERICANA



“Entrevista Irene Balaguer”. En: Infancia latinoamericana: revista digital de la Asociación de Maestros Rosa Sensat, núm. 1 (abril 2011), p. 36-39

BALAGUER, Irene. “La educación infantil que queremos”. En: Infancia latinoamericana: revista digital de la Asociación de Maestros Rosa Sensat, núm. 4 (abril 2012), p. 2-4

FERRER, Marta (pseudónimo de Irene Balaguer). “Escuela de verano”. En: Infancia latinoamericana: revista digital de la Asociación de Maestros Rosa Sensat, núm. 10 (abril 2014), p. 6-10

PERSPECTIVA ESCOLAR

BALAGUER, Irene; BOIX, A. ; MAJEM, Tere; ÒDENA, Pepa. “Llar d’Infants”. En: Perspectiva escolar, núm. 4 (1975), p. 43-47

BALAGUER, Irene. “Reflexió sobre les activitats a l’escola bressol”. En: Perspectiva escolar, núm. 34 (març 1979), p. 5-7

BALAGUER, Irene; ÒDENA, Pepa. “Les activitats a l’escola bressol: com es pot començar a conèixer el medi”. En: Perspectiva escolar, núm. 37 (setembre 1979), p. 49-53

BALAGUER, Irene. “Conflictes amb les guarderies del PMG de Barcelona”. En: Perspectiva escolar, núm. 38 (1979), p. 51

BALAGUER, Irene. “Les joguines i els jocs dels infants d’escola bressol”. En: Perspectiva escolar, núm. 40 (desembre 1979), p. 40-41

BALAGUER, Irene. “Realitat i legalitat de l’escola bressol”. En: Perspectiva escolar, núm. 93 (març 1985), p. 57-59



in-fân-cia *lat noamer cana* Bibliografia de Irene



BALAGUER, Irene. “**L’Atenció dels infants fora de l’horari**”. En: Perspectiva escolar, núm. 210 (desembre 1996), p. 65-68

BALAGUER, Irene. “**L’Escola d’Estiu de Rosa Sensat**”. En: Perspectiva escolar, núm. 376 (juliol/agost 2014), p. 20-27

BALAGUER, Irene. “**La meva Rosa Sensat**”. En: Perspectiva escolar, núm. 386 (març-abril 2016), p. 64-69

*** Os artigos das revistas Rosa Sensat estão organizados cronologicamente**

ARTIGOS PUBLICADOS EM OUTRAS REVISTAS

BALAGUER, Irene. “La creación de Rosa Sensat”. En: Participación educativa, núm. Extra 1 (2007), p. 23-29. Ejemplar dedicado a Marta Mata i Garriga, una vida para la educación.

BALAGUER, Irene. “Europako kalitate parametroak lehen haurtzaroan”. En:

Jakingarriak, núm. 48 (2003), p. 26-33. Ejemplar dedicado a Haur Eskola 0-3

BALAGUER, Irene. “Marta Mata presidenta del CEE”. En: Participación educativa, núm. 2 (2006), p. 8-9. Ejemplar dedicado a: Asociacionismo estudiantil y participación de los estudiantes.

BALAGUER, Irene. “Pensar la educación”. En: Monitor educador, núm. 111 (2005), p. 40-42

BALAGUER, Irene. “Repercusión de la experiencia (Reggio Emilia) en España”. En: Cuadernos de pedagogía, nº 307 (noviembre 2001), p. 79-80 . Ejemplar dedicado Reggio fuera de Reggio

BALAGUER, Irene; LÓPEZ, Ester. “Irene Balaguer, presidenta de l’Associació de Mestres Rosa Sensat: ‘en educació, ens enfrontem a la major pobresa d’idees de la història’”. En: Vincles, núm. 36 (desembre 2006/gener 2007), p. 50-53

MARÉS BERMUDEZ, Josep; BALAGUER FELIP, Irene [et al.]. “Llars d’infants”. En: Pediatría catalana: butlletí de la Societat Catalana de Pediatría, vol. 58 núm. 6, p. 364

RIUS, Josep Carles. “**Irene Balaguer i el diari**”. En: El Diari de l’Educació, 28 de desembre de 2018

Accés lliure: <http://diarieducacio.cat/irene-balaguer-i-el-diari> [Consulta 5 de juny de 2019]



in-fân-cia *lat noamer cana* Bibliografia de Irene



LIVROS



La Atención a la primera infancia (0-6): bases para una política socio-educativa de igualdad de oportunidades: (una reflexión sobre la situación actual en España). Madrid: Ministerio de Asuntos Sociales. Dir. Gral. de Protección Jurídica del Menor, 1989 (Materiales de trabajo; 2)

A la part superior de la portada: Xarxa Europea de Modalitats d'Atenció a la Infància.

BALAGUER, Irene (coord.). Ai, que bé!: Marta Mata, 22 juny 2001, 75 anys. Saifores: Fundació Àngels Garriga de Mata, 2001
BALAGUER, Irene; ALTIMIR, David. "La cotidianitat y sus valores". En: Educación infantil y valores. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1999, p.75-114

BALAGUER, Irene [et al.]. Aportacions a la formació dels educadors de llars d'infants. Vic: Eumo, 1993 (Documents; 20)

BALAGUER, Irene [et al.]. Psicopedagogía del nen de 0 a 36 mesos. 3a ed. Barcelona : Rosa Sensat, 1984 (Dossiers Rosa Sensat; 4)

BALAGUER, Irene. Dones, desigualtat de gènere i desenvolupament: conclusions del cicle "La desigualtat femenina segons els indicadors universals de gènere per al desenvolupament social", IX i X legislatures. Barcelona: Parlament de Catalunya, 2015

BALAGUER, Irene; BASSEDAS, Mercè [et al.]. Evaluación de Centros de Educación Infantil; guía de aplicación: (ACEI, ACEI Cuantitativo, Cuestionario para las Familias). Coord.: Pere Darder, Juan Mestres. Barcelona: Onda, 1994

BALAGUER, Irene; BOIX, Adela; ÒDENA, Pepa. Com equipar una guarderia infantil. Barcelona: Nova Terra, 1974 (Quaderns d'educació; 10)

BALAGUER, Irene; GARCÍA, Mònica; MAJEM, Tere; MASSÓ, Elisenda; RAMOS, Montserrat. Temps lliure: centre de reciclatge i taller de creació. Barcelona: Fundació Artur Martorell: Associació de Mestres Rosa Sensat, 2005

Encàrrec de l'Associació de Mestres Rosa Sensat com a part del projecte Aprop II, subvencionat pel Programa sobre Nous Jaciments d'Ocupació del Departament de Treball de la Generalitat de Catalunya i cofinançat pel Fons Social Europeu.

BALAGUER, Irene; JUBETE, Montserrat; ROCA, Enric. Educar de 0 a 3 anys: una professió amb futur. Barcelona: Fundació Artur Martorell: Associació de Mestres Rosa Sensat, 2005

in-fân-cia *lat noamer cana* Bibliografia de Irene



Encàrrec de l'Associació de Mestres Rosa Sensat com a part del projecte Aprop II, subvencionat pel Programa sobre Nous Jaciments d'Ocupació del Departament de Treball de la Generalitat de Catalunya i cofinançat pel Fons Social Europeu.

BASSEDAS, Mercè; JUBETE, Montserrat; MAJEM, Tere. Espais familiars: serveis educatius per als infants de 0 a 3 anys i les seves famílies. Pròleg: Irene Balaguer. Barcelona: Associació de Mestres Rosa Sensat, 2005 (Temes d'infància; 50)

BALAGUER, Irene; MAYORDOMO, Alejandro; MATA, Marta. Tres qüestions a debat: els ciutadans més petits, municipi i educació, les ciutats educadores. Barcelona: La Diputació. Àrea d'educació, 1994 (Temes d'educació; 7)

BALAGUER, Irene; MESTRES, Juan; PENN, Helen. Calidad en los servicios para la infancia: un documento de estudio. [Londres]: Red de Atención a la Infancia de la Comisión Europea, 1992?

BALAGUER, Irene; ÓDENA, Pepa. "L'educació infantil". En: Repensar la pedagogia, avui. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2001, p. 71-78

LIVROS, ARTIGOS E OBRAS SOBRE IRENE BALAGUER

"A infância foi vital para Irene, ela amava a democracia e a justiça e tinha uma ideia fundamental: formar pessoas capazes de construir uma sociedade mais democrática e justa. Apaixonada, não parava de promover as expressões artísticas, literatura juvenil, experimentação científica ou conselhos de alunos.

Determinada, ela sempre se referiu aos direitos da criança, mas associando-os aos deveres dos adultos.

Profundamente engajada, ela relacionou pedagogia e política, com uma lucidez extraordinária, desconfiando dos lugares comuns e facilidades retóricas. Ela sempre voltava ao «pequeno gesto», ao cotidiano da classe e à concretização de situações educativas, pois é aqui onde se prova a autêntica determinação da pedagoga que ela era."

Philippe Meirieu

BAIG, Assumpta. "**En record a Irene Balaguer**". En: Educar avui: el blog de la Associació de Mestre Rosa Sensat, 3 de gener de 2019. Acceso disponible en: <http://www.blogrosasensat.org/2019/01/comiat-irene-balaguer.html> [Consulta: 18 de junio de 2019]

"Conversa amb Irene Balaguer". En: Infància: educar de 0 a 6 anys, núm. 210 (maig-juny 2016), p. 27-32

"L'escola de l'Irene Balaguer". En: Infància: educar de 0 a 6 anys, núm. 226 (gener/febrer 2019), p. 1

"La escuela de Irene Balaguer". En: Infancia: educar de 0 a 6 años, núm. 173 (enero/febrero 2019), p. 1

ESSOMBA, Miquel Àngel. "Irene". En: Perspectiva escolar, núm. 404 (març-abril 2019), p. 60-61

MEIRIEU, Phillippe. "Per a Irene". Educar avui: el blog de la Associació de Mestre Rosa Sensat, 18 de gener de 2019. Acceso disponible en: <http://www.blogrosasensat.org/2019/01/per-irene.html>. [Consulta: 18 de junio de 2019]

in-fân-cia lat noamer cana

Bibliografia de Irene



OLLONARTE ROVIRA, Xavier. "Història de vida professional d'Irene Balaguer". En: La Vigència, les aportacions i les reapropriacions del pensament de Loris Malaguzzi: la narrativa de quatre històries de vida professionals. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2017, p. Tesi doctoral.

"Irene querida". En: Infancia latinoamericana: revista digital de la Asociación de Maestros Rosa Sensat, núm. 24 (diciembre 2018), p. 2

DOCUMENTOS AUDIOVISUAIS



Irene Balaguer parla sobre la mestra Rosa Sensat, 2 de diciembre de 2014. Acceso disponible en: <https://vimeo.com/113378824>. [Consulta: 5 de junio de 2019]. Video de Vimeo

La força d'un somni. De l''escuela nacional" a l'escola pública i catalana. Dirigido por Agustí Corominas. Acceso disponible en: <https://www.ccma.cat/tv3/alacarta/el-documental/la-forca-dun-somni-de-lescuola-nacional-a-lescola-publica-i-catalana/video/4706411/>. [Consulta: 5 de junio de 2019]. Entrevista a Irene Balaguer a partir del minuto 20'04". Video de TV2

La escuela olvidada [enregistrament de vídeo]. Dirigido por Sonia Tercero. [Madrid]: Televisión Española: Time zone, 2010. 1 DVD, 52 min. Entrevista a Irene Balaguer

Acte d'inauguració de la 50a Escola d'Estiu amb Irene Balaguer i Ada Colau, 8 de julio de 2015. Acceso disponible en: <https://vimeo.com/132916295>. [Consulta: 5 de junio de 2019]

És important recuperar la feina de mestres més o menys anònims que han fet grans coses, 29 de junio de 2015. Acceso disponible en: <https://vimeo.com/132128786>. [Consulta: 5 de junio de 2019]

Irene Balaguer de Rosa Sensat parla sobre l'educació davant el 15M de Barcelona, 24 mayo 2012. Acceso disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=WntfwaaruP8>. [Consulta: 5 de junio de 2019]

BIBLIOTECA ROSA SENSAT
BIBLIOTECA@ROSASENSAT.ORG

próxima edição de

in-fân-cia *lat noamer cana*

Primeira infância e pandemia: aprendizagens e desafios (1)

n°28

REVISTA DIGITAL DA ASOCIACIÓN DE MAESTROS ROSA SENSAT
ABRIL 2020

Editores Redação Coordenação Conselhos Apoios

in-fân-cia editores

latinoamericana



Asociación de Maestros Rosa Sensat

Teléfono: +0034 93 481 73 73

latinoamericana@revistainfancia.org

ISSN 2014-5470
D. L. B-4019-2012

nº28

REVISTA DIGITAL DA ASSOCIAÇÃO DE MAESTROS ROSA SENSAT
ABRIL 2020

Editores Redação Coordenação Conselhos Apoios

in-fân-cia redação

lat noamer cana



Elaboração e coordenação: **Rosa Ferrer y Sílvia Morón**

Teléfono: +0034 93 481 73 81
rosaferrer@rosasensat.org

Layout: **Clara Elias**
Projeto: **Enric Satué**

Tradução no dia: Alba Sala Bellfort e Angels Polo Mañá
Tradução dos artigos: Maria Lucchetti

Equipe de tradução do espanhol para o português:

Andréa Simões Rivero
Maria Carmen Silveira Barbosa
Mônica Appezzato Pinazza
Regina Ingrid Bragagnolo
Sonia Larrubia Valverde
Suely Amaral Mello

Brasil

Co-editores:

María Carmen Silveira Barbosa
Sônia Larrubia
Monica A. Pinazza
Ana Lucia Goulart de Faria
Suely Mello

n°28

REVISTA DIGITAL DA ASSOCIAÇÃO DE MAESTROS ROSA SENSAT
ABRIL 2020

Editores

Redação

Coordenação

Conselhos

Apoios

in-fân-cia *lat noamer cana* coordenação



Patricia Redondo
Argentina

María Carmen Silveira Barbosa
Brasil

María Victoria Peralta
Chile

Maribel Vergara Arboleda
Colombia

Anita Tacuri
Ecuador

Jennifer Haza
México

Marien Peggy Martínez
Paraguay

Rossina Vanessa Sánchez
Perú

Lala Mangado
Uruguay

Ramona Bolívar
Venezuela

n°28

REVISTA DIGITAL DA ASSOCIAÇÃO DE MAESTROS ROSA SENSAT
ABRIL 2020

in-fân-cia conselho

Editores Redação Coordenação Conselhos Apoios

lat noamer cana



Argentina

BUENOS AIRES

Patricia Redondo
Stella Maris Bellone
Alejandra Bianciotti
Margarita Botaya
Elisa Castro
Claudia Cuestas
Patricia Kaczmarzyck
Patricia Lande
Mónica Lucena
María Ana Manzione
Cristina Ángela Martínez
Silvina Mazzoleni
Viviana Rancaño
María Silvia Rebagliati
Alejandra Sokolowicz
Daniela Sposato
Mónica Vitta
Laura Vilte

Brasil

RIO GRANDE DO SUL

Sandra Regina Simonis Richter
Susana Fernandes
Marta Quintanilha Gomes
Jaqueline Moll

SANTA CATARINA

Altino Martins Filho
Roselane Campos

PARANÁ

Catarina de Souza
Gizele de Souza
Carla Agulham

SÃO PAULO

Ana Paula Soares Silva
Anete Abramowicz

RIO DE JANEIRO

Ligía Aquino
Fernanda Bortone

DISTRITO FEDERAL

Maria Aparecida Carrano

MINAS GERAIS

Isabel de Oliveira e Silva
Livia Maria Fraga Vieira
Mônica Ângela de A. Meyer
Vanessa Ferraz Almeida Neves
Rita Coelho

CEARA

Silvia Helena Vieira Cruz

BAHIA

Marlene Oliveira dos Santos

MARANHÃO

Fabiana Oliveira Canavieira

ALAGOAS

Telma Vitória
Lenira Haddad

SERGIPE

Maria Cristina Martins

Colombia

BOGOTÁ

Maribel Vergara Arboleda

n°28

REVISTA DIGITAL DA ASSOCIAÇÃO DE MAESTROS ROSA SENSAT
ABRIL 2020

in-fân-cia conselho

Editores Redação Coordenação Conselhos Apoios

lat noamer cana



Alice Marcela Gutiérrez
Liliana Bohórquez
Constanza Alarcón
Clara Inés Sánchez
Johanna Quiroga
Ruth Stella Chacon
Viviana Torres
Sandra Duran

MEDELLÍN

Alejandra María Restrepo
GIRARDOT
Patricia Alvis Orjuela

Cuba

Olga Franco Garcia

Chile

María Victoria Peralta
Ximena Araya Aguirre
Irma Branttes Morales
Eugenia Aránguiz Dinamarca
Nuri Gárate Acosta
Alicia Lobos Sandoval
Nadra Fajardín Pizarro
Eliana Corsi Peñaloza
Loreto Salinas
Pamela Díaz
Ximena Venegas Córdova
Fernanda Mira Fernández

Ecuador

Anita Tacuri
Magaly Cordova Jaramillo
Ruth Rios Bayas
Rosa Chavez Barrionuevo
Carolina Larrea Astudillo

España

Rosa Ferrer
Alba Tafunell
Mercedes Blasi
Silvia Morón
Reina Capdevila
Gabriel Potrony

Guatemala

Sebastina Seto

México

Jennifer Haza
René Sánchez
Norma Castillo
Martha Baldenegro
Laura Emilia Moreno Rodríguez
Eloina Campos

Paraguay

Ana Basso
Marijo Beiga
Odila Benítez
María Elena Cuevas
Maricha Heiseke

Marien Peggy Martínez Stark
Patricia Misiego
Claudia Pacheco
Nelly Ramírez
Bell Sánchez
Marcela Scaglia
María Victoria Servin

Perú

Cecilia Noriega Ludwick
Rosina Vanessa Sánchez Jiménez
Elena Velaochaga de Le Bienvenu
Olga Patricia Vergara Bao

Uruguay

Alicia Milán
Javier Alliaume
M^{ra}. Ema Disego
Adriana Espasandin
Yolanda Oyarbide
Lala Mangado
Gabriela González

Venezuela

Guadalupe Ballesteros
Ramona Bolívar
Faviola Escobar
Reina Galindo
Luisa Martínez
Freija Ortega
Mariangel Rodríguez
María Eugenia Gómez